

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação do Departamento de História

Danilo Araujo Marques

Constelação Bloch

viagem através de uma filosofia utópico-kairológica da
história

Belo Horizonte
2022

Danilo Araujo Marques

Constelação Bloch

viagem através de uma filosofia utópico-kairológica da
história

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para a obtenção do título de Doutor em História

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Murgel Starling

Belo Horizonte

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História

2022

901 Marques, Danilo Araújo.
M357c Constelação Bloch [manuscrito] : viagem através de
2022 uma filosofia utópico-kairológica da história / Danilo
Araújo Marques. - 2022.
165 f.
Orientadora: Heloisa Maria Murgel Starling.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1 História – Teses. 2. História – Filosofia – Teses.
3. Utopia – Teses. 4. Bloch, Ernst, 1885-1977. I. Starling,
Heloisa Maria Murgel . II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**FOLHA DE APROVAÇÃO****"Constelação Bloch: viagem através de uma filosofia utópico-kairológica da história"****Danilo Araujo Marques**

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Heloísa Maria Murgel Starling - Orientadora
UFMGProf. Dr. Alysson Leandro Barbate Mascaro
USPProf. Dr. Douglas Attila Marcelino
UFMGProfa. Dra. Olgária Chain Féres Matos
USPProf. Dr. Fábio Mascaro Querido
UNICAMP

Belo Horizonte, 29 de agosto de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **OLGARIA CHAIN FERES MATOS, Usuária Externa**, em 01/09/2022, às 14:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Heloisa Maria Murgel Starling, Professora do Magistério Superior**, em 01/09/2022, às 16:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Douglas Attila Marcelino, Professor do Magistério Superior**, em 02/09/2022, às 13:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Mascaro Querido, Usuário Externo**, em 05/09/2022, às 11:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alysson Leandro Barbate Mascaro, Usuário Externo**, em 06/09/2022, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1692875** e o código CRC **069D18E9**.

Para Vitória. Mais uma vez.
Sempre.

agradecimentos

Uma tese de doutorado sempre é escrita só por uma pessoa, mas nunca é realizada por uma pessoa só. Basta reparar no intervalo de quatro ou cinco anos que separam a concepção da finalização. Neste meio-tempo, uma criança nasce e forma o seu caráter, um adolescente deixa de ser criança, uma graduação começa e é concluída, figuras ascendem e despencam, tempestades chegam e vão embora, pesadelos passam, governos acabam... E a passagem do tempo parece ainda mais vertiginosa quando uma parcela significativa deste intervalo é suspensa, como num lapso, pelo advento de algo totalmente inesperado. Foi o que ocorreu com a pandemia de Covid-19. Pelo menos dois longos anos foram tragados por este acontecimento global. Sem dúvida um novo marco na história recente.

Em vista de tudo isso, é preciso reconhecer que há uma diversidade de influências neste trabalho. De pessoas, lugares, momentos. A toda essa multiplicidade quero render não um frio e distante “obrigado”, mas um franco e caloroso “agradecido”. Pois é justo a pompa latina da raiz *gratus* que mais dá conta de expressar o sentimento de retribuição ao acolhimento – essa graça que é dada de graça.

Primeiro, àquela que está sempre comigo: Vitória. Por tudo que já construímos e por todos os projetos que estão diante de nós. Por tudo que você é. Companheira, amiga, amada. Acolhida maior não há.

Aos meus pais, Odilon e Nilda, e ao meu irmão, Edgar, pelo amor, carinho e bem-querer de sempre. À memória da vó Estelita: que, por pouco, não viveu para ver esse momento, mas foi bem capaz de adiantar “o orgulho de ter um neto

doutor”, como gostava de dizer. E sempre fazia questão de lembrar: “porque doutor é quem faz doutorado, né?”.

À minha segunda família, Robson, Leila e Samara, que, ao lado de Sirlene e Fábio, Valquíria e Jardel, formaram uma ilha de afeto durante os meses mais difíceis da pandemia. Também aos amigos Tiago e Val, Dani, Sil e a divertida Bia pelos encontros felizes no “nosso sítio” – o lugar com o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

À minha orientadora, Heloisa Starling, pelos anos de aprendizado, confiança e amizade. Chega a ser trivial, mas é a mais pura verdade: essa tese não seria a mesma sem as nossas longas conversas – sobre qualquer coisa. Aos amigos e amigas que também levo dessa década de Projeto República: Marcela Telles, Bruno Viveiros, Pauliane Braga, Wilkie Buzatti, Rafael da Cruz, Davi Aroeira, Igor Gomes, Vinícius Garzón, Lígia Germano, José Queiroz, Kelly Morato, Cecília Carvalho e tantos outros e outras. Este trabalho traz um pouco de cada um daqueles papos escorados na janela da sala de pesquisa – sobre qualquer coisa.

Aos professores que gentilmente aceitaram participar da banca de defesa, Olgária Matos, Fábio Mascaro Querido, Alysson Mascaro e Douglas Atilla Marcelino. Agradeço ainda ao professor Marcelo Jasmin pelo respeito, interlocução e indicação de ideias valiosas na banca de qualificação.

Aos alunos e alunas do curso de graduação em História da UFMG que se matricularam na disciplina “Que marxismo é esse? Sobre Lukács, Korsch, Bloch e Benjamin”, oferecida como estágio docente durante o primeiro semestre de 2020. Agradeço a confiança, a companhia e as boas doses de conversa – ainda que em um inusitado Ensino Remoto Emergencial (ERE), imposto pela necessidade de distanciamento social.

Aos professores Paulo Arantes, Michael Löwy e Arno Münster, pela generosidade na troca de e-mails e ideias. É um privilégio ter contato direto com autores tão fundamentais na bibliografia deste trabalho.

Aos amigos Breno Mendes, Augusto de Carvalho e Walderez Ramalho, que acompanharam este trabalho desde a concepção até a finalização, com toques, sacadas, conceitos. E, na reta final, até mesmo com material bibliográfico vindo do outro lado do mundo. De *Kairós* a *Kyoto*!

A Bruno Hanke, que, há algum tempo, me ajuda a desatar o nó da consciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos quatro anos de apoio financeiro. Que pesquisadores e pesquisadoras deste país sejam devidamente respeitados em suas atividades. Bolsa de pesquisa não é assunto para depois. É o futuro aqui e agora.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais, minha segunda casa. Onde, há mais de dez anos, fui acolhido e, desde a iniciação científica, tive todas as condições para me formar como pesquisador – com muito orgulho!

A todas as várias pessoas que cabem no espaço de uma vida, minha mais genuína gratidão.

Tudo esquisito, tudo muito errado

Mas a gente chega lá.

(Caetano Veloso, **Sem samba não dá**, 2021)

resumo

Conhecido na história do pensamento ocidental como “filósofo da esperança”, o pensador alemão Ernst Bloch (1885-1977) parece *ainda não* ter sido suficientemente lido por historiadores e historiadoras. Esta tese tem como objetivo apresentar a filosofia blochiana da história a partir de uma viagem por sua vida e obra, orientada pelo olhar do historiador e pelo signo do que chamamos de uma ética “utópico-kairológica”. Para isso, voltamos a conceitos e categorias que fundamentam essa conduta de quem investiga traços de futuro no aqui e agora, bem como ao circuito intelectual formado a partir dela. Por fim, buscamos mostrar como o próprio Bloch agiu no sentido de sua filosofia utópico-kairológica da história, ao se portar como um “historiador do presente” diante de dois importantes acontecimentos do século XX. Esta tese é animada pela hipótese de que o retorno à filosofia blochiana da história talvez ofereça uma alternativa teórica para a encruzilhada de tempos em que vivemos.

palavras-chave: Filosofia da História, Tempo Histórico, Utopia, Kairós, Ernst Bloch.

abstract

Known in the history of western thought as the “philosopher of hope”, the German thinker Ernst Bloch (1885-1977) still seems not to have been sufficiently known by historians. This thesis aims to present the Bloch's philosophy of history based on a journey through his life and work, guided by the historian's gaze and by the sign of what we claimed as an “utopian-kairological” ethic. For this, we return to concepts and categories that underlie this conduct of those who investigate traces of the future in the “here and now”, as well as the intellectual circuit formed from it. Finally, we seek to show how Bloch himself acted in the sense of his utopian-kairological philosophy of history, by behaving as a “historian of the present” in face of two important events of the 20th century. This thesis is animated by the hypothesis that the return to the Blochian philosophy of history perhaps can offers a theoretical alternative to the crossroads of times in which we live.

keywords: Philosophy of History, Historical Time, Utopia, Kairos, Ernst Bloch.

sumário

PRÓLOGO

diário de bordo sobre o significado prático de esperança.....11

INTRODUÇÃO

observatório para um pensamento constelar.....21

1. ERNST BLOCH

vida e obra no sentido de uma filosofia utópico-kairológica da história.....30

1.1. **Espírito da utopia** | primeiros traços de uma outra compreensão da história.....33

1.2. **Tradição da esperança** | por uma “História no seu sentido fecundo”41

1.3. **Herança desta época** | a história e suas não-contemporaneidades.....51

1.4. **Princípio Esperança** | quando a história se põe a contar futuros.....64

1.5. **Uma questão intrincada** | breves considerações sobre o lugar da tradição judaica no pensamento blochiano.....83

2. QUE MARXISMO É ESSE?

Ernst Bloch e a formação de um “marxismo disruptivo”.....90

2.1. Bloch e a obscuridade do instante vivido.....	99
2.2. Korsch e Lukács: materialismo crítico e instante de decisão.....	104
2.3. Benjamin e o tempo de agora.....	108
2.4. Instantaneísmo: uma nova consciência histórica para o marxismo.....	110
3. “CAIR NO AGORA”	
Ernst Bloch como historiador do presente.....	121
3.1. Traço, evidência e história do presente uma via tucidideana?.....	127
3.2. Nas páginas do <i>Freie Zeitung</i> crônica dos últimos dias de guerra em defesa da democracia.....	132
3.3. No intenso agora 1968 sob escrutínio de uma filosofia utópico-kairológica.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
Numa encruzilhada de tempos.....	149
BIBLIOGRAFIA	155

PRÓLOGO

diário de bordo sobre o significado prático de esperança

Este é um trabalho em busca de futuro.

Permitam-me começar com aquilo que os arquitetos chamam de “descrição de trajeto”. A ideia desta tese surgiu ainda em 2016, como decorrência de uma dissertação de mestrado defendida um ano antes e intitulada “No fio da navalha: historicidade, pós-modernidade e fim da História”¹. Nela, busquei mostrar como os finalismos do filósofo francês Jean-François Lyotard² e do politólogo norte-americano Francis Fukuyama³ dão testemunho de um tempo histórico marcado por expectativas decrescentes. Como se o “fim das metanarrativas” e o “fim da História” fossem manifestações sintomáticas do tal “regime de historicidade presentista” de que fala o historiador François Hartog⁴, ou do “novo tempo do mundo”, comentado pelo filósofo Paulo Arantes⁵. O tempo de um presente autocentrado, hipertrofiado, voltado para si mesmo. Uma espécie de *carpe diem* inautêntico, que faz pouco caso do passado, mas também não se interessa por aquilo que há de vir.

Ocorre que ficar apenas no registro da experiência de um tempo alheio ao futuro parecia insuficiente. Como ensina o pensador Walter Benjamin: “A tendência só não basta [...] Certamente, as opiniões têm, apesar de tudo, grande importância,

¹ O trabalho foi publicado em 2017. Cf. MARQUES, Danilo Araujo. **No fio da navalha: historicidade, pós-modernidade e fim da História**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

² LYOTARD, Jean-François. **La condition postmoderne: rapport sur le savoir**. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

³ FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: The Free Press, 1992.

⁴ HARTOG, François. **Régimes d'historicité: présentisme et expérience du temps**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.

⁵ ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

mas a melhor opinião de nada serve se não fizer alguma coisa de útil àqueles que a partilham”⁶. Foi então que me propus a pensar sobre possibilidades alternativas para o diagnóstico de tempo que serviu como *background* da minha dissertação de mestrado.

Vereda aberta. Para seguir em frente, optei por uma disposição benjaminiana: voltar ao passado para nele procurar “a centelha da esperança” – “uma centelha que”, como diz Michael Löwy, “pode incendiar a pólvora *no presente*”⁷. Objetivo implicado. E foi o próprio Walter Benjamin quem primeiro me forneceu pistas valiosas nesta jornada. Inclusive aquela que viabilizou a construção de meu objeto de estudo. Pois, a partir da leitura de sua obra, tive contato com outro pensador, também alemão, também de origem judaica, amigo próximo. Um alquimista do conhecimento, renegado por seus pares e ainda pouco conhecido por historiadores e historiadoras. Alguém que teimava em falar, a sério, de utopia numa época distópica. Ernst Bloch, o arquiteto daquela esperança ateadada pela centelha de que fala Benjamin em sua sexta tese sobre o conceito de história.⁸

De volta desse “salto sob o céu livre da história”⁹ e com o objeto de pesquisa um pouco mais definido, ainda em 2016 resolvi encarar o processo de seleção para

⁶ Citado em ABENSOUR, Miguel; ARANTES, Urias (Org.). **O novo espírito utópico**. Tradução de Claudio Stieltjes, Lucy R. de Moura, Lygia Watanabe, Urias Arantes. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990, p.151.

⁷ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005, p.66.

⁸ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**, (Tese VI), p.65.

⁹ LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**, (Tese XIV), p.119.

o doutorado, animado por aquele ensinamento de Hannah Arendt segundo o qual até

mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra.¹⁰

Ainda que a nível estritamente individual, a proposta de pesquisa ganhava um sentido e, de quebra, seu principal motivo: para mim, Ernst Bloch serviria como a fonte dessa iluminação. Um testemunho de “tempos sombrios” que aponta para a possibilidade de outros horizontes – aqui e agora.

Em um artigo publicado na revista “História da Historiografia” cheguei mesmo a afirmar que havia chegado o momento de “*repetir* Bloch”. Não no sentido vulgar da importação passiva, imitação ou mera cópia de suas ideias no século XXI. Pelo contrário. Trata-se de “repetir” na acepção mesma do latim *re-petere*, que diz mais sobre “pedir, interrogar, procurar novamente”¹¹. “Revisitar sua obra não apenas no campo do que efetivamente foi feito, mas daquilo que não lhe foi possível fazer, do horizonte que se manteve inalcançável, inconcluso.”¹²

¹⁰ ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹¹ CUNHA, Antônio Geraldo da. REPETIR. In: **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

¹² MARQUES, Danilo Araujo. Em busca do futuro perdido: Ernst Bloch, a história e a subterrânea “tradição da esperança”. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 10, n. 25, 26 mar. 2018.

Estávamos em 2017. O Brasil já vinha colecionando uma sucessão de crises que se arrastavam, pelo menos, desde 2013. Instabilidades dos mais variados matizes: política, econômica, social, institucional, de representatividade, de autoimagem. “Todo dia um 7 a 1 diferente” tornou-se uma expressão corriqueira, engraçadinha, quase banal. Contudo, nem a mais aguda das turbulências poderia indicar o que aconteceria dali a um ano. Em 2018, inauguramos um novo “tempo histórico”, diria Hannah Arendt. E saltamos para dentro de nossos próprios “tempos sombrios”. Esperança virou um artigo raro na mesa dos brasileiros. E aquela experiência de um tempo alheio ao futuro pareceu se aprofundar, frente à ausência de um projeto de país e de uma declarada disposição para “desconstruir muita coisa, desfazer muita coisa”.¹³ O choque seguia. E a conversa com Bloch tornava-se ainda mais urgente.

Daí veio a pandemia causada pelo novo coronavírus. E, acompanhado deste simples “mecanismo de reprodução” sem “vida nem metabolismo próprios”¹⁴, ganhou protagonismo um velho e conhecido afeto que também se projeta para a frente: o medo. Se, antes, a ausência de expectativas parecia resultar de um horizonte borrado e sem definição, para onde caminhávamos de maneira meio melancólica, meio apática, numa espiral de “mais do mesmo”¹⁵; agora, um horizonte

¹³ STARLING, Heloisa M.; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p.12.

¹⁴ CARVALHO, Bernardo. **O último gozo do mundo**: uma fábula. Companhia das Letras, 2021, p.23.

¹⁵ Cf. NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

sombrio passou a atuar como o gatilho daquele que talvez seja o mais presentista dos impulsos: a autopreservação. Diante do assombro cotidiano da morte – a maior de todas as antiutopias –, no Brasil, o futuro converteu-se na morada do medo.

Neste meio tempo, as conversas com Bloch tornaram-se mais escassas. Parecia que aquele desejo de “repeti-lo” ia ficando cada vez mais distante, menos palpável – inviável até – em face da imposição de uma realidade degradada. Haviam se passado três anos, mas a sensação era de nove. Ainda tive a excelente oportunidade de oferecer um estágio docente sobre o tema no curso de graduação em História da UFMG.¹⁶ Mas, em que pesem as ótimas conversas com alunas e alunos brilhantes, algumas questões continuavam a me assombrar. Quando a crise é civilizacional, existe espaço para falar de sonhos acordados, do que *ainda não é*? Cabe tratar de utopia em tempos distópicos? O medo da barbárie não repele a esperança de dias melhores? Além do mais, como afirma o filósofo Ivan Boldyrev, “Ernst Bloch (...) *is currently not a ‘hot’ topic*”¹⁷...

Foi então que outra centelha do passado se acendeu. E, da virada do século XVI para o XVII, o poeta inglês John Donne respondeu a todas aquelas questões com apenas um verso, num tom um tanto místico: esperança e medo são “velhas

¹⁶ Refiro-me à disciplina “Que marxismo é esse? Sobre Lukács, Korsch, Bloch e Benjamin” ofertada durante o primeiro semestre de 2020 no curso de graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹⁷ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**: locating utopian messianism. London: Bloomsbury Academic, 2015, p.1.

irmãs gêmeas”!¹⁸ A grande ficha caiu – para usar a imagem da genial Laerte.¹⁹ Em apenas um lance, o poeta jacobita foi capaz de mostrar que Bloch – a “luz bruxuleante” de outros tempos – não preconizava a existência de um “espírito utópico” desgarrado da realidade. Muito pelo contrário. Seu húmus é justamente o real, o concreto, ainda que putrefeito, ainda que sombrio. É por isso que Bloch não fala apenas em esperança – um afeto nobre, de corte sublime na tradição cristã²⁰ –, mas de “princípio esperança”: o impulso ético que, pela via da ação, aqui e agora, nos lança em direção ao futuro.

E não se trata propriamente de castelos sobre as nuvens ou de uma Nova Atlântida. Entre outras coisas, o princípio esperança propõe um exercício interessante. Pois, se no presente anima a ação, quando projetado para o passado, ilumina traços da realidade que, se hoje parecem triviais, um dia foram imaginados para além dos limites daquilo que estava colocado. Ou como bem resumiu o filósofo Massimo Cacciari: “o possível não se realiza se não se tenta aquilo que no passado parecia impossível.”²¹ Pense por um minuto no advento da anestesia e a

¹⁸ DONNE, John. “To Mr. Thomas Woodward (‘Pregnant again’)”. **The complete poems of John Donne**. Edinburgh Gate (UK): Pearson Education Limited, 2010, p.41-42. “Pregnant again with th’old twins, Hope and Fear,/ Oft have I asked for thee, both how and where/ Thou wert, and what my hopes of letters were.”

¹⁹ LAERTE. **Manual do Minotauro**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.

²⁰ Lembro, aqui, da piedosa oração de São Francisco de Assis: “Onde houver desespero, que eu leve a esperança / Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. / Onde houver trevas, que eu leve a luz.” Cf. BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco: uma mensagem de paz para o mundo atual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

²¹ CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. **Ocidente sem utopias**. Tradução de Íris Fátima da Silva Uribe, Luis Uribe Miranda, Flávio Quintale. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, 2017, p.105.

concretização da possibilidade de nunca mais ser obrigado a ter que suportar a dor. Ou na vacina, para não ter que conviver com o risco iminente da morte – como se doenças e epidemias manifestassem incontornáveis desígnios divinos²². Ou, quem sabe, até mesmo para confrontar o absurdo cínico da máxima “E daí? Quer que eu faça o que? É o destino de todo mundo.”²³

Do futuro do presente ao futuro presente. Ernst Bloch coloca em cena um modo de pensar que, sim, é utópico. Mas não se trata mais de uma utopia rendida a *telos* (τέλος) – esta palavra grega que designa aquilo que há de vir, a realização alternativa da história numa dimensão que ultrapassa a continuidade temporal.²⁴ O princípio esperança é *etos*, não finalidade supra histórica. É práxis, não meta. É por isso que a utopia blochiana é fincada no aqui e agora, de acordo com outro termo grego que qualifica uma dimensão temporal específica: *kairós* (Καίρος). Trata-se de um tempo que, diferentemente do caráter sequencial e sucessivo de *chronos* (Χρόνος), nomeia o momento oportuno, o instante de decisão colocado no horizonte da ação.²⁵

²² Cf. BOCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Tradução de Raul Polillo. 2 vol. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018; Cf. DEFOE, Daniel. **Diário do ano da peste**. Tradução de Henrique Guerra. Barueri (SP): Novo Século Editora, 2021.

²³ Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a Covid, de gripezinha a 'país de maricas'. **Folha de S. Paulo**, sábado, 26 de dezembro de 2020, p. A5.

²⁴ Cf. PEGORARO, Olinto A. **Sentidos da história**: eterno retorno, destino, acaso, desígnio inteligente, progresso sem fim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

²⁵ Cf. RAMALHO, Walderez Simões Costa. **Outros tempos, outras histórias**: kairós, manifesto, crise. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mariana (MG), 2021.

Portanto, Bloch propõe uma filosofia que é utópica em outro registro. Ela é, antes de tudo, utópico-kairológica, imaginação concreta, sonho acordado e com os pés no chão. É por isso que podemos tratá-la como uma filosofia da história. Pois ela exprime aquela ética do “novo espírito utópico” de que fala o filósofo Miguel Abensour, para a qual “não se trata mais de trazer do exterior ou do alto um sistema (...), mas de dizer o movimento de decomposição da sociedade moderna e de participar das tormentas da luta.”²⁶

De *telos* a *kairós*. Para usar a leitura sugerida pelo historiador Russell Jacoby, a filosofia da história blochiana é “iconoclasta”, no sentido de que se mostra avessa a qualquer tipo de definição ou programa sobre aquilo que há de vir. Assim, o *ainda não* (*Noch Nicht*) como seu fundamento ontológico é, como veremos nesta tese, o quadro de uma “imagem imperfeita”. Um painel expressionista do futuro. A proposta de um “pensamento utópico para uma época antiutópica”.²⁷

²⁶ ABENSOUR, Miguel; ARANTES, Urias (Org.). **O novo espírito utópico**. p.151. Cf. NOVAES, Adauto (Org.) **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Edições SESC SP, 2016.

²⁷ JACOBY, Russell. **Imagem imperfeita**: pensamento utópico para uma época antiutópica. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

“Mantenha a calma quando o impensável chegar”. Esta foi uma das últimas “lições do século XX para o presente” a compor um livrinho publicado em 2016 pelo historiador Timothy Snyder, diante do assombro causado pela eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos.²⁸ Se olharmos com um pouco mais de calma para o cenário arruinado à nossa volta – nosso próprio “deserto do real”²⁹ –, teremos a chance de observar que a esperança ainda está por aí. Por óbvio que o futuro já não há de ser mais o que era.³⁰ *Eppur si muove!* Que me perdoem os realistas de plantão, mas o certo é que a realidade se mostra muito mais atravessada de utopia do que se imagina. Ainda que, para isso, ela tenha que ser ouvida de outros tempos.³¹

Definitivamente, este é um trabalho em busca de futuro.

Belo Horizonte, junho de 2022

²⁸ SNYDER, Timothy. **On Tyranny**: twenty lessons from the Twentieth Century. New York: Tim Duggan Books, 2017.

²⁹ **MATRIX**. Direção de Lana e Lily Wachowsky. Los Angeles: Village Roadshow; Silver Pictures, 1999 (136 min). Cf. ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. Tradução de Paulo Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

³⁰ NOVAES, Adauto (Org.) **Mutações**: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

³¹ Cf. BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017; JAMESON, Fredric. **Arqueologias do futuro**: o desejo chamado utopia e outras ficções científicas. Tradução de Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

INTRODUÇÃO

observatório para um pensamento constelar

É bem provável que na tarde de 7 de março de 1975 o clima no interior do Grande Anfiteatro da Sorbonne estivesse mais agradável do que fora dele. E não apenas porque, naquele fim de inverno, Paris viesse registrando temperaturas particularmente baixas, seguidas de constantes nevascas. Uma grande expectativa era compartilhada pelo público de professores, estudantes e admiradores de todo o tipo que se acomodavam nos bancos do edifício de arquitetura neoclássica encravado no centro do Quartier Latin. O objetivo: assistir à cerimônia de entrega do título de *Doutor Honoris Causa* a seis personalidades internacionais – entre americanos e soviéticos.

Em meio aos homenageados, duas figuras se destacavam. De um lado, um conhecido líder religioso brasileiro, pertencente à Ordem de São Francisco, plenamente envolvido com questões que a tradição cristã reputa como “seculares”, defensor dos direitos humanos e importante nome latino-americano da teologia da libertação. De outro, um renomado filósofo alemão, marxista heterodoxo e ateu materialista, que, não obstante, sempre se mostrara sensível ao fenômeno da religião. Talvez aquele tenha sido o primeiro e único encontro entre dom Hélder Câmara, na altura dos seus sessenta e seis anos de idade, e Ernst Bloch, perto de completar os noventa. Ocorre que algo em comum os aproximava já muito antes daquela ocasião: uma ética fundamentada na compreensão politicamente ativa da esperança.

E foi exatamente esse traço do conhecido afeto cristão que o frade franciscano – “o arcebispo vermelho”, como era conhecido³² – colocou em cena no

³² Cf. PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara: o profeta da paz**. São Paulo: Contexto, 2010.

discurso intitulado “Escolas Superiores da Paz”. “Sem o mau gosto de pretender sugerir esquemas para a Escola, que será um desafio para a vossa imaginação criadora”, disse ele,

permite que tenha a confiança de apresentar-vos o meu sonho inteiro. Não vos parece que, entre as bem-aventuranças de Cristo, uma ficou implícita: “Felizes os que sonham: alimentarão a esperança de muitos e correrão o doce risco de ver, um dia, seus sonhos concretizados”?!³³

Ao mesmo tempo em que usava a tribuna do Grande Anfiteatro para mandar um recado à Escola Superior de Guerra (ESG) e à ditadura militar no Brasil, dom Hélder Câmara criticava o ímpeto bélico de tempos marcados por “extremos que nos estão levando às guerras”. Mas ele não ficava apenas no registro da denúncia. As “razões profundas de [sua] esperança” estavam depositadas na capacidade das “Universidades do Mundo” em tornar concreto aquele sonho acordado.

Gosto de imaginar uma cena: terminado o discurso e já de costas para o público, o arcebispo de Olinda volta-se para os homenageados e lança uma piscadela para Ernst Bloch – “um defensor da utopia”, como estampou, naquela sexta-feira, o jornal *Le Monde*³⁴ –, que retribui com um aceno de cabeça e um sorriso de canto de boca. Provavelmente este episódio não ocorreu. No fim das contas, pouco importa. A questão é porque ele parece tão crível – e imaginável. Essa é uma das perguntas que este trabalho procura responder.

³³ “Escolas Superiores de Paz”. Palestra proferida por Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), ao lhe ser conferido o doutorado “honoris causa”, pela Universidade Paris I (Pantheon-Sorbonne: Ciências Econômicas, Humanas, Jurídicas e Políticas), a 7 de março de 1975. Acervo CEPE (Companhia Editora de Pernambuco), Instituto Dom Hélder Câmara (IDHeC), Recife, PE, Brasil.

³⁴ MÜNSTER, Arno. Un défenseur de l’utopie. **Le Monde**, vendredi, 7 mars 1975.

Constelação Bloch

Na década de 1920, Walter Benjamin anotou no “Prólogo Epistemológico-Crítico” de sua obra *Ursprung des deutschen Trauerspiels* (Origem do drama trágico alemão) que as

ideias relacionam-se com as coisas como as constelações com as estrelas. (...) Não servem para o conhecimento dos fenômenos, e estes de nenhum modo podem servir de critério para a existência das ideias. Pelo contrário, o significado dos fenômenos para as ideias esgota-se nos seus elementos conceituais.³⁵

Constelações não são formações naturais.³⁶ São agrupamentos imaginados. Uma maneira que nossos ancestrais encontraram para ler e narrar o céu. Talvez o modo mais antigo de compreender o movimento cíclico do universo sobre as nossas cabeças. A disposição dos astros e os pontos mais brilhantes acenderam a imaginação humana ao longo dos séculos, tornando-a capaz de projetar figuras e criar narrativas sobre estes padrões.

Entre as características que resultam da leitura de uma constelação, figura a liberdade de estabelecer conexões entre partes singulares dispersas, que, isoladas, não significam rigorosamente nada. O sentido nasce a partir da combinação entre elas. Ao invés de um percurso narrativo usual – o início, o fim e o meio –, a estrutura constelar permite outras formas de conexão. “Por *constelação*”, sustenta a arquiteta Rita Velloso,

³⁵ BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.22.

³⁶ Agradeço a Heloisa Starling por me indicar o caminho das constelações.

Benjamin designava a relação entre os componentes (as estrelas) de um conjunto (as linhas imaginárias que desenham um agrupamento constelar), relação essa que se define pela possibilidade de proximidade entre as estrelas, mas também pela possibilidade de significado que o conjunto adquire – o sentido que lhe pode ser atribuído.³⁷

Definidos como agrupamento de pontos luminosos, obras e conceitos se destacam não pela proximidade temporal, mas pela possibilidade de significado que lhes pode ser atribuído quando interligados e agrupados. Por isso funcionam como estrelas. São pontos extremos que circunscrevem a ideia, a concepção, em todo seu alcance. Uma estrutura de um pensamento constelar demanda certa distância e ajuste de lentes para sua contemplação. À maneira do observador de estrelas, cabe àquele que aprecia reparar nos elementos que se destacam e enxergar quais ligações podem ser estabelecidas.³⁸

Por conta de seu caráter enciclopédico e profundamente rico em termos de possibilidades, não seria exagero afirmar que o pensamento do filósofo alemão Ernst Bloch (1885-1977) pode muito bem ser comparado a uma constelação. Suas obras são como estrelas – às vezes mais brilhantes, às vezes menos evidentes. Enquanto os conceitos são como as linhas imaginárias que formam a configuração deste mapa celeste. A forma de exploração dessa constelação depende de uma série de variáveis. É por isso que ela se mostra como pura latência e pode ser

³⁷ VELLOSO, Rita. **Urbano-constelação**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022, p.19.

³⁸ OTTE, Georg; VOLPE, Miriam. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**. n° 18, Florianópolis: jan/jun, 2000.

observada de diferentes maneiras – seja pelo olhar da ética³⁹, do direito⁴⁰, da pedagogia⁴¹, da teologia⁴² –, ao passo que os mais diferentes mapas e percursos podem ser registrados de acordo com a variedade das combinações de lentes e das imagens formadas pelas estrelas-conceito.

A lente que pretendemos utilizar com esta tese é a da história. Ou, para ser mais específico, da teoria da história. Portanto, a observação aqui planejada tem como principal objetivo registrar e catalogar os elementos desta constelação que engendram a imagem de uma filosofia utópico-kairológica da história, buscando articulá-los ao diálogo travado por Ernst Bloch com o meio intelectual em que estava inserido na primeira metade do século XX.

É preciso reiterar, contudo, que, a despeito de no primeiro capítulo traçarmos um percurso sobre vida, obra e conceitos, não se trata de realizar uma observação meramente endógena à “Constelação Bloch”. Em lugar disso, partimos do esforço por uma visão perspectiva e de compreensão do conjunto da filosofia blochiana a

³⁹ Cf. ALBORNOZ, Suzana. **Ética e utopia**: ensaio sobre Ernst Bloch. Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul (RS): Editora da UNISC, 2006.

⁴⁰ Cf. MASCARO, Alysson Leandro. **Utopia e direito**: Ernst Bloch e a ontologia jurídica da utopia. São Paulo: Quartier Latin, 2008.

⁴¹ Cf. OLIVEIRA, Caroline Terra de; RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Interloquções teóricas entre Paulo freire e Ernst Bloch: diálogos acerca do Princípio e da Pedagogia da Esperança. **Educação: Teoria e Prática**. vol. 24, n. 46, Unesp, São Paulo, 2014; LOPES, Frederico Alves; ARANHA, Antônia Vitória Soares. Pedagogia da utopia: um diálogo entre Paulo Freire e Ernst Bloch. **Movimento**: Revista de Educação. Ano 4, n.7, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

⁴² Cf. MOLTSMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança**. São Paulo: Editora Teológica, 2004; VILELA, Daniel Marques. **Utopias esquecidas**: origens da Teologia da Libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

partir dos diálogos e embates travados no interior de um contexto intelectual mais amplo.

Desse forma, no segundo capítulo pretendemos mostrar que, tanto do ponto de vista de uma crítica ao projeto político hegemônico das esquerdas na Alemanha, quanto de princípios da ortodoxia chancelados pela Segunda Internacional (1889-1914) e suas vulgarizações, Ernst Bloch – ao lado de pensadores como o jovem Georg Lukács e Walter Benjamin – acabou por estabelecer, de maneira alquímica, alguns dos fundamentos que integraram uma matriz teórica heterodoxa, formada no bojo da tradição marxista de pensamento entre os anos 1920 e 1930. Para tanto, tomamos como traço distintivo dessa matriz uma compreensão temporal que enfatiza o “momento de ruptura” e o curto-circuito na transmissão dos tempos históricos, tendo em vista a mobilização de conceitos e categorias como “obscuridade do instante vivido” (Ernst Bloch), “instante de decisão” (Georg Lukács) e “tempo-de-agora” (Walter Benjamin).

Por fim, no terceiro e último capítulo, mostramos como Ernst Bloch partiu de sua própria filosofia utópico-kairológica da história para atuar como um “historiador do presente”, ao se envolver, registrar e narrar as crônicas de dois acontecimentos separados por cinquenta anos no tempo: o fim da Primeira Guerra Mundial (1918) e a repressão à Primavera de Praga (1968).

Portanto, o que se pretende com esta tese é a apresentação de uma abordagem da filosofia blochiana da história que tenha como linha mestra o sentido de uma reflexão conceitual sobre o “aqui e agora”, nos quadros daquilo que o historiador Humberto Beck tratou como o “instantaneísmo” da “consciência histórica

no pensamento alemão do entreguerras”.⁴³ Tudo isto a partir de uma chave dupla, que atravesse conceitos e categorias ao mesmo tempo que os disponha em contraste com os meios de circulação de ideias nos quais nosso autor esteve inserido⁴⁴.

Com este trabalho pretendemos indicar alguns traços que revelam a atualidade do pensamento de Bloch para historiadores e historiadoras do século XXI. Afinal, o esforço por captar sinais de testemunho do futuro oferecidos por um passado que também esteve imerso em tempos de crise⁴⁵ talvez possa nos ajudar a atravessar o grave momento em que vivemos na entrada desta terceira década do “novo século”.⁴⁶

Sankofa! Como o pássaro que volta a cabeça para trás e simboliza o ensinamento ético do “Volte e Pegue!” no ideograma dos povos *Akan* da África

⁴³ Cf. BECK, Humberto. **The moment of rupture**: historical consciousness in interwar german thought. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2019.

⁴⁴ Para uma discussão sobre a relação entre texto e contexto neste processo de mobilização, seleção, reelaboração e circulação de ideias, Cf. POCOCK, John. G. A. “Historia de las ideas, un estado del arte”. *Prismas revista de historia intelectual*. n. 5, 2001. Sobre a compreensão do texto como “ato de fala”, ação linguística que toma parte e interfere no debate de seu tempo, Cf. SKINNER, Quentin. “Significado y comprensión em la historia de las ideas”. *Prismas Revista de historia intelectual*. n. 4, 2000.

⁴⁵ Cf. BOURETZ, Pierre. **Testemunhas do futuro**: filosofia e messianismo. Tradução de J. Guinsburg, Fany Kon, Vera Lúcia Felício. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

⁴⁶ HOBBSAWM, Eric. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. Tradução de Cláudio Marcondes . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ocidental, recordaremos a vida e a obra de Ernst Bloch como quem busca “voltar e apanhar de novo aquilo que ficou para trás”.⁴⁷

⁴⁷ NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, vol.1. São Paulo: Selo Negro, 2008, p.31.

1. ERNST BLOCH

vida e obra no sentido de uma filosofia utópico-
kairológica da história

Se nos voltarmos para a já citada obra de Hannah Arendt, teremos condições de afirmar que Ernst Bloch foi também um homem que viveu em "tempos sombrios"⁴⁸. Talvez nem tanto pela evidência de sua biografia, mas sim pelo fato de que este pensador teve sua identidade intelectual forjada justo no contexto europeu da primeira metade do século XX – “o tempo que lhe foi dado na Terra”, “com suas catástrofes políticas, seus desastres morais e seu surpreendente desenvolvimento das artes e ciências”⁴⁹.

E para ressaltar o elo de contemporaneidade que reúne os personagens biografados por Arendt sob o “guarda-chuva” de um mesmo tempo histórico – os “tempos sombrios” –, vale notar que Ernst Bloch também partilhou “a época em que decorreram suas vidas”⁵⁰. Acontece que, na contramão de um dos critérios utilizados pela pensadora para a escolha dos personagens – eles “nem se conheciam” –, Bloch serviu como uma espécie de fio que costurou o hiato de relação entre alguns deles, ao manter contato direto com Karl Jaspers, Bertolt Brecht e, como veremos, Walter Benjamin.

Nascido no dia 8 de julho de 1885 em Ludwigshafen – uma pequena cidade que fica no sudoeste da Alemanha, às margens do rio Reno –, Ernst Simon Bloch passou para a história do pensamento ocidental como um dos mais conhecidos intérpretes contemporâneos do porvir⁵¹. Na qualidade de um legítimo intelectual

⁴⁸ ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁴⁹ ARENDT. **Homens em tempos sombrios**, p.9.

⁵⁰ ARENDT. **Homens em tempos sombrios**, 1987, p.7

⁵¹ Vale recorrer aqui à instrutiva distinção que o filósofo Francis Wolff opera entre as noções, respectivamente ontológica e fenomenológica, de “futuro” (*futur*) e “porvir” (*avenir*).

público⁵², o chamado “filósofo da esperança” produziu escritos em conexão direta com as questões mais urgentes de seu tempo. Uma ética de trabalho mantida ao longo de seus 92 anos de vida e que começou a ser cultivada ainda na juventude, quando deixou a Universidade de Berlim e os colóquios (*Schiur*) do professor Georg Simmel, em 1912, e passou a frequentar os encontros semanais do chamado “Círculo Weber de Heidelberg” – para o qual também convidou um jovem filósofo e amigo húngaro, chamado Georg Lukács.

A despeito das diferentes visões de mundo de seus membros, o grupo liderado por Max Weber conservava, nas palavras de Michael Löwy, “uma potente corrente anticapitalista romântica”⁵³. Foi por meio destes encontros que o “jovem filósofo judeu” – caracterizado por Marianne Weber por suas “altas especulações apocalípticas”⁵⁴ – aproximou-se de nomes como Karl Jaspers e Werner Sombart. E ainda passou a integrar um importante núcleo de oposição ao Império Alemão,

Para ele, assim como ocorre na língua portuguesa, a “língua francesa é uma das raras a dispor de duas palavras, difíceis de distinguir, para designá-lo [o futuro]: *futur*, isto é, o tempo futuro, e *avenir* (o que ainda não é, o que está *por vir*). Pode-se dizer que *avenir* designa mais os acontecimentos ‘por vir’, e *futur*, a parte do tempo que ainda não é presente. Cf. NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições SESC SP, 2013, p.48.

⁵² Para uma discussão a respeito da formação histórica do conceito de “intelectual”, desde o fim do século XIX francês com o chamado “caso Dreyfus” e a manifestação pública de nomes como Émile Zola e Anatole France, cf. NOIRIEL, Gérard. **Les fils maudits de la République**. Paris: Éditions Fayard, 2005.

⁵³ LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**. Tradução de Heloisa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins e Gildo Marçal Brandão. São Paulo: LECH Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, p.29.

⁵⁴ WEBER, Marianne. **Max Weber**: a biography. Translated and edited by Harry Zohn. New Brunswick: Transaction Books, 1988, p.468-469.

formado por pensadores que, além de debater temas caros à epistemologia das humanidades, defendiam um misto de liberalismo, democracia e socialismo, inspirados na experiência da Revolução liderada por Louis Blanc na França, em 1848.⁵⁵

1.1. Espírito da utopia

primeiros traços de uma outra compreensão da história

Ao longo da turbulenta década de 1910, Ernst Bloch começou a preparar as notas daquele que seria seu primeiro livro, *Geist der Utopie (O Espírito da Utopia)*, publicado em 1918, num momento de aguda crise política na Alemanha. Enquanto o país chegava exaurido ao fim da Primeira Guerra Mundial – com cerca de 1 milhão e 800 mil mortos e 4 milhões de feridos –, a monarquia de Guilherme II dava os últimos suspiros diante da reverberação do espectro revolucionário nas

⁵⁵ Cf. LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**, p.46-48.

manifestações da Liga Espartaquista de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht⁵⁶ e a proclamação socialdemocrata da República de Weimar.⁵⁷

Em meio a este turbilhão de acontecimentos, Bloch – que tinha visto com bons olhos a deposição do czar Nicolau II e a organização dos soviets na Rússia, mas desconfiava do centralismo bolchevique – tomava partido de uma leitura histórico materialista *sui generis* do presente alemão, atentando, de um lado, para a derrota da Revolução Socialista de 1918 e o avanço do conservadorismo no Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD); e, por outro, o recrudescimento do militarismo e da suscetibilidade autoritária de milícias paramilitares, como as *Freikorps*⁵⁸. “A guerra acabou,” dizia ele no prefácio da segunda edição, publicada

⁵⁶ Fundada em 1915, a Liga Espartaquista foi um dos movimentos de dissidência da esquerda revolucionária alemã ocorridos no interior do Partido Social-Democrata, após a maioria de seus representantes no *Reichstag* – o parlamento alemão – votarem em favor da liberação de novos fundos para o financiamento da Primeira Guerra. O período de maior atividade da Liga Espartaquista foi em 1918 e 1919, quando seus militantes estiveram à frente da expropriação de latifúndios e fábricas na região da Baviera e proclamaram uma República soviética alinhada à Terceira Internacional, como contraponto à socialdemocracia da República de Weimar. Para mais informações sobre a Liga Espartaquista e a Revolução Alemã de 1918, cf. FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo: pensamento e ação**. Tradução de Nélio Schneider e Érica Ziegler. São Paulo: Boitempo, 2019; LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã: 1919-1923**, São Paulo: Editora UNESP, 2005; GALLO, Max. **Une femme rebelle: vie et mort de Rosa Luxembourg**. Paris: Éditions Fayard, 2000; HARMAN, Chris. **The lost revolution: Germany 1918-1923**. Chicago: Haymarket Book, 2008.

⁵⁷ Cf. GAY, Peter. **A cultura de Weimar**. Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

⁵⁸ As *Freikorps*, que surgiram em dezembro de 1918, eram milícias paramilitares formadas por veteranos da Primeira Guerra Mundial inconformados com a derrota da Alemanha e com o retorno à vida civil. Linha de frente na organização de outros grupos paramilitares, as *Freikorps* contavam com o apoio do ministro de Defesa alemão e foram responsáveis

em 1923 pela editora de Paul Cassirer, “a revolução começou, e, com ela, as portas foram abertas. Mas, é preciso admitir, logo elas foram novamente fechadas. O aproveitador esforçou-se, conseguiu se instalar e, com ele, toda a antiga ordem está de volta”.⁵⁹ Na medida em que se dedicava à tarefa urgente de “estender sobre nossas cabeças não um céu indefinidamente em fuga, mas (...) um céu utopicamente real, fundamentalmente acessível”⁶⁰, neste livro, Bloch já abria caminho para noções que seriam aprimorados ao longo de toda sua obra. Este é o caso, por exemplo, da categoria existencial do “ainda-não-consciente”, este lugar do “instante vivido” (*gelebten Augenblicks*) em que, na contramão do não-mais-consciente freudiano, “o que está por vir invade o agora”.⁶¹ Como veremos mais

pela perseguição, prisão e execução de líderes comunistas como Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Para mais informações a respeito das *Freikorps*, cf. JURADO, Carlos. Caballero. **The german Freikorps: 1918-1923**. Oxford: Osprey Publishing, 2001.

⁵⁹ Do original: “Der Krieg ging aus, die Revolution ging an und mit ihr die offenen Türen. Aber richtig, sie haben sich bald wieder geschlossen. Der Schieber rührte sich, setzte sich, und alles Veraltete schwemmte an ihm wieder an.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**. Zweite Fassung, Gesamtausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964, p.11. Cf. BLOCH, Ernst. **L’esprit de l’utopie**. Traduit de l’allemand par Anne-Marie Lang et Catherine Piron-Audard. Paris: Gallimard, 1977, p.9.

⁶⁰ Do original: “So wichtig es aber ist, daß der Wille den einzelnen Zwecken enthoben und dem Überhaupt zugewandt wird, so dringend erhebt sich schließlich doch die Verpflichtung, in dieser inneren Norm, in diesem Überhaupt des sittlichen Willens eine Sonne, ein wenigstens als objektives Zweckmoment beziehbares Ziel aufgehen zu lassen und dergestalt einen nicht endlos ausweichenden, sondern, wie bei Eckardt, wieder grundsätzlich erreichbaren, utopischen realen Himmel zu wölben.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.211. Cf. BLOCH, Ernst. **L’esprit de l’utopie**, p.217-218.

⁶¹ Do original: “das Kommende selber ins Jetzt einrückt”. BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.242.

adiante, na década de 1950 esta ideia foi capital para a formulação de uma fenomenologia do chamado “Princípio Esperança”.

É dessa forma que identificamos aquele que talvez seja o primeiro registro público de uma concepção de história própria. E enfatizamos o último adjetivo porque Bloch já havia tratado sobre o tema da história em outras ocasiões. Como no caso de sua tese de doutorado, defendida em 1908 na Universidade de Würzburg sob orientação do filósofo Oswald Külpe. Acontece que, com este trabalho, Bloch se propunha a pensar a moderna teoria do conhecimento e a tensão entre os métodos apriorístico e positivista a partir da proposta de um diálogo crítico com o neo-kantiano Heinrich Rickert.⁶² Dez anos depois, com seu primeiro livro, ele provavelmente se sentia mais seguro para alçar voos solos – e, também, correr alguns riscos. Como afirma o filósofo Lucien Pelletier,

O jovem Bloch ambicionava escrever um “sistema do messianismo teórico” no qual um dos volumes seria consagrado à filosofia da história. A primeira edição de *O Espírito da Utopia* anuncia este projeto (que ficou apenas nos planos) e apresenta um esboço dele (...). Essa filosofia da história já estava

⁶² BLOCH, Ernst. **Kritische Erörterungen über Rickert und das Problem der modernen Erkenntnistheorie** Inaugural-Dissertation Veefasst und der Hohen" Philosophischen Fakultät der Kgl.Bayer.Julius-Maximilians – Universität Würzburg Zur Erlangung Der Doktorwürde Vorgelegt. Ludwigshafen Am Rhein, 7 Juli 1908. Cf. ainda a tradução francesa: BLOCH, Ernst. **Études critiques sur Rickert et le problème de la théorie moderne de la connaissance**. Traduction , introduction e notes par Lucien Pelletier. Paris: Éditions de la Maison de Sciences de l’Homme, 2010; PELLETIER, Lucien. Pourquoi Bloch a-t-il fait sa thèse sur Rickert? In: VIDAL, Francesca (Org.), **Bloch-Jahrbuch 2011** : Utopien von Zivilgesellschaft, Mössingen-Talheim, Talheimer Verlag, 2011.

presente, pelo menos em segundo plano, desde suas primeiras publicações, mas no *Espírito da Utopia* ela se faz doravante explícita.⁶³

Pois o primeiro passo escolhido por Bloch no caminho da elaboração de uma concepção renovada da história foi denunciar a falta de horizontes proporcionada pela fé em uma razão histórica e sua pretensa “explicação de tudo”. A crítica de Bloch tinha endereço certo: “a degradação excessivamente técnica”⁶⁴, o esquematismo positivista de justificação do processo histórico – que àquela altura era fornecido tanto pelo cacoete objetivista de uma historiografia de corte rankeano, quanto pelo pretense lugar de ciência do social que as leis do chamado “sistema de Marx”, tal qual o modelo de Darwin, ganhou nas mãos dos teóricos da Segunda Internacional (1889-1916).⁶⁵ “É assim”, dizia Bloch

que a humanidade afunda em si mesma, no seu conjunto, privada de caminho, de objetivo além do cotidiano. Ela perde o que faz o ser verdadeiramente humano (...) e, por fim, todo impulso nobre e toda grande potência atomizam-se antes que o “saber” [*wissenden*] olhe para detalhes falsos e desencantados, todo brilhantismo torna-se retoque ou, em última análise, mentirosas superestruturas.⁶⁶

⁶³ PELLETIER, Lucien. Les sources de la philosophie de l'histoire d'Ernst Bloch. **Revue Internationale de Philosophie**, nº 289, mars 2019, p.274.

⁶⁴ Do original: “die allzu technische Zersetzung”. BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.211.

⁶⁵ Cf. ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBSBAWM, Eric [et.al.] (Org.) **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. Vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.; GUIMARÃES, Juarez. A razões do dogma: marxismo e determinismo. In: **Democracia e marxismo: crítica à razão liberal**. São Paulo: Xamã, 1999.

⁶⁶ Do original: “Die Menschen sinken dieser Art in sich zusammen, ohne Weg, ohne Ziel über die Tage hinaus. Sie verlieren ihr eigentlich menschliches Wachsein, Gehaltsein, Dasein, werden ihres Pols, ihres übergreifenden Zielbewußtseins verlustig; und schließlich, alles Hochgespannte, groß Gewaltige atomisiert sich vor dem "wissenden" Blick in falsche,

Aliás, como veremos a seguir, foi por este mesmo caminho que, em seu segundo livro, Bloch lançou uma ácida crítica à miopia do economicismo marxista vulgar frente a outros aspectos da realidade. Tanto porque

não basta uma pura reflexão econômica para sozinha explicar as condições e causas da erupção de um acontecimento histórico (...), bem como, pois, uma tal análise seria capaz de dissolver, de destruir o conteúdo profundo desta história humana (...). O próprio Marx dá seu devido valor às exaltações místicas, pelo menos no começo de cada Revolução (...) o próprio Marx, que arrancara de modo positivista o Comunismo do domínio da Teologia, para lançá-lo ao da Economia, pura e simplesmente (...), reconhece pelo menos a realidade de impulso nas 'necromancias da História Mundial'. (...) As inclinações, os sonhos, as mais puras e mais sérias emoções, os entusiasmos conscientes do seu objetivo, não se alimentam apenas da necessidade mais perceptível e da ideologia nunca totalmente vazia.⁶⁷

entzauberte Einzelheiten, alle Blüte wird Retusche oder letzthin lügnerischer Überbau.”
BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.211.

⁶⁷ Do original: “Dergestalt also reicht die rein ökonomische Betrachtung nicht aus, um allein nur den Eintritt eines historischen Ereignisses von der Wucht des Bauernkriegs vollkommen, restlos konditional oder kausal zu erklären, geschweige denn, daß ihre Analyse imstandewäre, die tieferen Inhalte der hier aufgliihenden Menschengeschichte und garerst die encheiresis gloriae, das umgehende Prinzip desdritten Reichs aufzulösen, herabzustürzen, seines absolut originären Charakters zu entkleiden, zu reflexivieren und ins rein Ideologische zu entrealisieren. Marx selber gestehtden Schwärmereien wenigstens am Beginn jeder großen Revolution das Ihre zu: sofern dieneuen Herren sich römisch, sich wieder heidnisch fühlten, sofern die deutschen Bauern, später noch die Puritaner dem Alten Testament Sprache, Leidenschaften und Illusionen für ihre bürgerliche Revolution entlehnten, oder sofern seihst noch die französische Revolution sich mit Namen, Schlachtparolen, Kostümendes römischen Konsulats und Kaiserreichs drapierte; Marx selber also gibt den "weltgeschichtlichen Totenbeschwörungen" wenigstens die Realität des Antriebs, so positivistisch er auch sonstwie den Kommunismus aus Theologie in Nationalökonomie und nichts als diese verengte, ihm derart den vollen, sowohl historisch überlieferten wie apriorisch eingeborenen Umfang seines chiliastischen Begriffs entziehend. Was aber den besonderen Fall von Bauernkrieg, Bildersturm, Spiritualismus

Só que, por mais que fosse um movimento necessário, ficar apenas no nível da reação ao estado de coisas que se apresentava era ainda muito pouco. Foi então que Bloch resolveu dar um passo além e tratou de demarcar a fronteira entre duas diferentes formas de abordagem da experiência passada dos feitos humanos.

Se o passado é reconhecido como (...) mundo que não é mais consciente, como mundo independente do sujeito que sente e entende, ele é objeto da psicanálise [*Einzelwissenschaft*, a ciência individual] (...). *Só a filosofia da história, rendendo ao passado o seu movimento, excedendo-o utopicamente, oferece novamente ao tempo, a essa forma intuitiva, a essa esfera onde opera a vitalidade ativa, seu lugar central*⁶⁸ (Grifos nossos).

angeht, so muß hier erst recht neben den wirtschaftlich bestehenden Elementen von Auslösung und Konfliktsinhalt noch das originäre Wesenselement an sich betrachtet werden: als Umgang des ältesten Traums, als breitester Ausbruch der Ketzer geschichte, als Ekstase des aufrechten Gangs und des geduldlosesten, rebellischsten, ernstlichsten Willens zum Paradies. Neigungen, Träume, erste reine Regungen, zielhafte Begeisterungen sind noch von anderer als der greifbarsten Not genährt und dennoch niemals wesenlose Ideologie; sie gehen nicht unter, färben real eine lange Strecke mit, entspringen einem originalen, werterzeugenden, wertbestimmenden Punkt in der Seele, brennen auch nach aller empirischen Katastrophe uneingelöst weiter, nicht anders wie sie aller Zeit die Tiefenrichtung des sechzehnten Jahrhunderts, des Chiliasmus von Bauernkrieg und Wiedertäuferum als dauernd gegenwärtig voranhalten." BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**. Kurt Wolff Verlag: München, 1921, p.74-75

⁶⁸ Do original: "Wird das Vergangene im großen Stil als solches anerkannt, als Welt des nicht mehr Bewußten, als Welt unabhängig vom erlebenden, auffassenden Subjekt, so ist diese, wie gleichfalls bereits deutlich wurde, das Objekt der Einzelwissenschaft. (...) Erst die Geschichtsphilosophie, auch das Gewesene neu bewegend, utopisch überholend, setzt wieder die Zeit, die Anschauungsform, Wirkungssphäre aktiver Lebendigkeit zentral". BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.251-252. Cf. BLOCH, Ernst. **L'esprit de l'utopie**. Traduit de l'allemand par Anne-Marie Lang et Catherine Piron-Audard. Paris: Gallimard, 1977, p.242-243.

Partindo, portanto, da intuição de que, longe de ser um conteúdo da realidade fechado e acabado em si mesmo, o passado está entremeado de latências não realizadas – os chamados “ainda-não-conscientes” –, e que, por isso mesmo, é atravessado por um movimento que repercute no presente imediato do “instante vivido”, Bloch chama a atenção para o fator de articulação temporal que, entre outras coisas, possibilita ao ser humano pensar em termos históricos; isto é, exercer sua consciência – que ele chama de “espiritualidade” (*Geistigkeiten*) – histórica. Isto porque

Seria inconcebível compreender épocas passadas (...), se não houvesse na história a intervenção alternada de duas espiritualidades diferentes, uma espécie de mudança de polos, que nos faz hoje compreender a Grécia e a Renascença como a obra de pais afastados, e os Primitivos, o Egito, o gótico e sobretudo o barroco – interrompido unicamente por inaptidão – como a obra de nossos irmãos, sim, de nosso Eu mais próprio.⁶⁹

Ocorre que Lucien Pelletier nos lembra ainda de outro corolário dessa leitura. De acordo com suas palavras: “Bloch afirma no *Espírito da Utopia* que a afinidade entre épocas do mesmo tipo vem do fato de que no decorrer do tempo surge uma sensibilidade por conteúdos culturais passados que dão origem a reflexões.”⁷⁰ E é justamente o sentido dessa “afinidade” que permite acionar o gatilho para que

⁶⁹ Do original: “Es wäre schon gar nicht denkbar, vergene Zeiten zu verstehen oder gar die geschichtlich-rhythmische Wiederkehr lebendiger, (...) Zeiten zu deduzieren, wenn es nicht ein wechselndes Eintreten, gleichsam einen Polwechsel zweier dergestalt verschiedener Geistigkeiten in der Geschichte gäbe, der uns jetzt etwa Griechenland und die Renaissance wie die Arbeit der Fremderem un die Primitive, Ägypten, die Gotik und vor allem das nur unfähig unterbrochene Barock wie die Arbeit der Brüder, ja des eigenen Selbst verstehen läßt.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.331.

⁷⁰ PELLETIER, Lucien. Les sources de la philosophie de l’histoire d’Ernst Bloch. p.275.

algumas épocas sintam-se mais contemporâneas de tempos passados do que de seu próprio presente. Um traço que, como veremos adiante, foi crucial na arquitetura teórica de um livro publicado na década de 1930.

1.2. Tradição da esperança por uma “História no seu sentido fecundo”

Mas ainda estamos na virada dos anos 1910 para 1920, momento em que a visão de mundo do jovem Bloch passa por uma guinada – que obviamente imprime algum tipo de mudança sobre as suas publicações. O que em 1918 parecia apenas um balão de ensaio para apresentação de uma nova leitura sobre a história, ganhou forma e conteúdo três anos depois, em 1921, com a publicação de seu segundo livro, *Thomas Münzer als Theologe der Revolution (Thomas Münzer: teólogo da Revolução)*. Engajar-se no passado enquanto conjunto de resquícios de um “momento atual” que invade o presente, de modo que os outros se transformem, os mortos retornem e seu novo gesto reviva em nós. Eis aí o sentido que Bloch atribuía à leitura de sua pesquisa sobre a biografia do teólogo protestante, reformador anabatista e líder das revoltas camponesas na Alemanha do século XVI, Thomas Münzer.

Foi com este trabalho que – de volta à Alemanha, depois de passar dois anos na Suíça (1917-1919) fugindo do alistamento militar, publicando artigos sob diferentes pseudônimos no jornal *Freie Zeitung* e estudando as obras de Karl Marx e Friedrich Engels –, Bloch aproximou-se da tradição marxista de pensamento e começou a cultivar seu entusiasmo pela causa política do comunismo. Fez isso

ainda que não houvesse aderido a nenhum partido e possuísse significativas reservas ao modo como Lênin – a quem chegou a se referir como “czar vermelho” – tratava os opositores da “ditadura do proletariado” na Rússia.⁷¹ Desde o início, portanto, uma aproximação crítica, que, como veremos mais adiante, propõe o uso de elementos do arcabouço teórico do marxismo para reavaliá-lo a partir de dentro.

Seja como for, o certo é que não era a primeira vez que alguém se interessava pela biografia de Thomas Münzer. Outros estudos sobre o radicalismo de sua teologia e atuação nas Guerras Camponesas já haviam sido realizados no século XIX por nomes como Friedrich Engels e Karl Kautsky.⁷² Não obstante, logo de início Bloch deixava claro o perfil que pretendia acentuar em seu biografado: que “só se considere a vida ativa de Münzer”, dizia,

isto é, Münzer enquanto político, e não a sua Teologia. (...) neste ativo teólogo da Revolução, os dois aspectos, ação e objetivo distante, ideologia e ideia puramente religiosa, estão tão intimamente entrelaçados que (...) quase imediatamente confundem-se o ódio aos senhores, o ódio ao clero, a reforma da Igreja e o êxtase do Advento.⁷³

⁷¹ Cf. MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**: une biographie. Paris: Éditions Kimé, 2001, p.118-128. Vale notar que tanto a decisão de não aderir a nenhum partido, quanto o senso crítico que Bloch nutria com relação a Lênin – apesar da admiração pelo simbolismo da Revolução de 1917 –, iam na exata contramão da postura política adotada pelo amigo Lukács: filiado ao Partido Comunista da Hungria (KMP) desde 1919 e entusiasta conteste do dirigente revolucionário russo.

⁷² Cf. ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha**. Tradução de B. A. Motenegro. Rio de Janeiro: Vitória, 1946; KAUTSKY, Karl. **Vorläufer des neueren Sozialismus**. Stuttgart: Nabu Press, 2011.

⁷³ Do original: “nur Münzers tätiges Leben, also Münzer als Politiker und noch nicht Münzers Theologie zur Betrachtung steht. beim aktiven Theologen der Revolution das Eine mit dem Anderen, die Tat mit dem fernen Ziel, das Ideologische mit der rein religiösen Idee so wechselseitig verschränkt, daß (...) Herrenhaß, Pfaffenhaß, Kirchenreform und

Bloch procurava se diferenciar daqueles outros autores na medida em que, do ponto de vista de uma heterodoxa leitura marxista, enxergava na trajetória política e teológica do religioso Münzer não o germe, mas o agente histórico mesmo de uma tradição emancipatória.

Münzer e o anabatismo em geral certamente representam do ponto de vista político a esquerda, o novo, intransigente e radical princípio da Reforma: um impulso na direção do desprendimento do termo e da liberdade e na acentuação da absoluta autorresponsabilidade ética-religiosa.⁷⁴

Para apresentar a aplicação narrativa de uma filosofia da história que rastreia no passado a existência de futuros possíveis e retoma, no presente, a longa – “meio esquecida, apenas em parte consciente”⁷⁵ – “tradição da esperança”, Bloch parte do pressuposto de que não apenas a vida dos seres humanos

como tudo o que a ela diz respeito, está sempre em processo e, portanto, não fica fechada nos limites de seu tempo ou da História em geral, mas continua a ter efeito, enquanto sinal de testemunho, num campo suprahistórico.⁷⁶

Adventsekstase fast unvermittelt die Begriffe tauschen.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**. Kurt Wolff Verlag: München, 1921, p.26.

⁷⁴ Do original: “Überhaupt stellen Münzer und das Täuferum zwar politisch durchaus die Linke, das neue, kompromißlose, radikale Prinzip der Reformation dar: im Drang nach äußerer Entlastung und Freiheit, in der Betonung absoluter sittlich-religiöser Selbstverantwortlichkeit, im Prinzip form und schrittüberlegener, ekstatischer Geistigkeit.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.140.

⁷⁵ Do original: “halb vergessene, nur noch abgemattet bewußte”. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.18.

⁷⁶ Do original: “sondern alles von ihm Ergriffene fort- arbeitet und derart nicht in seiner Zeit oder überhaupt inner- geschichtlich beschlossen bleibt, sondern als Figur des Zeugnisses weiterwirkt in ein übergeschichtliches Feld.” **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.18.

É neste sentido que

Münzer é, antes de tudo, *História no seu sentido fecundo*; seu presente e seu passado merecem a lembrança, lá permanece ele para comprometer-nos, entusiasmar-nos, para apoiar, sempre mais amplamente, nosso desígnio.”⁷⁷ (Grifos nossos)

Trata-se, portanto, de mobilizar o dispositivo da memória para liberar no presente as forças do passado, da “história subterrânea da Revolução”⁷⁸; de uma linhagem histórica, uma tradição expressionista que, nas palavras de Bloch,

ainda inédita (...), aguarda sua obra, já iniciada no curso correto; (...) os irmãos do vale, os cátaros, os *vaudois*, os *albigois*, o abade Joachim de Calabrese, os irmãos da boa vontade, da vida comunitária, do total discernimento, do livre espírito, Eckhart, os hussitas, Münzer e os batistas, Sebastian Franck, os iluminados, Rousseau e a mística humanista de Kant, Weitling, Baader, Tolstoi – todos eles se unem e a consciência dessa fantástica tradição treveja de novo contra o medo, o estado, a descrença e contra os altos poderes desumanos.⁷⁹

⁷⁷ Do original: “Münzer vor allem ist Geschichte im fruchtbaren Sinn; er und das Seine und alles Vergangene, das sich lohnt, aufgeschrieben zu werden, ist dazu da, uns zu verpflichten, zu begeistern, das uns stetig Gemeinte immer breiter zu stützen.” **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.13.

⁷⁸ Do original: “unterirdische Geschichte der Revolution”. BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.295.

⁷⁹ Do original: “Noch unerhört wartet die unterirdische Geschichte der Revolution, begonnen bereits im aufrechten Gang; aber die Talbrüder, Katharer, Waldenser, Albigenser, Abt Joachim von Calabrese, Franziskus und seine Jünger, die Brüder vom guten Willen, vom gemeinsamen Leben, vom vollen Geiste, vom freien Geiste, Eckardt, die Hussiten, Münzer und die Täufer, Sebastian Franck, die illuminaten Rousseau und Kants humanistische Mystik, Weitling, Baader, Tolstoi — sie alle vereinigen sich, und das Gewissen dieser ungeheuren Tradition pocht wieder durch gegen Angst, Staat, Ungläubigkeit und alles Obere, in dem der Mensch nicht vorkommt.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p.295-296. Não deixa de surpreender a correspondência que parece

Um emprego da memória que tem como principal propósito fazer brilhar agora “a centelha que não há mais de demorar-se em parte alguma”⁸⁰. Pois como afirma o filósofo Massimo Cacciari a respeito da filosofia blochiana da história:

O presente não é *reificável*, tampouco o passado. Nem sequer a verdade do passado, com efeito, consiste no ser *factum*, no *consummatum est*; passado é também o *não-chegar a ser*; o mausoléu dolente das esperanças e das promessas naufragadas continua a chamar, a clamar para ser “salva” por nós. O presente é também tanto sua presença, quanto do não-ainda. O presente é o ponto em que a memória do não-realizado se faz *parteira* ao não-ainda. (grifos no original)⁸¹

É dessa forma que, para Bloch, o estatuto epistemológico da história não estaria restrito à estéril recordação daquele *etos* antiquado criticado por Friedrich Nietzsche em sua *Segunda consideração intempestiva*⁸². A característica transformadora da historiografia – que “não pode estar relacionada apenas à

existir entre a concepção blochiana de uma história subterrânea da “tradição da esperança” e a alegada permanência histórica daquilo que o filósofo Alain Badiou tratou pela alcunha de “hipótese comunista”. Cf. BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012.

⁸⁰ Do original: “Nun brennt der Funke nirgends mehr verweilend”. BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 296.

⁸¹ CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. **Ocidente sem utopias**. Tradução de Íris Fátima da Silva Uribe, Luis Uribe Miranda, Flávio Quintale. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, 2017, p.158.

⁸² Cf. NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.

recordação”⁸³ – derivaria mesmo do dom de possuir a potência da “mais autêntica ‘reedição’” (*Neudruck*).⁸⁴ De maneira que, sob sua autoridade,

os mortos retornam, como num novo gesto, assim em significativo contexto, portador de novas descobertas, e a compreendida história, colocada sob influxo de conceitos revolucionários ainda vigentes (...), torna-se uma função que não se perde em sua abundância de testemunhos relacionados à revolução e ao apocalipse.⁸⁵

Muito mais que um artifício narrativo de acontecimentos que foram e não são mais⁸⁶, a história disporia do vivo poder da re-atualização de instantes vividos em meio à “riqueza incompleta do passado”, revisitados a partir do critério básico de continuidade da subterrânea e inacabada “tradição da esperança”. Trata-se, enfim, de liberar no presente as forças do passado, entendendo que “a liberdade dos filhos de Deus é (...) a substância da História, para iluminar-nos e fortalecer-nos, no rebelde *in Christo*, Thomas Münzer!”⁸⁷.

⁸³ Do original: “ist die Geschichte mit Erinnerung allein nicht heraufzubringen.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 18.

⁸⁴ Do original: “der eigentlichste 'Neudruck'.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 18.

⁸⁵ Do original: “Die Toten kehren, wie im neuen Tun, so im neuangezeigten Sinnzusammenhang wieder, und begriffene Geschichte, gestellt unter die fortwirkenden revolutionären Begriffe (...), wird unverlorene Funktion in ihrer auf Revolution und Apokalypse bezogenen Zeugenfülle.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 19.

⁸⁶ Cf. RICOEUR, Paul. A realidade do passado histórico; O entrecruzamento da história e da ficção. In: **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

⁸⁷ Do original: “die Freiheit der Kinder Gottes ist die Substanz (...) mache uns hell und befestige uns der Rebell in Christo Thomas Münzer.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 19.

Cabe realizar aqui um pequeno – ainda que significativo – desvio de rota em nosso fluxo narrativo. Pois é preciso destacar que os escritos de Ernst Bloch parecem ter exercido grande influência sobre as reflexões de Walter Benjamin a respeito da história, inaugurando uma zona de livre intercâmbio entre os dois pensadores que durou décadas. É Arno Münster quem fornece um rico panorama desse paralelo

À primeira vista, a biografia intelectual, literária e filosófica de Walter Benjamin e Ernst Bloch parece marcada por um grande número de características comuns. Vindos de um meio familiar e cultural fortemente marcado pela assimilação que atingiu seu apogeu na Alemanha no início do século XX; intelectualmente formados nas tradições da universidade alemã dominada, entre 1890 e 1914, pelo (neo)kantismo e a filosofia vitalista; atraídos pelas correntes místico-revolucionárias-utópicas que se espalharam da Rússia de Dostoiévski para a Europa central; atraídos tanto pelo romantismo alemão, quanto pelo misticismo judaico; fascinados pelo projeto de uma nova estética elaborada no horizonte de uma filosofia da história; ambos evoluíram (...) para o marxismo; porém, ao entrarem neste campo, não renunciaram totalmente a uma tradição de pensamento marcado pela teologia (uma teologia rebelde que se coloca a serviço dos oprimidos) e pelo predomínio da metafísica; enquanto pensadores judaico-germânicos discriminados e perseguidos pelo antissemitismo – aliando-se voluntariamente a uma radical oposição ao prussianismo militarista de Guilherme II –, ambos se exilaram na Suíça durante a Primeira Guerra Mundial, depois emigraram, para escapar da perseguição nazista. (...) Foi no exílio [aliás] que aconteceu o primeiro encontro pessoal [entre os dois], em Berna [na Suíça], em março-abril de 1919.⁸⁸

⁸⁸ MÜNSTER, Arno. **Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch**. Paris: Hermann, 2009, p.111.

Benjamin chegou a afirmar que Bloch foi “o homem, o personagem mais importante que encontrou durante a estadia na Suíça”.⁸⁹ Além da construção de uma relação “quase simbiótica” – para usar um termo do próprio Bloch –, dois traços comuns aos escritos destes autores chamam logo a atenção: de um lado, a proposta do artifício de *atualização* (*aktualität*) do passado; de outro, a defesa de uma história dos vencidos.⁹⁰

Se ambos os temas aparecem como fragmentos ao longo da produção benjaminiana – e ganham relevo em suas teses *Sobre o conceito de história*, em 1940 –, o mesmo já ocorre no livro de Bloch sobre Thomas Münzer, publicado quase vinte anos antes, em 1921. Seja com a ideia da “mais autêntica reedição” da “tradição da esperança” – algo parecido com aquilo que Benjamin trata como “o dom [que tem o historiador] de despertar no passado as centelhas da esperança”; ou mesmo com a noção de que “os próprios vencidos, em Thomas Münzer e em tudo que lhe diz respeito, pertencem já à Filosofia da História, (...) com as meditações de um outro mundo na sua base.”⁹¹

⁸⁹ Carta de Walter Benjamin a Gershom Sholem, de 13 de fevereiro de 1920. Citada em MÜNSTER, Arno. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**, p.113.

⁹⁰ Cf. MACIEL, Marta Maria Aragão. Ernst Bloch e Walter Benjamin: reflexões acerca das afinidades eletivas. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**. Vol. 10., n.4, 2019, p.339-359.

⁹¹ Do original: “die Nieder gegangenen, Thomas Münzer und was sein Anblick lehrt zu .sprechen, zählen an sich bereits zur geschichtsphilosophischen, ja geschichtstranzendenten Reihe; (...) mit den Betrachtungen einer anderen Welt auf dem Grund.” BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 19. Para acessar outro bom estudo sobre as “afinidades eletivas” entre Bloch e Benjamin, cf. ZIMMER, Jörg. Progresso e recordação em Ernst Bloch e Walter Benjamin. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO Jr., Rubens; VEDA, Miguel (Org.). **Walter Benjamin:**

Ao se concentrar, portanto, na noção de devir histórico como um processo ao mesmo tempo inacabado e subterrâneo, a filosofia da história de Ernst Bloch dedica-se à cata do omitido, do esquecido nas “ruínas e esferas culturais arrasadas deste mundo”.⁹² Eis aí a concepção teórica que subjaz a ideia de *Spuren* – traço, rastro, vestígio –, título do terceiro livro de Bloch, publicado em 1930. Nesta obra, o autor compõe um ajuntamento de notas, verbetes e historietas aparentemente banais sob o entendimento de que

Algumas coisas só podem ser compreendidas em histórias desse tipo e não em um estilo mais amplo e elevado, ou pelo menos não da mesma maneira. (...) Há pequenos traços e outros aspectos da vida que não foram esquecidos; há muito o que ser recuperado nos resíduos ainda hoje.⁹³

A este respeito, como bem aponta Carlos Eduardo Jordão Machado,

Salta aos olhos a proximidade com os propósitos de Walter Benjamin em *Rua de mão única (Einbahnstrasse)*, de 1926 – tirar proveito de “dejetos” da história para decifrar o presente, o trabalho micrológico e o uso da

experiência histórica e imagens dialéticas. Tradução de Marlene Holzhausen, Carlos Eduardo J. Machado, Artur S. Bez, Fábio R. Uchôa e Rafael M. Zanatto. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p.115.

⁹² Do original: “die Trümmer und zerbrochenen Kultursphären dieser Welt”. BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**, p. 296. Mais uma vez, chama atenção a semelhança dessa imagem com aquela do “amontoado de ruínas do passado” para o qual se vira o assombrado anjo da história, descrita por Walter Benjamin em sua conhecida leitura do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, Cf. LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**, p.87.

⁹³ Do original: “Manches läßt sich nur in solchen Geschichten fassen, nicht im breiteren, höheren Stil, oder dann nicht so. (...) Es sind kleine Züge und andre aus dem Leben, die man nicht vergessen hat; am Abfall ist heute viel.” BLOCH, Ernst. **Spuren** (1910-1929). Werkausgabe Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985, p.16-17.

montagem (mediata), citações, conversas e, sobretudo, o pensar “surrealista”, o choque.⁹⁴

É nessa medida que, conforme reproduziu o próprio Walter Benjamin em sua obra inacabada, a “formulação de Ernst Bloch sobre o trabalho das *Passagens*” pode ser aplicada à sua conduta de um leitor de vestígios. “‘A história mostra seu distintivo da Scotland Yard’. Foi no contexto de uma conversa”, diz Benjamin sobre Bloch, “em que explicava como esse trabalho – comparável ao método de fissão atômica – liberta forças gigantescas da história, que ficam presos no ‘Era uma vez’ da narrativa histórica clássica”.⁹⁵

Desse modo, ao mesmo tempo em que privilegia o sentido vivo da presença de vestígios que testemunham o passado, a concepção blochiana problematiza aquela figura linear-teleológica tão cara às modernas filosofias da história – inclusive a do marxismo vulgar – e propõe uma reavaliação do conceito de tempo histórico. Exatamente as premissas teóricas que balizaram a hipótese da “não contemporaneidade dos tempos” (*Ungleichzeitigkeit*), apresentada no livro *Erbschaft dieser Zeit (Herança desta época)*. Um verdadeiro *tour de force*, escrito

⁹⁴ MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Ernst Bloch e “o sonho de alguma coisa”. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). **Pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 175.

⁹⁵ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira de Willi Bolle; tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p.505; N3, 4. Para um estudo da concepção de *traço* na filosofia da história de Ernst Bloch, cf. LYOTARD, Jean-François. *Puissance des traces ou contribution de Bloch à une histoire païenne*. In : RAULET, Gérard. **Utopie-marxisme selon Ernst Bloch**. Paris : Payot, 1976.

e publicado em meio ao caos político da Alemanha no início dos anos 1930. E que merece uma análise um pouco mais circunstanciada.

1.3. Herança desta época a história e suas não-contemporaneidades

Berlim, 30 de janeiro de 1933. Por volta das 11h da manhã um novo gabinete ministerial era oficializado no escritório do marechal Paul von Hindenburg. Há quem diga que o já octogenário presidente da República alemã mostrava sinais claros de senilidade. Pelo sim ou pelo não, fato é que quadros importantes do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) – que já vinha se destacando no cenário político desde que se tornara o segundo partido com maior número de cadeiras no Parlamento em 1930⁹⁶ – passou a ocupar postos estratégicos à frente do país. Wilhelm Frick recebeu o ministério do Interior e Adolf Hitler foi nomeado chanceler do Reich.⁹⁷ A denúncia ressentida da humilhante capitulação, fraqueza e falta de autoridade da República de Weimar, havia, enfim, conduzido seu maior representante ao centro do poder.

⁹⁶ KERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.236.

⁹⁷ GAY, Peter. **A cultura de Weimar**. Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.180.

“Hitler é chanceler do Reich”, anotou Joseph Goebbels em seu diário. “É como se fosse um conto de fadas”.⁹⁸ No discurso de posse como Chefe de Governo, Hitler sentenciou:

O Governo Nacional considerará como seu primeiro e principal dever o *restabelecimento* da unidade no espírito e na vontade do nosso povo. Vigiará e defenderá os princípios básicos sobre os quais se fundam a força de nossa nação. O cristianismo, como base de nossa moral, e a família, como célula germinal do povo e do Estado, gozarão de sua mais decidida proteção. (...) Quer fazer do *respeito ao nosso grande passado* e do *orgulho por nossas velhas tradições* a base para a educação da juventude alemã. Com isso declara uma guerra sem trégua ao niilismo espiritual, cultural e político. A Alemanha não deve nem quer unir-se ao comunismo anarquista.⁹⁹
(Grifos nossos)

Dali a 26 dias, o *Reichstag* (Parlamento Alemão) seria incendiado. E como bem afirmou o historiador Peter Gay, o “resto é uma estória de medo, terrorismo, irresponsabilidade, oportunidades perdidas e traições vergonhosas”¹⁰⁰. É a história do Terceiro Reich como bem conhecemos. Um período que correu 12 anos de exceção embalado por um lema: *Deutschland Über Alles* (Alemanha acima de tudo).

É bem provável que um dos primeiros a observar a instrumentalização política deste afeto passadista na escalada dos nazistas ao poder tenha sido Ernst Bloch. Publicado em 1934 – um ano após a chegada de Hitler ao posto de

⁹⁸ Cit. KERSHAW, **Hitler**, p.236.

⁹⁹ BAYNES, Norman H. (Org.) **The speeches of Adolf Hitler**: April 1922 – August 1939. English translation of representative passages arranged under subjects and edited by Norman H. Bayes. Volume 1. New York: Howard Fertig, 1969, p.113.

¹⁰⁰ GAY, **A cultura de Weimar**, p.181.

Chanceler –, o livro *Erbschaft dieser Zeit* (*Herança desta época*) é um testemunho deste olhar. Escrito desde o final dos anos 1920 – passando pelas eleições de 1930, que deram protagonismo parlamentar ao Partido Nazista –, Bloch definiu logo nas primeiras linhas de seu prefácio: “A situação é lastimável ou abjeta, o caminho de saída, tortuoso.”¹⁰¹

Mais uma vez, a Alemanha atravessava um profundo momento de crise política. Acontece que, dessa vez, quem dava o último suspiro era a República de Weimar. Se, em 1918, a sensação que subjazia em meio àquele turbilhão de acontecimentos era da transição de um regime autocrático para uma república socialdemocrata, a partir de 1933, a impressão que se impunha era a do “nascimento de uma era negra”¹⁰². Diante deste novo contexto, Bloch tratava de sublinhar o *leitmotiv* político de seu trabalho logo nas primeiras páginas de seu prefácio: “A época está apodrecendo e ao mesmo tempo gestando algo. (...) *É tempo de arrancar as armas das mãos da reação*” (Grifos nossos).¹⁰³

Neste livro, Bloch oferecia uma arguta análise sobre a explosão de popularidade e adesão da sociedade alemã ao discurso nazista, animado pela hipótese do que chamou de “não contemporaneidade dos tempos” (*Ungleichzeitigkeit*).¹⁰⁴ “Nem todos estão presentes no mesmo agora (*Jetzt*)”, dizia ele.

¹⁰¹ Do original: “Der Zustand ist elend oder niederträchtig, der Weg heraus krumm.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1962, p.15.

¹⁰² GAY, **A cultura de Weimar**, p.184.

¹⁰³ Do original: “Die Zeit fault und kreißt zugleich. (...) Es ist an der Zeit, der Reaktion diese Waffen aus der Hand zu schlagen.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.15-16.

¹⁰⁴ A tradução da categoria *Ungleichzeitigkeit* como “não contemporaneidade dos tempos”,

Só estão exteriormente porque é possível vê-los hoje em dia. Mas não é só por isso que uns e outros vivem no mesmo tempo. Em vez disso, trazem consigo algo do passado que interfere. O tempo de um indivíduo depende de onde ele está em carne e osso e especialmente da classe à qual ele pertence. Tempos mais antigos que os de hoje continuam a viver nas camadas mais antigas [do presente].¹⁰⁵

Para Bloch, o tempo histórico é um composto dialético de temporalidades vividas que não estão orientadas na mesma direção. Desse modo, um mesmo presente pode acolher temporalidades que nada possuem de contemporâneas, mas que, nem por isso, deixam de orientar a ação humana. Como já havia apontado em seu livro sobre Münzer, Bloch lança mão do conceito de “herança” (*Erbschaft*) para mostrar essa co-presença entre o passado “irracional” da tradição e o porvir da confiante – “embora destroçada” – Razão moderna¹⁰⁶. Segundo ele, é a herança

no presente trabalho, acompanha a alternativa já consolidada pelas traduções francesa e inglesa. Não obstante, há que se reconhecer que o termo “não simultaneidade” parece filologicamente mais adequado, uma vez que se aproxima mais da ideia de algo que não ocorre ao mesmo tempo, expressa no vocábulo utilizado por Bloch no original em alemão. Além do mais, Bloch não faz uso dos termos *zeitgenössisch* ou *Zeitgenossenschaft*, que, neste caso, seriam muito mais apropriados às noções de “contemporâneo” e “contemporaneidade”. Cf. MÜNSTER, Arno. **Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernst Bloch**. Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

¹⁰⁵ Do original: “Nicht alle sind im selben Jetzt da. Sie sind es nur äußerlich, dardurch, daß sie heute zu sehen sind. Damit aber leben sie noch nicht mit den anderen zugleich. Sie tragen vielmehr Früheres mit, das mischt sich ein. Je nachdem, wo einer leiblich, vor allem klassenhaft steht, hat er seine Zeiten. Ältere Zeiten als die heutigen wirken in ältere zurück.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.104.

¹⁰⁶ A partir dessa postura um tanto “herética” de um marxista que se volta para o conteúdo do passado e sai em defesa de um retorno – ainda que de um ponto de vista ativo – à tradição, fica evidente a influência do Romantismo no pensamento blochiano. A respeito

que converte e medeia a coexistência de temporalidades tão distintas em um mesmo presente, além de tornar possível a integração, a comunicação e a reinvenção contínua de tradições no seio de uma sociedade.

Acontece que, segundo Bloch, esta dimensão da realidade havia sido negligenciada de maneira eticamente irresponsável pelas esquerdas alemãs – tanto pela Social-Democracia quanto pelo Partido Comunista –, envoltas nas polêmicas de suas diferentes leituras políticas e econômicas do processo histórico. Tudo isso naquele que seria um “país clássico da não contemporaneidade”, dizia ele, “de vestígios não superados de um ser econômico e de uma consciência antiga”¹⁰⁷ – a herança recebida pela sua época.

De acordo com o filósofo alemão, existiria um evidente “impulso anticapitalista” (*antikapitalistischer Trieb*) nas formas de oposição ao moderno racionalismo instrumental – como tradições, mitos, símbolos e alegorias.¹⁰⁸ Nas suas palavras, tratava-se de “elementos subversivos e utópicos, a matéria reprimida do que não ocorreu”, um verdadeiro arsenal de excedente emancipatório que havia sido sistematicamente desconsiderado pela “subalimentação da imaginação socialista” (*Unterernährung an sozialistischer Phantasie*). A mesma que estaria muito mais interessada em apresentar “seus números, suas análises, seus

do “socialismo místico e libertário” de Ernst Bloch, cf. LÖWY, Michael. “Romantismo e utopia: o sonho acordado de Ernst Bloch” In: LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p.278-304).

¹⁰⁷ Do original: “der unüberwundenen Reste älteren ökonomischen Seins und Bewusstseins.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.114.

¹⁰⁸ BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.15.

escritos muito exatos (...) àqueles que subjetivamente estão decepcionados com qualquer 'economia'.”¹⁰⁹

A essa falta de sensibilidade comunicativa das esquerdas alemãs para com a grande massa não-contemporânea de uma população pauperizada – não raro de origem rural – somava-se ainda o desprezo com relação à sua visão de mundo. É por essa razão que, de acordo com Bloch, a “indolente arrogância com que um [Karl] Kautsky zombava dos ‘heróis’ ou das ‘pequenas amostras da mística apocalíptica’ e se contentava em ridicularizá-las está ultrapassada, tanto na teoria quanto na prática.”¹¹⁰ Essa era uma conclusão que resultava da observação de que a retórica demagogicamente nostálgica do Partido Nazista recebia muito mais acolhida do que o tom “frequentemente frio, professoral e exclusivamente econômico”¹¹¹, resultado da afetação objetivista (*Sachlichkeit*) da propaganda socialista. Ou, para ficar nas palavras do próprio Ernst Bloch, o “inimigo viu melhor que o amigo que essas formas [de oposição ao moderno racionalismo instrumental] são extremamente eficazes”¹¹². Sem meias palavras: “Os nazistas falam um idioma

¹⁰⁹ Do original: “Oder sie bringen ihre richtigsten Zahlen, Prüfungen, Buchungen denen, die den ganzen Tag über mit nichts als Zahlen, Buchungen, Büro und Trockenarbeit verödet werden, also der gesamten 'Wirtschaft' subjektiv überdrüssig sind.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.153.

¹¹⁰ Do original: “Der weiche Hochmut, womit ein Kautsky über 'Helden' oder 'Pröbchen apokalyptischer Mystik' lächelte und nichts als lächelte, ist theoretisch-praktisch zu Ende.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.146.

¹¹¹ Do original: “die sozialistische Propaganda vielfach kalt, schulmeisterlich, nur ökonomistisch war.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.128.

¹¹² Do original: “Daß sie äußerst wirksam sind, hat der Feind besser als die Freunde bemerkt”. BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.146.

enganoso, mas para as pessoas, [enquanto que] os comunistas falam em uma linguagem totalmente verídica, mas a propósito das coisas”.¹¹³ Ou como pontua de maneira um tanto irônica: “o sucesso da ideologia nacional-socialista atesta, por sua vez, o enorme progresso do socialismo desde que passou da Utopia à Ciência.”¹¹⁴

Só que para além dessa instrumentalização comunicativa de um afeto por parte dos nazistas, Bloch ia mais fundo e observava ainda uma outra característica na sua ascensão: o papel central exercido por elementos irracionais na cena política. Quando, em seu primeiro discurso como chanceler, Adolf Hitler afirmou que “quatorze anos de marxismo arruinaram a Alemanha”¹¹⁵, ele não estava interessado em explicar de que forma a Alemanha teria sido arruinada – seja pelo rombo aos cofres públicos provocado Primeira Guerra Mundial ou pelo recente impacto econômico da Quebra da Bolsa de Nova Iorque –; muito menos em especificar o que ele chamava de “marxismo”. Era preciso, antes de tudo, projetar um inimigo comum para a nação, retratá-lo como a raiz de todos os males, incitar o ódio, expor o ressentimento e, como vingança, propor o retorno a uma suposta condição original, anterior à sua chegada ao poder – papel que, no campo dos costumes, foi muito bem desempenhado pelo fantasma do “bolchevismo cultural”. Por isso mesmo, diz Bloch,

¹¹³ Do original: “Nazis sprechen betrügend, aber zu Menschen, die Kommunisten völlig wahr, aber nur von Sachen.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.153.

¹¹⁴ Do original: “der Erfolg der nationalsozialistischen Ideologie quitiert, seines Teils, den allzu großen Fortschritt des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.166.

¹¹⁵ BAYNES, Norman H. (Org.) **The speeches of Adolf Hitler**, p.115.

as massas também se dirigem para essa inatualidade [nostálgica] porque o presente intolerável parece pelo menos diferente com Hitler, porque ele pinta boas e velhas coisas para todos. Poucas coisas são mais mal observadas, nada é mais perigoso, do que essa força que consiste em ser, ao mesmo tempo, ardente e miserável, contestador e não-contemporâneo.¹¹⁶

Não se tratava mais de apelar à razão e explanar os fundamentos que levaram a economia alemã ao fundo do poço. Milhares de pessoas estavam desempregadas e famintas, a criminalidade e a insegurança só cresciam, famílias inteiras viviam na condição da mais degradante miséria. A cólera e o medo substituíam qualquer necessidade de reflexão. E, como disse Bloch, “de maneira única, o nazismo mobilizou para seus fins tanto a ignorância econômica, quanto a imagem ainda eficaz de esperança [da mudança, do novo]”¹¹⁷.

Diante do esboço desse quadro do presente alemão, a sugestão ético-política de Bloch tinha um sentido prático: havia chegado, dizia, o “tempo de arrancar essas armas das mãos da reação”¹¹⁸. É aqui que ele deixa bem nítida sua intenção de “disputar essa narrativa” – para usar jargão atual –, através da proposta de uma reelaboração da noção de nostalgia e de uma dialética dos elementos

¹¹⁶ Do original: “Auch die Massen strömten ihr zu, weil das unerträgliche Jetzt mit Hitler mindestens anders scheint, weil er für jeden gute alte Dinge malt. Weniges unterwarteter, nichts gefährlicher als diese Kraft, zugleich feurig und kümmerlich, widersprechend und ungleichzeitig zu sein.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.104.

¹¹⁷ Do original: “Einzigartig hat der Nazismus sowohl die ökonomische Unwissenheit wie das immer noch wirksame Hoffnungsbild”. BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.140.

¹¹⁸ Do original: “Es ist an der Zeit, der Reaktion diese Waffen aus der Hand zu schlagen.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.16.

irracionais. “É tempo de recuperar algumas velhas coisas”, dizia ele, “a urgência da hora nos ordena”¹¹⁹.

Mas o que seriam essas “velhas coisas”? Mais uma vez, um breve desvio no fluxo da narrativa se mostra necessário. Talvez um pequeno ensaio publicado pela romancista e crítica literária Svetlana Boym em 2007 possa nos dar algumas pistas para responder a essa pergunta. Logo na primeira frase, ela diz que o “século XX se iniciou com utopia e terminou em nostalgia”¹²⁰. Acontece, para Boym, a ideia de “nostalgia” não seria algo estanque e fixo, mas um conceito com uma história própria, que carregaria consigo pelo menos duas variações. De um lado, a “nostalgia restauradora”, a mesma de que temos tratado até aqui, que enfatiza o retorno de *nostos* e busca operar uma reconstrução transhistórica daquilo que se perdeu. De outro lado a “nostalgia reflexiva”, um tipo moderno que, animado muito antes pelo próprio anseio de *algos*, acompanha a mudança na concepção de tempo e história e interessa-se, nas palavras de Boym, “pelos sonhos não realizados do passado e visões do futuro que se tornaram obsoletas (...) possibilidades não realizadas, viradas imprevistas e encruzilhadas”¹²¹.

“As velhas formas”, dizia Bloch, “colaboram em parte para a novidade quando são bem colocadas”¹²². Aí está o núcleo de sua proposta de uma

¹¹⁹ Do original: “Es ist fällig, einiges Alte wieder zum Eigenen zu schlagen, das Gebot der Stunde drängt dazu.” BLOCH, **Erbschaft dieser Zeit**, p.146.

¹²⁰ BOYM, Svetlana. O mal-estar da nostalgia. Tradução de Marcelo Santos de Abreu e André de Lemos Freixo. **História da historiografia**. n.23, Ouro Preto, abril, 2017, p.153.

¹²¹ BOYM, Svetlana. O mal-estar da nostalgia, p.156.

¹²² Do original: “Die alten Formen helfen zum Teil, wenn richtig eingesetzt, am Neuen mit.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.146.

ressignificação da noção de nostalgia: uma mudança estratégica de percepção que seja capaz de estabelecer “uma aliança que libere no passado o futuro ainda possível que ele contém, inserindo-os ambos no presente”¹²³.

Além disso, ao contrário da ética marxista de seu tempo, voltada cada vez mais para a defesa da “razão” e do “primado [objetivo] da realidade”, Bloch vai enfrentar de vez o protagonismo tomado por impulsos irracionais na cena política e postular seu resgate em vista de sua transformação dialética – ou “suprassunção” (*Aufheben*) para ficar em um vocábulo de corte hegeliano. Diante das investidas nazistas neste campo, tratava-se, portanto, de “ocupar e racionalizar publicamente também os movimentos e elementos irracionais”.¹²⁴

Portanto, ao mesmo tempo em que traçava um quadro crítico da prepotente negligência com que as esquerdas trataram o tema da tradição, da comunicação política e de elementos irracionais na cena pública, Bloch também acusava o conceito linear e o automatismo do progresso como pilares teóricos da concepção de história do marxismo vulgar (*Vülgarmarxismus*). Antes de referendar qualquer imagem de um tempo homogêneo e vazio, ou de um passado fechado e encerrado na sucessão dos acontecimentos, o tempo histórico para Bloch estaria permeado de potências não realizadas. “A história não é uma realidade”, escreveu ele,

que progride seguindo um caminho único em que o capitalismo seria a última etapa, aquela que teria ‘ultrapassado’ todas as etapas anteriores; é, muito pelo contrário, *plurirrítmica e multiespacial, com alguns ângulos que não*

¹²³ Do original: “ein Bündnis, das aus der Vergangenheit erst dadurch die in ihr noch mögliche Zukunft befreit, daß es beide in die Gegenwart setzt.” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p.119.

¹²⁴ Citado em PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.186.

*foram suficientemente controlados e que ainda estão longe de serem superados. (Grifos no original)*¹²⁵

Trata-se mesmo de uma dialética multifacetada de tempos e espaços, que não se interessa pelo movimento linear, unidirecional e progressivo da história, mas pela mediação de processos heterogêneos que atuam no presente. Algo como uma justaposição dos conteúdos históricos, contrária à representação segundo a qual é melhor ou “mais evoluído” aquilo que é ou está posterior na sequência dos eventos.¹²⁶ É assim que o filósofo Jörg-Rudolf Zimmer enxerga no *multiversum* de conteúdos históricos adotado por Bloch em sua teoria da não contemporaneidade dos tempos “um pressuposto teórico e metodológico imprescindível para o conceito de memória (*Erinnerung*) histórica”.¹²⁷

O próprio Bloch dá um passo adiante na conceitualização deste tempo polirrítmico em um texto de 1956 intitulado *Differenzierungen im Begriff Fortschritt* (“Diferenciações no conceito de progresso”). Para propor a concepção do multiverso de tempos históricos – em contraposição ao processo unilinear e cronologicamente progressivo de uma história universal e sua “idolatria abstrata da

¹²⁵ Do original: “Geschichte ist kein einlinig vorschreitendes Wesen, worin der Kapitalismus etwas, als letzte Stufe, alle früheren aufgehoben hätte; sondern sie ist ein *vielrhythmisches und vielräumiges, mit unbewältigten und noch keineswegs aus gehobenen, aufgehobenen Winkeln.*” BLOCH, Ernst. **Erbschaft dieser Zeit**, p. 69.

¹²⁶ ZIMMER, Jörg. “Progresso e recordação em Ernst Bloch e Walter Benjamin”, In: **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**, p.118.

¹²⁷ ZIMMER, Jörg. “Progresso e recordação em Ernst Bloch e Walter Benjamin”, p. 116

passagem do tempo em si mesma”¹²⁸ –, Bloch parte do olhar sobre o conceito de espaço elaborado pelo matemático alemão Bernhard Riemann (1826-1866) em suas considerações sobre o caráter orientável das superfícies, para além da definição euclidiana.¹²⁹ “Portanto”, diz Bloch,

precisamente com base no espaço riemanniano concebido de forma flexível, é possível conceber algo análogo que ajude na formação de um conceito não-rígido do tempo na história. Ele auxiliaria este conceito em meio a suas aporias de progresso e – intimamente relacionadas a elas – as aporias da alocação e classificação do material histórico.¹³⁰

Portanto, para conceber essa disposição multidimensional de tempos históricos na conformação de um olhar renovado sobre o conceito de progresso, há que se ter como referencial “uma espécie de tempo ‘riemanniano’”. Isto é: um tempo com uma

¹²⁸ Do original: “abstrakte Vergötzung von Zeitfolge an sich”. BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*. In: Gesamtausgabe: **Tübinger Einleitung in die Philosophie**. v.XIII. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970, p.162.

¹²⁹ Para uma analogia entre a noção riemanniana de “variedade” (*mannigfaltigkeit*) – comumente traduzido para o inglês *manifold* – e o sentido de uma fenomenologia das “multiplicidades”, cf. JI, Lizhen; PAPADOPOULOS, Athanase; YAMADA, Sumio. (Org.) **From Riemann to Differential Geometry and Relativity**. New York: Springer International Publishing, 2017. Para os objetivos deste trabalho, vale conferir o capítulo “Deleuze et la géométrie riemannienne: une topologie des multiplicités”, escrito pelo filósofo Franck Jedrzejewski.

¹³⁰ Do original: “Eben von elastisch gefaßten, dem *Riemannschen Raum* könnte nun eine Nachdenklichkeit ausgehen, die auch einem *unstarren Zeitbegriff in der Geschichte* zugute käme. Nämlich mitten in seinen Fortschritts-Aporie und - so eng damit verbunden - den Aporien der historischen Stoffunterbringung, Stoffanreinhung.” BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*, p.181.

métrica variável, dependendo da distribuição e sobretudo (...) de acordo com o conteúdo alvo da matéria histórica.”¹³¹

Acontece que, além de uma definição fenomenológica contra todo “tipo de progressologia triunfalista”¹³² (*Art Fortschrittsfreude*), por conta de seu caráter polifônico, essa “espécie de tempo riemanniano” da qual fala Bloch permite a abertura para a concretização de uma visão mais democrática, humanista e genuinamente tolerante – “utópico-tolerante” (*utopisch-toleranten Zeitpunkt*) – para “os multiversos na nova história da cultura”.¹³³ O que implica na defesa de uma história não-europeia, desprovida daquela arrogância pretensamente universal. “Quanto mais firme for a recusa de uma ênfase puramente ocidental, e de uma ênfase unicamente no desenvolvimento até hoje – para não falar da sua discrepância imperialista –,” escreve Bloch,

tanto mais forte será a ajuda dada por uma orientação utópica, aberta e em si mesma ainda experimental. Somente assim centenas de culturas podem fluir para a unidade da raça humana; uma unidade que só então toma forma, em tempo histórico não-linear e com uma orientação histórica que não é fixa nem monódica.¹³⁴

¹³¹ Do original: “eben eine *Art "Riemannsche" Zeit*. Das heißt: eine Zeit eine mit variabel faßbarer Metrik, je nach der Verteilung und hier vor allem je nach den (...) Zielinhalten der historischen Materie.” BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*, p.186.

¹³² Do original: “solche Art *Fosrtschrittsfreude*”. BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*, p.163.

¹³³ Do original: “die *Multiversa in der neuen Kulturgeschichte*”. BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*, p.176.

¹³⁴ Do original: “Desto deutlicher versagt dann - von ihrer imperialistischen Diskreditiertheit gar nicht zu reden - eine bisherige, rein westliche Pointierung, desto stärker hilft eine utopisch offene, selber noch experimentelle. Nur derart können hunderte Kulturen in die Einheit des Menschengeschlechts strömen, die sich dadurch erst bildet, in nicht linear

1.4. Princípio Esperança

quando a história se põe a contar futuros

Por questões de segurança, Bloch encontrava-se exilado em Zurique, na Suíça, desde que o Partido Nazista havia vencido as eleições para o *Reichstag*, em março de 1933. Acontece que a tradicional neutralidade política relativa à recepção de imigrantes e refugiados naquele país não era a mesma dos anos 1910. Além da forte onda de antissemitismo que se espalhava pela população, a polícia suíça estava empenhada na perseguição de militantes comunistas e potenciais “agentes do *Komintern*”.

Devido à visibilidade política provocada pelo lançamento de seu livro-manifesto contra o aparato ideológico do nacional-socialismo, ainda em 1935, Bloch – após uma curta passagem por Viena e Paris – decidiu se transferir para a capital da antiga Tchecoslováquia, acompanhado de sua companheira, a arquiteta comunista Karola Piotrowska. Mas, apesar da intensa atividade de oposição ao nazismo na revista tcheca *Neue Weltbühne*, a estadia em Praga foi breve: após a assinatura do Acordo de Munique, em setembro de 1938, a Tchecoslováquia foi incorporada ao Terceiro Reich.¹³⁵ Sem a mínima condição de voltar para a Alemanha, o filósofo deixou a Europa de uma vez por todas e acompanhou o movimento de muitos outros intelectuais alemães de origem judia dessa mesma

gehaltener Geschichtezeit, nicht fix-monodisch gehaltener Geschichtsorientierung.” BLOCH, Ernst. *Differenzierungen im Begriff Fortschritt*, p.200.

¹³⁵ O Acordo de Munique foi um tratado assinado em 30 de setembro de 1938 por líderes da Inglaterra, França, Itália e Alemanha, que concedeu o domínio da Tchecoslováquia às forças hitleristas como “política de apaziguamento”. Para mais informações, cf. GILBERT, Martin & GOTT, Richard. **The appeasers**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1963.

geração. E foi buscar refúgio do outro lado do Atlântico Norte, nos Estados Unidos da América.

Passou pela cidade de Nova Iorque (1938-1940), Marlborough, em New Hampshire (1940-1941) e Cambridge, Massachusetts (1942-1949). Apesar de não ser fluente em inglês nem conseguir emprego fixo, ao longo de onze anos Bloch não se manteve isolado. Em pouco tempo começou a escrever para a *Freies Deutschland*, uma revista fundada em 1941 que se tornou um dos mais expressivos veículos de comunicação do *Free German Movement* – um coletivo antifascista liderado por Heinrich Mann e formado por exilados alemães nos Estados Unidos.¹³⁶

As publicações eram lançadas na Cidade do México e chegavam pelo sul da Califórnia. Mas também há registros de alguns números que circularam pelo Brasil e Argentina. A revista que trazia ensaios sobre literatura, cultura e análise política, durou ininterruptos 55 números, até 1946, tempo suficiente para levantar as orelhas do *Federal Bureau of Investigation* (FBI) por conta das “inclinações comunistas” de seus autores e das relações com movimentos políticos espalhados pela América Latina.¹³⁷ A respeito dessa vigilância a intelectuais de esquerda por parte de órgãos de inteligência norte-americanos, Arno Münster conta que

Bertold Brecht, Hans Eisler e Ernst Bloch figuravam entre aqueles que, suspeitos de atividades ou simplesmente de simpatias pró-comunistas ou marxistas, eram regularmente convocados a se apresentar ao Bureau de Imigração ou à comissão de investigação do “Comitê contra atividades antiamericanas” para serem submetidos a interrogatórios políticos. (...) No

¹³⁶ Cf. OCHOA, Maria Clotilde Rivera. **Estudio de la revista "Freies Deutschland"**, organo de diffusion del movimiento "Alemania libre" en Mexico: 1941 – 1946. Inst. de Investigaciones Interculturales Germano-Mexicanas, 1995.

¹³⁷ Cf. DUDEK, Wanilton. “Red fascists”: anti-Nazi German under suspicion of the FBI. **História, Debates e Tendências**, vol.19, n.4, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, dez. 2019.

que concerne a Bloch, a troca de cartas do filósofo judeo-alemão com seus amigos antifascistas e marxistas, com as redações de algumas editoras antifascistas (nos Estados Unidos) e revistas de exílio pró-comunistas e antifascistas (...) eram regularmente interceptadas ou “controladas” pelos serviços secretos americanos, que colaboravam estreitamente com o “Comitê contra atividades antiamericanas”. (...) Ernst Bloch – que nunca se filiou ao Partido Comunista Alemão (KPD), mas simpatizava com a organização e suas posições políticas – foi classificado, pelos funcionários do Bureau de imigração de Boston, como um “antifascista prematuro”, isto é, como alguém que já era antifascista antes do bombardeio de Pearl Harbor pelos japoneses – o que, na visão deles, se tratava de um fato muito grave!¹³⁸

Foi durante este período turbulento que Bloch se reaproximou de intelectuais alemães asilados do outro lado do Atlântico – como Paul Tillich¹³⁹, Otto Klemperer¹⁴⁰ e Adolf Lowe¹⁴¹. Mas este também foi o momento em que viveu o

¹³⁸ MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**: une biographie. Paris: Éditions Kimé, 2001, p.223.

¹³⁹ Paul Tillich foi um teólogo protestante defensor de um “socialismo religioso”, que, após ter dado aulas nas Universidades de Marbourg, Dresde e Leipzig, foi forçado ao exílio pelos nazistas. Refugiado nos Estados Unidos, em 1938, tornou-se professor de teologia filosófica na *Union Theological Seminary* de Nova Iorque, e, em 1955, na Universidade de Harvard; de 1962 até sua morte, deu aulas em Chicago. (Cf. nota 20, cap.XX. In: MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.231)

¹⁴⁰ Nascido em Breslau, Otto Klemperer começou sua carreira como maestro em Hamburgo e Estrasburgo antes de ser nomeado em 1927 como maestro da Ópera Kroll e do Coro Filarmônico de Berlim. De 1931 a 1933, foi maestro da Ópera do Estado de Berlim. Foi para os Estados Unidos em 1933 onde dirigiu até 1939 a Orquestra Filarmônica de Los Angeles. De volta à Europa, em 1946, dirigiu até o fim da vida a Orquestra Filarmônica de Londres. (Cf. nota 26, cap.XX. In: MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.232).

¹⁴¹ Professor de economia nas universidades de Kiel e Frankfurt, e, entre 1932 e 1933, administrador do Instituto para Pesquisas Sociais. Após migrar, em 1933, primeiro para a

episódio que serviu para escancarar as profundas diferenças políticas com os integrantes da já consolidada Escola de Frankfurt¹⁴² – notadamente Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Desde antes de sua partida da Alemanha, Bloch nutria grandes esperanças de conseguir um cargo no Instituto para Pesquisa Social – que, desde 1936, seguia muito bem acomodado na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Cartas enviadas a Horkheimer ainda no início de 1938 indicam a pretensão de colaborar com o desenvolvimento de pesquisas para o Instituto, mais do que apenas com artigos ou resenhas para o periódico *Zeitschrift für Sozialforschung* (Revista para Pesquisa Social). Acontece que um artigo publicado por Bloch ainda em março de 1937, no número 10 da revista tcheca *Die Neue Weltbühne*, pode ter sido o motivo para que uma pá de cal fosse jogada sobre sua expectativa de integrar o Instituto para Pesquisa Social em solo norte-americano.

Sob o título “*Kritik einer Prozesskritik (Hypnose, Mescaline und die Wirklichkeit)*” [Crítica a uma crítica de um processo (Hipnose, Mescalina e realidade)], neste texto Bloch justificava os chamados “Processos de Moscou” e os

Suíça, depois para a Inglaterra e Estados Unidos, entre 1941 e 1963, dá aulas como professora de economia política na *New School for Social Research* de Nova Iorque. (Cf. nota 21, cap.XX. In: MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.232).

¹⁴² Cf. JAY, Martin. **The dialectical imagination: a history of Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950**. Berkeley: University of California Press, 1973; JAMESON, Fredric. **Marxism and form: 20th century dialectical theories of literature**. Princeton: Princeton University, 1971; MATOS, Olgária C. F. **Os arcanos do inteiramente outro: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução**. São Paulo: Brasiliense, 1989; JEFFRIES, Stuart. **Grande Hotel Abismo: a Escola de Frankfurt e seus personagens**. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

expurgos realizados no interior Partido Comunista da União Soviética naquele ano. Tudo isso embalado pelo endosso da tese paranoica e persecutória de uma suposta colaboração entre Hitler e Trotsky – a essa altura o mais conhecido crítico público ao regime de Stálin. “Sabotagem, enfraquecimento, até mesmo o abandono da Ucrânia: a crítica à burocracia justifica todos os meios”, escreveu Bloch,

empurra o trotskismo para o braço do inimigo do seu inimigo, justificando para ele um novo Brest-Litovisk (...) Como consequência, o resultado da atividade trotskista não seria a revolução mundial (...). O resultado final seria antes a introdução do capitalismo na Rússia (...) e sua consequência seria o triunfo do fascismo alemão em Moscou.¹⁴³

Em suas palavras, estas seriam “as verdadeiras razões deste processo; a chave de todo o jogo conspirador”¹⁴⁴.

Para Arno Münster, a imprudência política dessa publicação – mistura de ingenuidade e necessidade de um posicionamento publicamente antifascista acima de qualquer crítica¹⁴⁵ – foi a grande questão por trás da alegação, feita por Horkheimer, de que as posições políticas de Bloch eram “comunistas demais”.¹⁴⁶

Nas palavras de Münster,

Este artigo havia sido muito mal-recebido pelos pais fundadores da Escola de Frankfurt, que adotaram, desde o início, uma posição anti-stalinista e antidogmática muito clara. (...) A desconfiança que a atitude política de Bloch e sua defesa da União Soviética (de Stálin) suscitaram, comprometeu

¹⁴³ BLOCH, Ernst. Kritik einer Prozesskritik (Hypnose, Mescaline und die Wirklichkeit). **Die Neue Welbühne**, n. 10, Praga, 1937, p.294-299.

¹⁴⁴ Citado em: MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.201.

¹⁴⁵ Um “pacto faustiano com um presente dúbio” que, de acordo com Vincent Geoghehan, Bloch teria feito pelo “bem do futuro”. Cf. GEOGHEHAN, Vincent. **Ernst Bloch**. London: Routledge, 1996, p.14.

¹⁴⁶ BLOCH, Karola. **Aus meinem Leben**. Stuttgart: Neske, 1990, p. 136.

efetivamente todas as suas chances de se tornar colaborador oficial do Instituto para Pesquisa Social, em Nova Iorque, após sua chegada aos Estados Unidos, em julho de 1938.¹⁴⁷

No entanto, apesar de todas as dificuldades envolvidas na adaptação a uma cultura e um modo de vida estrangeiros, foi durante estes anos de exílio que Bloch concluiu os manuscritos dos dois primeiros volumes sua obra magna, *Das Prinzip Hoffnung (O Princípio Esperança)*, e do livro *Sujeto-objeto: el pensamiento de Hegel*, que teve sua primeira edição publicada em 1949 no México, pelo *Fondo de Cultura Economica*.

Neste que foi seu primeiro e único original publicado em um idioma completamente diferente do alemão, Bloch expunha aquele que, ao lado do marxismo, era o principal pilar teórico de seu pensamento: o hegelianismo. E fazia isso a partir de uma proposta muito simples. Como dito no prefácio à edição alemã de 1951: “A presente obra não tem a pretensão de ser um livro sobre Hegel, mas para ele, com ele e inteiramente através dele”.¹⁴⁸

Acontece que esta não era uma simples obra de divulgação do pensamento de Hegel como faz crer o título. Nela, Bloch permite-se ir além. Sua intenção é “pensar por conta própria”, fora de todo esquematismo ou fraseologia pronta.¹⁴⁹ “O homem acostumado a pensar por si mesmo”, afirma,

¹⁴⁷ MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.213.

¹⁴⁸ BLOCH, Ernst. **Sujeto-objeto: el pensamiento de Hegel**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983, p.9.

¹⁴⁹ A proposta de Bloch remete logo à metáfora do “pensar sem corrimão” (*Denken ohne Geländer*) elaborada por Hannah Arendt. Cf. ARENDT, Hannah. **Pensar sem corrimão: Compreender (1953-1975)**. Edição e apresentação de Jerome Kohn. Tradução de Beatriz

não aceita nada como fixo e definitivo, nem os fatos maquiados, nem as generalidades já inertes, muito menos os clichês cheios de cadaverina. (...) Quem, ao aprender [isto], se comporta passivamente, limitando-se a balançar a cabeça, logo adormece. Por outro lado, quem se envolve na coisa e caminha com ela, ao longo de seus caminhos não trilhados, atinge a maioria, encontra-se, afinal de contas, em condições de distinguir entre amigo e inimigo e de saber onde a verdade faz o seu caminho.¹⁵⁰

Ao se propor pensar por conta própria, Bloch fornece mais um traço de sua filosofia da história. Ao reafirmar temas que já haviam sido indicados vinte anos antes, ele escreve que

Os homens não são seres definitivamente acabados; portanto, tampouco seu passado o é. Este continua trabalhando, sob outros signos, conosco, no impulso de seus problemas, na experimentação de suas soluções; todos nós navegamos no mesmo barco. Os mortos reaparecem, mudados: [seja] aqueles cujas façanhas foram ousadas demais para realizar (como Thomas Münzer); [ou] aqueles cujo trabalho era muito vasto para coincidir com o local de seu tempo (como Ésquilo, Dante, Shakespeare, Bach, Goethe). *Descobrir o futuro no passado é filosofia da história.*¹⁵¹ (Grifos nossos)

É assim que Bloch justifica seu retorno a Hegel. Vivendo nos últimos anos da década de 1940, mais uma vez ele se reconhece em “tempos de transição”, quando “o presente traz o futuro em suas entranhas”¹⁵². São momentos “carregados de

Andriuolo, Daniela Cerdeira, Pedro Duarte, Virginia Starling. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

¹⁵⁰ BLOCH, Ernst. **Sujeito-objeto**, p.20.

¹⁵¹ BLOCH, Ernst. **Sujeito-objeto**, p.479.

¹⁵² BLOCH, Ernst. **Sujeito-objeto**, p.127.

fermentações e ameaças”, que, nas suas palavras, “aguçam nossa sensibilidade para o gênio da dialética”.¹⁵³

Quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1949, Bloch retornou ao território dividido de seu país natal e estabeleceu-se na recém proclamada República Democrática Alemã (RDA). Recebido com pompa e circunstância como o grande pensador da Alemanha socialista, pela primeira vez na vida entrou para a docência e assumiu um cargo acadêmico. “Finalmente sou”, anotou Bloch em uma carta,

acredite ou não, Spinoza e Schopenhauer que me perdoem, funcionário público, especialista, um professor reconhecido, titular da cátedra de filosofia. (...) Sendo buscado de carro em Hamburgo, tendo garantia de acomodação suficientemente espaçosa e pagamento extra por serviço pesado, com salário equivalente ao poder de compra de 1932 entre 15 e 20.000 marcos. Resumindo: *my bum in butter*, como diz o ditado. Estou envergonhado e novamente anseio pelo meu sonho.¹⁵⁴

O sonho era de, enfim, ter espaço para publicar os manuscritos produzidos nos últimos vinte anos. E foi o que aconteceu. Do alto de seus quase sessenta e quatro anos de idade, tornou-se *Herr Professor Bloch*, assumiu a direção do Instituto de Filosofia da Universidade Karl Marx de Leipzig e retomou o ritmo de suas publicações, começando pela edição alemã de *Subjekt-Objekt: Erläuterungen Zu Hegel (Sujeito-objeto: Esclarecimentos sobre Hegel)*, em 1951.

Só que o fato de a Alemanha oriental ser uma importante zona de influência do Kremlin de Stálin, a última parada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas antes da Europa ocidental, fez com o lançamento de um livro sobre o

¹⁵³ BLOCH, Ernst. **Sujeito-objeto**, p.480.

¹⁵⁴ BLOCH, Ernst. **Briefe: 1903-1975**. Frankfurt: Surkhamp, 1985, pp. 592-593, 597.

filósofo de Jena – a essa altura tomado como um ideólogo do Estado prussiano –, passasse lá por seus percalços.

Como Hegel também estava integrado à ideologia nazista, esse trabalho equivalia a uma operação de resgate nacional-cultural na situação do pós-guerra. Em termos marxistas, significava abrir espaço para o pensamento filosófico. (...) O prefácio de Bloch é datado duas vezes, 1947 nos EUA, 1949 em Leipzig. A editora *Aufbau* data os direitos autorais em 1949, a primeira edição [alemã] apareceu em 1951. A discrepância nas informações dá uma dica. Stalin ainda governava. Não só Hegel era suspeito. Além disso, logo na primeira página, Bloch clama por “autonomia de pensamento” [*Selbstdenken*] e zomba do “arquivo único de frases” [*Gänsemarsch der Phrase*] no qual entra qualquer um que só “repete o que outros repetiram” [*wiederholt was andere wiederholt haben*].¹⁵⁵

Seja como for, fato é que, neste período, o trabalho do aclamado pensador marxista da Alemanha Oriental também atingia uma nova geração do setor ocidental. Jürgen Habermas relembrou seus dias de estudante na década de 1950:

Graças aos escritos de Bloch (...) descobrimos, para nosso espanto, que Marx não tinha acabado, que a tradição marxista tinha mais do que interesse histórico e filológico, e poderia ser de relevância para a investigação sistemática.¹⁵⁶

Em 1952, foi a vez da publicação de *Avicenna und die Aristotelische Linke (Avicenna e a esquerda aristotélica)*, obra em que, mais uma vez, propunha um retorno ao passado para puxar o fio vermelho de uma tradição de pensamento subterrânea e

¹⁵⁵ HAUG, Wolfgang Fritz. Marxismus. In: DIETSCHY, Beat; ZEILINGER, Doris; ZIMMERMANN, Rainer E. (Hrsg.) **Bloch-Wörterbuch: Leitbegriffe der Philosophie Ernst Blochs**. Berlin: De Gruyter, 2012, p.260-261.

¹⁵⁶ HABERMAS, Jürgen. **Autonomy and Solidarity**. London: Verso, 1986, p. 37.

esquecida no presente: “uma rica tradição antiga tardia” que “sobreviveu de forma mais vívida, sem qualquer rigidez bizantina ou severidade transcendente”¹⁵⁷.

Dali a dois anos, em 1954, o conjunto da obra de Ernst Bloch – e, por conseguinte, o que vimos entendendo como sua filosofia da história – ganhou um novo sentido, com a publicação do primeiro volume de *Das Prinzip Hoffnung* (*O Princípio Esperança*). Se até então, Bloch havia acenado para uma nova concepção do passado e do tempo histórico, com este trabalho ele passou a perseguir os rastros de um tema latente desde 1918 – a “consciência antecipadora” – e assumiu a tarefa de propor uma fenomenologia de sua expressão mais positiva: a Esperança, este “lugar do mundo tão habitado quanto as terras mais cultivadas e tão inexplorado quanto a Antártida.”¹⁵⁸

Desde a pulsão mais básica da fome – que pavimenta o curso para a formação de “afetos expectantes” (*Erwartungsaffekte*) como a angústia ou a esperança – à capacidade imaginativa dos “sonhos diurnos” (*Tagträumen*) – função utópica que “não permite se conformar com o precário que aí está”¹⁵⁹ –, para Bloch o que se dispõe no horizonte de todo o ser é o sentido da possibilidade, o ato de intencionar a tendência na sua potencialidade. Dessa maneira, ele resgata do passado a concepção de “tradição da esperança”, assenta-a no presente e sugere

¹⁵⁷ BLOCH, Ernst. **Avicenna und die Aristotelische Linke**. Berlin: Rütten & Loening, 1952, p.14.

¹⁵⁸ Do original: “als eine Weltstelle, die bewohnt ist wie das beste Kulturland und unerforscht wie die Antarktis”. BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985, p.5.

¹⁵⁹ Do original: “lässt mit dem schlecht Vorhandenen sich nicht abfinden”. BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.1.

como base para o conhecimento da consciência antecipatória a apreensão do “ainda-não-consciente” (*Noch-Nicht-Bewußte*), a pré-consciência do que está por vir, que “comunica-se e interage com o que-ainda-não-veio-a-ser, mais especificamente com o que está surgindo na história do mundo.”¹⁶⁰

Para um melhor entendimento da concepção do “ainda-não-consciente”, tomemos, como exemplo, a inflexão temporal da epistemologia psicanalítica. Em linhas gerais, desde a noção de “subconsciente” em Gottfried Leibniz¹⁶¹ ao “porão da consciência” de Sigmund Freud¹⁶² e o “inconsciente coletivo” de Carl Jung¹⁶³ o presente é descrito e analisado apenas nos termos da incidência de um não-mais-consciente passado, recalcado. A proposta de Bloch é justamente inverter o sentido desta “aurora para trás”, tendo em vista que

em todo o presente, mesmo no que é lembrado, há um impulso e uma interrupção, uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser. E esse interrompido-irrompido não ocorre no porão da consciência, mas sim na sua linha de frente.¹⁶⁴

¹⁶⁰ Do original: “Noch-Nicht-Bewußtes kommuniziert und wechselwirkt mit dem Noch-Nicht-Gewordenen, spezieller mit dem Heraufkommenden in Geschichte und Welt.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.12.

¹⁶¹ LEIBNIZ, Gottfried. **Discours de métaphysique: Essais de théodicée: Monadologie**. Présentation par Roger-Pol Droit. Traduit par Christiane Frémont e Jacques Brunschwig. Paris: Flammarion, 2008.

¹⁶² FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria** (1893-1895). Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹⁶³ JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

¹⁶⁴ Do original: “Man hat nicht entdeckt: es gibt im Gegenwärtigen, ja im Erinnerten selber einen Auftrieb und eine Abgebrochenheit, ein Brüten und eine Vorwegnahme von Noch-

Além de expressamente demarcar a fronteira entre seu projeto filosófico e aquele da psicanálise freudiana, como já havia feito em *O Espírito da Utopia*, em 1918, Bloch deixa clara a distinção entre seu conceito de “ainda-não-consciente” (*Noch-nicht-benwusstes*) e o conceito de “pré-consciente” (*Vorbewusstes*). Isto ocorre na medida em que, na sua fenomenologia do “ainda-não-consciente”, Bloch volta-se para a manifestação dos sonhos diurnos, enquanto Freud privilegia o fenômeno dos sonhos noturnos.¹⁶⁵ Ora, mas voltar-se para a “linha de frente” da consciência não tem nada a ver com o ajuste do sentido da história rumo a uma resplandecente imagem do que está por vir, uma meta para a humanidade ou mesmo um fim da História. Como já foi possível perceber, a aversão de Bloch à inelutabilidade da concepção linear de progresso histórico foi uma constante no conjunto de sua obra.

No rescaldo do abalo sísmico provocado pelo chamado “Relatório Secreto”¹⁶⁶ apresentado por Nikita Krushev no 20º Congresso do Partido

Nicht-Gewordenem; und dieses Abgebrochen-Angebrochene geschieht nicht im Keller des Bewußtseins, sondern an seiner Front.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.10.

¹⁶⁵ Cf. MÜNSTER, Arno. Inconscient ou non-encore-conscient? E. Bloch et S. Freud. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**. Paris: Hermann, 2009; FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

¹⁶⁶ Em um discurso de cinco horas, feito em fevereiro de 1956 a portas fechadas para os delegados do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), o secretário-geral Nikita Krushev acusou as consequências decorrentes do culto à personalidade e responsabilizou Josef Stálin de ter praticado uma política sistemática de tortura e execução de seus opositores no partido enquanto esteve no poder, de 1922 até sua morte em 1953. O “relatório secreto” de Krushev deu início ao processo da chamada “desestalinização” da União Soviética e causou reações diversas nos partidos comunistas do mundo todo. Cf. KRUSCHEV, Nikita. *On the Cult of Personality and Its Consequences*. *Khrushchev's Secret Speech delivered at the Twentieth Party Congress of the Communist*

Comunista da União Soviética (PCUS) em 1956, bem como dos protestos que, neste mesmo ano, varreram a Polônia e a Hungria até a derrubada do governo reformista de Imre Nagy sob o jugo repressivo das tropas do Exército Vermelho em Budapeste, Bloch tratou de endurecer ainda mais suas críticas aos ideólogos do Partido Comunista alinhados às diretrizes rançosamente stalinistas da União Soviética.

Militante por uma “terceira via” entre o capitalismo e o socialismo/comunismo ultraburocrático e ditatorial (que prevalecia na URSS e na RDA), ele se encontrava, após a primavera de 1956, à frente de um centro de intelectuais marxistas opositores no interior mesmo do S.E.D. que se expressavam claramente, reivindicando ideias de Rosa Luxemburgo, em favor de um “socialismo humano”. A plataforma teórica do grupo se chamava “*Reformkommunismus*” (comunismo de reformas).¹⁶⁷

A conta por tamanha indisciplina contra a burocracia dos *apparatchiks* não haveria de passar em branco. Percebido como um potencial opositor e um “perigo para a juventude”, o Partido Socialista Unificado da Alemanha (SED) e a Stasi – polícia secreta da República Democrática Alemã – passaram a persegui-lo, sob a acusação de “atividades reformistas”.¹⁶⁸ Todo aquele prestígio de “pensador oficial da RDA” foi ligeiramente se degradando.

A querela tornou-se pública em abril de 1957, quando a liderança do SED organizou uma conferência, justo no Instituto de Filosofia, intitulada “Bloch:

Party of the Soviet Union, February 25, 1956. **History and Public Policy Program Digital Archive**, From the Congressional Record: Proceedings and Debates of the 84th Congress, 2nd Session (May 22, 1956-June 11, 1956), C11, Part 7 (June 4, 1956), pp. 9389-9403.

¹⁶⁷ MUNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p.248.

¹⁶⁸ Cf. COMBE, Sonia. **Une société sous surveillance**: les intellectuels et la Stasi. Paris: Albin Michel, 1999, p.63.

revisonista do marxismo”. Esta foi a deixa para que uma enxurrada de publicações começasse a atacar o filósofo e a denunciar a incompatibilidade de seus escritos com os preceitos teórico-doutrinários firmados pelo Partido Comunista e rigorosamente alinhados às orientações de Moscou, o chamada *Diamat*.¹⁶⁹ “Os antigos adeptos de Bloch foram obrigados a confessar seus pecados”, escreveu Anna-Sabine Ernst e Gerwin Klinger. “Todos foram obrigados a renunciar ao “Blochismo”, sob a fórmula: 'o professor Bloch não era marxista, não é marxista e não se tornou marxista durante o período de sua residência na RDA desde 1949'.”¹⁷⁰

Em agosto de 1957 – portanto, oito anos desde que havia sido recebido de portas abertas na Alemanha oriental –, Bloch foi proibido de dar aulas e aposentado compulsoriamente. Também não demorou para que sua companheira Karola fosse expulsa do SED, após vinte e cinco anos de militância no partido. “Depois de um ensino leal e intensivo, após a publicação de obras que certamente não desonraram nossa república e nossa causa”, teria concluído Bloch, “fui tratado de uma maneira incompreensível, feia e grosseira, quase sem paralelo.”¹⁷¹

¹⁶⁹ Cf. BOCHENSKI, J. M. **Soviet Russian Dialectical Materialism [Diamat]**. Translated from the German by Nicolas Sollohub. Dordrecht (Holland): D. Reidel Publishing Company, 1963; GUIMARÃES, Juarez. A terceira onda de expansão do determinismo: o DIAMAT e as antinomias do materialismo. In: **Democracia e marxismo: crítica à razão liberal**. São Paulo: Xamã, 1999.

¹⁷⁰ ERNST, Anna-Sabine; KLINGER, Gerwin. Socialist Socrates: Ernst Bloch in the GDR. **Radical Philosophy**, n.84, July/August, 1997, p.14-15.

¹⁷¹ BLOCH, Jan Robert. How can we understand the bends in the upright gait? **New German Critique**, n. 45, 1988, p. 32.

Foi dessa condição de isolamento político no centro da Alemanha socialista que, em 1959, Bloch publicou o terceiro e último volume de *Das Prinzip Hoffnung* (*O Princípio Esperança*), a sua enciclopédia histórica dos sonhos acordados. Como sustenta Michael Löwy a respeito desta que é a publicação mais conhecida no conjunto da obra blochiana:

O Princípio Esperança é, acima de tudo, uma imensa e fascinante jornada pelo passado, em busca de imagens de desejo e paisagens de esperança, espalhadas entre as muitas variedades de utopia – social, médica, arquitetônica, técnica, filosófica, religiosa, geográfica, musical e artística. O que está em jogo nessa modalidade específica e tipicamente romântica, da dialética entre o passado e o futuro é a *descoberta do futuro nas aspirações do passado* na forma de *uma promessa não cumprida* (...) Assim, não se trata de se abismar em uma *contemplação* sonhadora e melancólica do passado, mas sim de torna-lo uma fonte viva de *ação* revolucionária, de uma *práxis* orientada para a conquista da utopia.¹⁷²

É justamente neste sentido que, se há cinco anos Bloch havia lançado sua tese sobre o sentido da consciência antecipadora e dos “sonhos diurnos” como complemento de sua leitura do passado, agora ele retomava e reelaborava um antigo elemento de sua filosofia utópico-kairológica da história. Muito antes de se lançar para frente ou para trás na arquitetura do tempo, diz ele, a “vontade última é a de estar verdadeiramente no presente.”¹⁷³

De um ponto de vista prático, voltar os olhos para aquilo que Bloch havia denominado em 1954 de “ainda-não-consciente” seria o mesmo que se referir a um

¹⁷² LÖWY, Michael. **O cometa incandescente**: romantismo, surrealismo, subversão. São Paulo: 100/cabeças, 2020, p.92-93.

¹⁷³ Do original: “Der letzte Wille ist der, wahrhaft gegenwärtig zu sein.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.15.

carpe diem. Não aquele habitual, dionisíaco e hedonista, que salta de um instante para o outro e não passa da superfície momentânea do gozo. Mas um “*carpe diem* autêntico” (*echtes Carpe Diem*), kairológico, que “fareja o ar da manhã” e age “como decisão no instante exigido, como força para não desperdiçar a oportunidade oferecida por ele.”¹⁷⁴ Se continuarmos pensando nas afinidades com o pensamento de Walter Benjamin, veremos aí o messiânico *Jetztzeit* – o tempo-de-agora – em que o sujeito capta, no ápice, o momento favorável (*Kairos*), o conteúdo histórico do instante, e não desperdiça o “material explosivo” da chance revolucionária de tornar consciente aquilo que ainda há pouco se manifestava na chave do “ainda-não-consciente”¹⁷⁵.

Dessa forma, em vez de avalizar um *telos* inexorável para a história ou um futuro longínquo para a conquista da perfeição humana, o conceito blochiano inscreve no presente a perspectiva do *Novum* e o dilata.¹⁷⁶ Por isso, de maneira alguma pode-se afirmar que o “ainda-não” é apenas mera a combinação entre o que existe agora e a projeção do que existirá no futuro, entre a realidade imediata e as pretendidas – ou passivamente esperadas – aspirações. Seria empobrecê-lo em sua descrição fenomenológica. Muito antes, ele atravessa “diagonalmente o

¹⁷⁴ Do original: “Außerordentliche Tatmenschen scheinen ein echtes Carpe diem zu bieten, als Entscheidung im geforderten Augenblick, als Kraft, dessen Gelegenheit nicht zu versäumen.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.342.

¹⁷⁵ LÖWY, **Walter Benjamin: aviso de incêndio**, p.134

¹⁷⁶ Cf. BLOCH, Ernst. O homem como possibilidade. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. **Tempo Brasileiro**, ano IV, n.8, Rio de Janeiro, 1966, p.15-28.

que já se tornou existente e vai além deste”.¹⁷⁷ Se pensarmos nos termos das categorias metahistóricas propostas pelo historiador Reinhart Koselleck, o ainda não mostra-se como a tensão, *no presente*, entre a permanência do que já foi realizado – o “campo da experiência” –, a latência do que ainda não ocorreu e a tendência do que está se formando – o “horizonte de expectativas”.¹⁷⁸ É assim que Bloch reconhece este explosivo momento da ação como o “impulsionador contínuo da história”, dado que “*cada instante, como não manifestado, situa-se no ano zero do início do mundo*”¹⁷⁹ (Grifos no original).

¹⁷⁷ Do original: ‘Das Nicht als Noch-Nicht zieht quer durchs Gewordensein und darüber hinaus.’ BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.359-360.

¹⁷⁸ Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Parreira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. Contudo, vale notar que Bloch não parece enxergar este *instante* apenas como um efêmero ponto de passagem entre aquelas duas categorias propostas por Reinhart Koselleck em sua leitura do moderno *Sattelzeit*. Cercado por um conjunto muito maior de reminiscências do passado e possibilidades reais, o presente imediato está em movimento e se amplia, conforme já havia sido apontado em *Herança desta época*. Aliás, Ivan Boldyrev chama a atenção para como a teoria blochiana da “não contemporaneidade dos tempos” acabou sendo incorporada por Koselleck em seu projeto de história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*): “A teoria da não contemporaneidade passou a ser empregada de várias formas incomuns. Em particular, Reinhart Koselleck (1979) o adotou em seu projeto de história dos conceitos. Para Koselleck, conceito é a simultaneidade do não simultâneo, uma fusão sublimada de diferentes práticas, tanto aquelas a que o conceito se refere aqui e agora, como o obsoleto, o arcaico. Esse todo indiferenciado é precisamente o que permite que o conceito seja o que é.” (BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**: locating utopian messianism. London: Bloomsbury Academic, 2015, p.28)

¹⁷⁹ Do original: “jeder Augenblick ist, als unhervorgetreten, im Jahr Null des Weltanfangs.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.359.

Ainda a propósito disso, vale fazer um novo desvio para destacar um ponto importante. O sentido da compreensão de “Esperança” em Ernst Bloch não se trata da recorrente noção de uma espera passiva, contemplativa, mas da concepção ativa de aspirar a uma promessa – algo próximo da noção de *HaTikvah* (התקווה) na tradição judaica¹⁸⁰. A despeito das edições inglesa, espanhola, italiana e portuguesa utilizarem a aceção vulgar do termo – respectivamente *Hope*, *Esperanza*, *Speranza* e *Esperança* –, talvez mesmo por falta de um termo mais apropriado, é provável que a tradução francesa seja uma das versões mais próximas do original. É porque ela não faz uso do substantivo *Espoir*, mas de *Espérance*, que possui um significado muito mais relacionado ao sentido de um “bem que se espera receber em herança”.¹⁸¹

Logo no prefácio da edição alemã, o próprio Ernst Bloch deixa clara essa distinção entre a espera passiva (*Erwartung*) do “chegará aquilo que deve chegar” – o chamado “futuro inautêntico” – e o ato de espera (*Hoffnung*), a esperança enquanto princípio da vida ativa, do “futuro autêntico”. “O ato de esperar”, diz Bloch,

não resigna: ele é apaixonado pelo êxito em lugar do fracasso. A espera, colocada acima do ato de temer, não é passiva como este, tampouco está trancafiada em um nada. (...) A vida de todos os seres humanos é perpassada por sonhos diurnos (...) Não no sentido do entendimento

¹⁸⁰ “Nossa Esperança *ainda não* está perdida / Esperança de dois mil anos / De ser um povo livre em nossa terra / A terra de Sião e Jerusalém”. Do original: “Od lo avdah tikvatenu / Hatikvah bat shnot alpayim / Lihiyot am chofshi beartzeinu / Eretz tzion vi'yerushalayim.” Trecho do poema escrito por Naftali Herz Imber em 1878, que se tornou a letra do hino oficial de Israel. Cf. KABAKOFF, Jakob (Org.). **Master of Hope**: selected writings of Naftali Herz Imber. New York: Herzi Press, 1985.

¹⁸¹ Cf. ESPÉRANCE. In: DUBOIS, Claude [et.al.]. **Nouveau Petit Larousse**. Paris: Librairie Larousse, 1968, p. 346.

meramente contemplativo, que aceita as coisas como são e estão no momento, mas no da participação, que as aceita em seu movimento, portanto, também como podem ir melhor.¹⁸²

Mas, para Bloch, a vida na República Democrática Alemã já não inspirava mais o sentido dessa esperança. Segundo escutas ilegais de conversas registradas pela Stasi, o filósofo marxista declarou que

O socialismo [real] combina o caráter prussiano ao espírito de sujeição; o que se passa na RDA é pior que o fascismo; na RDA, o direito não é respeitado; (...) o XX Congresso do PCUS mostrou que o desenvolvimento da URSS está equivocado; a vida sob a direção do PCUS e do SED é insuportável.¹⁸³

Ao ter notícias de que um muro estava sendo construído para segregar o “setor americano da cidade” de Berlim, em 1961 Bloch pediu asilo à *Bundesrepublik Deutschland* (República Federal da Alemanha) – a chamada “Alemanha Ocidental” – e instalou-se em Tübingen, onde retomou suas atividades acadêmicas e públicas como professor visitante. Nesta pequena cidade universitária, participou de campanhas contra a Guerra do Vietnã (1955-1974), tornou-se um dos principais ideólogos e entusiastas das manifestações estudantis lideradas pelo sociólogo Rudi Dutschke na Alemanha de 1968, e um ferrenho crítico do terrorismo como

¹⁸² Do original: “Es kommt darauf an, das Hoffen zu lernen. Seine Arbeit entsagt nicht, sie ist ins Gelingen verliebt statt ins Scheitern. Hoffen, über dem Fürchten gelegen, ist weder passiv wie dieses, noch gar in ein Nichts gesperrt. (...) Das Leben aller Menschen ist von Tagträumen durchzogen (...) Nicht im Sinn des bloß betrachtenden Verstands, der die Dinge nimmt, wie sie gerade sind und stehen, sondern des beteiligten, der sie nimmt, wie sie gehen, also auch besser gehen können.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.1-2.

¹⁸³ COMBE, Sonia. **Une société sous surveillance**, p.134-135.

forma de ação do Grupo *Baader-Meinhof*¹⁸⁴. Lá permaneceu, ao lado de Karola Piotrowska, até sua morte em agosto de 1977.¹⁸⁵

1.5. Uma questão intrincada

breves considerações sobre o lugar da tradição judaica no pensamento blochiano

Foi Ivan Boldyrev quem talvez melhor captou a expressão de “uma filosofia utópica da história”¹⁸⁶ e ofereceu um belo resumo sobre o conjunto do pensamento de Bloch:

O pathos existencial de *O Espírito da Utopia* e a perpétua inconclusividade de *Traços* são complementados por um amplo material histórico e adquirem novos fundamentos dialéticos na filosofia social de Bloch, tendo a utopia como centro da dinâmica histórica, como uma essência da prática revolucionária e do movimento em direção ao socialismo. Portanto, o movimento perpétuo pode ser interpretado não como um infinito vicioso, mas como uma presença de múltiplas possibilidades de desenvolvimento social a qualquer instante, como uma indeterminação produtiva. Bloch embarca em uma aventura arriscada, tentando complementar a experiência da

¹⁸⁴ Fração do Exército Vermelho (RAF) – ou Grupo *Baader-Meinhof* –, foi a ala armada da esquerda alemã decorrente da radicalização dos movimentos estudantis ocorridos em fins dos anos 1960. Para mais informações cf. VAGUE, Tom. *Televisionaires: the Red Army Faction Story, 1963-1993*. San Francisco: AK Press, 1994.

¹⁸⁵ Cf. MUNSTER, Arno. **L'utopie concrète d'Ernst Bloch**, p.271-322.

¹⁸⁶ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.21.

vanguarda com um sistema de categorias que giram simultaneamente em torno dos ideais humanistas do socialismo e do marxismo.¹⁸⁷

Além do mais, há que se notar a ênfase que Boldyrev assinala sobre o lugar da tradição e do misticismo judaicos na conformação da postura messiânica de Ernst Bloch – característica ressaltada também por Arno Münster¹⁸⁸. “A origem religiosa das ideias de Bloch”, afirma Boldyrev, “está acima de qualquer dúvida”¹⁸⁹.

Há um texto do jovem Bloch intitulado “Symbol: Die Juden” (“Símbolo: os judeus”), que chegou a sair na primeira edição de *O Espírito da Utopia*, em 1918, e em uma coleção de ensaios publicada em 1923 sob o título *Durch die Wüste* (*Travessia do deserto*).¹⁹⁰ Nas palavras de Arno Münster,

Este texto é, em muitos aspectos, significativo para o pensamento do jovem Ernst Bloch. Começando com as palavras: "O orgulho de ser judeu desperta novamente" (*Neu erwacht der Stolz, jüdisch zu sein*), o ensaio é apresentado como um documento adicional para justificar a tese do enraizamento profundo do pensamento de Ernst Bloch nas tradições do judaísmo e da importância do messianismo para a gênese de seu sistema filosófico.¹⁹¹

Ocorre que, ainda sobre essa temática do vínculo entre o pensamento blochiano e o judaísmo, há que se ponderar sobre algumas afirmações – para não

¹⁸⁷ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.36.

¹⁸⁸ Cf. MÜNSTER, Arno. Le messianisme juif dans l'oeuvre de jeunesse d'Ernst Bloch. In: **Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch**. Paris: Hermann, 2009.

¹⁸⁹ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.91.

¹⁹⁰ BLOCH, Ernst. **Symbole: les juifs**: un chapitre “oublié” de l'Esprit de l'Utopie (1918). Édition et préface de Raphaël Lellouche. Paris: Éditions L'Éclat, 2009. Cf. PELLETIER, Lucien. Ernst Bloch et les juifs: autour d'une traduction récente. **Philosophiques**, vol.37, n°1, 2010; KROCHMALNIK, Daniel. Ernst Bloch Exkurs über di Juden. **Bloch-Almanach**, vol. 12, 1993.

¹⁹¹ MÜNSTER, Arno. **Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch**, p.117.

dizer convicções – que, à primeira vista, não passam de conclusões apressadas. O fato de ter nascido judeu, não fez de Bloch automaticamente um entusiasta da tradição judaica. Essa “auto-assimilação” foi um processo que levou anos para ser construído. É o que indicam as palavras do próprio pensador alemão, que declarou em entrevista ao filósofo Jean-Michel Palmier um ano antes de sua morte:

Para compreender minha relação com o judaísmo, penso que é preciso falar de minha infância e de meus pais. Meu pai era um funcionário real da Baviera que não possuía qualquer conexão com o judaísmo. Eu mesmo cresci sem essa ligação com a tradição judaica. O que eu aprendi sobre veio mais tarde, quando encontrei uma estudante sionista em Wüzburg. Ela me fez conhecer o judaísmo não apenas pelos escritos de [Martin] Buber, mas também por outras fontes, e tudo isto durante longas caminhadas. (...) fui eu mesmo quem me assimilei ao judaísmo. Mais tarde, me interessei pela cabala, tanto quanto pelo gnosticismo, pela filosofia e a tradição romântica alemãs. O judaísmo não passou de mais um elemento em meio a tudo isto – infelizmente, pode ser. Eu nasci judeu, por acaso.¹⁹²

Portanto, do ponto de vista pessoal, o interesse de Bloch por elementos do judaísmo neste processo de (auto)reconhecimento parece ter sido provocado muito antes por fatores que extrapolam o legado familiar de costumes e práticas religiosos. Este processo de “auto-assimilação” passou por um viés, antes de tudo, político. Em 1918, indignado com as insinuações antisemitas de um colega, Bloch anotou: “Eu sou um judeu consciente de sua raça, orgulhoso do meu povo antigo e misterioso, pelo melhor de mim mesmo sou de sangue judeu e assumo a grande tradição religiosa de meu povo”.¹⁹³

¹⁹² Cf. PALMIER, Jean-Michel. La traversée du siècle d’Ernst Bloch (II): l’après-guerre de Marcuse à Sartre. **Les Nouvelles Littéraires**, vol.54, n° 2531, 1976, p.8.

¹⁹³ BLOCH, Ernst. **Briefe**: 1903-1975. Frankfurt: Surkhamp, 1985, p.232-233.

Ocorre que, de acordo com o filósofo Lucien Pelletier, quando se trata da relação de Bloch com a tradição judaica, é preciso distinguir “entre sua atitude pessoal e sua atitude teórica, dado que, de início, nenhuma das duas eram congruentes e só aos poucos foram se tornando coincidentes”¹⁹⁴. Ademais, Pelletier leva às últimas consequências a ponderação feita acima a respeito do peso da tradição judaica sobre os primeiros escritos de Bloch – sobretudo *O Espírito da Utopia* –, quando destaca, muito antes, a influência da fenomenologia¹⁹⁵ e chega mesmo a se perguntar:

Até que ponto o judaísmo é constitutivo dos conceitos centrais de sua filosofia? Nossas próprias pesquisas sobre a formação do pensamento de Bloch indicam que estes conceitos, focados no problema da obscuridade do instante vivido, são resultado de uma apropriação da *fenomenologia* que estava em plena emergência no início do século XX, tendo como pano de fundo preocupações derivadas da mística cristã, em particular de Mestre Eckhart, relativas à subjetividade e a relação do tempo e do instante como eternidade. As concepções judaicas não exerceram nenhuma influência direta sobre essa gênese. (grifos no original)

Ocorre que, de acordo com Arno Münster, a “fase de apropriação intensa de ensinamentos da mística judaica representa muito mais do que um episódio breve na vida e na obra de Ernst Bloch”¹⁹⁶. E, para ele, a principal evidência que sustenta essa afirmação é a recorrência de uma postura tributária do messianismo judaico, que, assim como em Walter Benjamin, encontra seu “motivo” em uma doutrina

¹⁹⁴ PELLETIER, Lucien. Ernst Bloch et les juifs: autour d'une traduction récente. **Philosophiques**, vol.37, nº1, 2010, p.226.

¹⁹⁵ Cf. PELLETIER, Lucien. Bloch a la rencontre de la phénoménologie. **Bloch-Almanach**, vol.28, 2009.

¹⁹⁶ MÜNSTER, Arno. **Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch**, p.108.

escatológica do choque, o “motivo da queda de Lúcifer e o motivo da salvação”.¹⁹⁷ “Trata-se, em resumo”, como sustenta Massimo Cacciari, “de um messianismo que não apenas concebe o Messias como já presente de fato e operante, mas que eliminou também de si toda a ideia de transcendência, compartilhando assim, na substância, o imanentismo radical”¹⁹⁸.

Nas palavras de Arno Münster,

Ernst Bloch é, provavelmente, o único filósofo que conseguiu realmente operar (...) uma síntese viva e criativa entre esferas *a priori* incompatíveis segundo a lógica do racionalismo cartesiano, do kantismo ou do materialismo vulgar: uma síntese entre a metafísica da religião judaica e as correntes heréticas do cristianismo com a cosmovisão do expressionismo e a utopia social e antropológica marxista.¹⁹⁹

E continua:

O sucesso desta síntese baseia-se (...) primeiro sobre a aporia de uma vontade religiosa comum tendente a construir o Império da Liberdade (*Reich*), sobre a aporia do destino messiânico do mundo, mas também sobre a fé na persistência do princípio da utopia na história e nas mentes humanas. É essencialmente a conjunção desses três vetores que possibilitará, segundo Bloch, a redenção final do mundo, a emancipação do indivíduo e das classes oprimidas em uma espécie de Apocalipse salvador que não será o começo do fim, mas a gênese do início, um verdadeiro "começo da história humana e do homem". A mística de Bloch, portanto, não é nada solipsista, mas faz parte de uma visão de emancipação coletiva que é concebida como

¹⁹⁷ MÜNSTER, Arno. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**, p.99.

¹⁹⁸ CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. **Ocidente sem utopias**. Tradução de Íris Fátima da Silva Uribe, Luis Uribe Miranda, Flávio Quintale. Belo Horizonte; Veneza: Áyiné, 2017, p.185.

¹⁹⁹ MÜNSTER, Arno. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**, p.109.

o lugar de convergência das forças messiânicas religiosas e utópicas sociais.²⁰⁰

Seja pela via da tradição judaica ou não, o certo é que existem alguns elementos histórico-biográficos que parecem subjazer às reflexões de Ernst Bloch. Como a recorrência de uma característica do que poderíamos muito bem denominar como “traço do êxodo”: o pensar orientado para um mundo ainda não existente – a Canaã prometida, a Nova Jerusalém. Uma espécie de “deslocamento do olhar estrangeiro”, presente tanto no fato biográfico de uma constante necessidade de exílio, quanto no pensamento do chamado “mago de Tübingen”. Pois, como pontua Arno Münster ao tratar da produção de Bloch e Benjamin: “Como expatriados, profundamente enraizados na língua e na cultura alemãs, eles escreveram mais da metade de sua obra no exílio.”²⁰¹

Contudo, é preciso reconhecer que do sentido deste ser/estar exilado pareceu decorrer uma rara habilidade: a de saber se posicionar – sempre de maneira contundente – na fronteira, no espaço “entremundos” (*Zwischenwelten*)²⁰²,

²⁰⁰ MÜNSTER, Arno. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**, p.109-110.

²⁰¹ MÜNSTER, Arno. Ernst Bloch et Walter Benjamin: éléments d’analyse d’une amitié difficile. In: **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**. Paris: Hermann, 2009, p.111.

²⁰² *Zwischenwelten in der Philosophiegeschichte (Entremundos na história da filosofia)* é um título entre os 16 volumes das obras completas publicadas pela editora Suhrkamp, que reuniu algumas das palestras e seminários apresentados por Bloch na Universidade Tübingen. De acordo com suas próprias palavras, este é um “livro que trata explicitamente do que ainda não foi percebido na história da filosofia. Eu havia considerado como título inicial: *O que ainda não foi sublinhado na história da filosofia*. Foram recuperadas algumas teses mais ou menos esquecidas ou não exumadas de filósofos”. BLOCH, Ernst. **Rêve diurne, station début et utopie concrete: Ernst Bloch en dialogue. Entretiens avec José Marchand en 1974.** Traduit, présenté et annoté par Arno Münster. Paris: Éditions Lignes,

algo que muitas vezes causou a confusão daqueles que tentaram categorizar o modo blochiano de pensar. Pois, como bem escreveu o filósofo André Tosel no prefácio à biografia de Münster, Bloch

foi rejeitado como um tardio pensador humanista-moral, dependente demais da tradição burguesa republicana (...). Foi acusado, muitas vezes pelos mesmos [“estudiosos althusserianos” da corrente fria do marxismo], de profecia destemperada, de teleologismo abusivo, e foi desafiado como uma espécie de monstro, uma mistura de padre e comissário do povo. Para ser honesto, ele foi liquidado sem ser lido, por suposta violação da ciência marxista da história no exato momento em que na América Latina os filósofos e teólogos da revolução (Dussel, Gutierrez, entre outros) tiravam da filosofia da esperança e da análise de fenômenos da não-contemporaneidade, da herança de tradições da heresia religiosa, uma problemática e instrumentos reais de análise e ação.²⁰³

2016. Cf. BLOCH, Ernst. **Zwischenwelten in der Philosophiegeschichte**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985.

²⁰³ MÜNSTER, Arno. **L'utopie concrète d'Ernst Bloch: une biographie**, p.12

2. QUE MARXISMO É ESSE?

Ernst Bloch e a formação de um “marxismo disruptivo”

Como já vimos, um dos traços mais significativos no conjunto do pensamento de Ernst Bloch foi sua adesão ético-política a uma visão de mundo (*Welthanschauung*) marxista²⁰⁴. Apesar de rechaçar muitos dos elementos presentes no chamado “marxismo vulgar” (*Vulgarmarxismus*) de sua época, havia uma clara identificação de Bloch com os princípios teóricos do materialismo histórico. Como afirma Ivan Boldyrev,

O marxismo foi inicialmente visto por Bloch como um programa de libertação humana da escravidão da produção material, uma libertação que prepara a pessoa para um objetivo mais elevado. Mais tarde, Bloch considerou sua filosofia do futuro um complemento da crítica do presente.²⁰⁵

Mas o que significa afirmar que Bloch era marxista? Que marxismo é esse?

Mais uma vez é Boldyrev quem fornece uma pista para essa resposta.

Bloch se engajou nos movimentos de esquerda e nos projetos políticos social-democratas, mas não foi propriamente um sucessor ou intérprete da filosofia marxista. Seu motivo principal foi, sem dúvida, ético, combinando *pathos* revolucionário marxista com um apelo utópico de renovação, de rejeição da recorrência eterna, tautologias da vida burguesa, natureza mítica da racionalidade positivista (aquela que Adorno e Horkheimer tentaram desmascarar) e cientificismo ingênuo.²⁰⁶

É justamente por conta desse jogo complexo envolvido nos usos e atribuições ético-políticas do marxismo que o historiador Russell Jacoby tem razão em reforçar que

²⁰⁴ Cf. RAULET, Gérard (org.). **Utopie-marxisme selon Ernst Bloch**: un système de l'inconstructible. Payot: Paris, 1976; HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst BLOCH**, London: Palgrave Macmillan, 1982.

²⁰⁵ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.29.

²⁰⁶ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.26.

Um marxismo único e homogêneo pertence ao passado. O marxismo assume a cor e, às vezes, o conteúdo de suas condições. O marxismo transforma-se [assim] em marxismos.”²⁰⁷

Afora todas as diferentes condições e momentos históricos por que passou essa longa e complexa tradição de pensamento, em termos bem gerais, alguns estudos clássicos costumam dividi-la em duas matrizes básicas. De um lado, o marxismo clássico, da ação revolucionária e das Internacionais, responsável pela formação de líderes e dirigentes políticos – como Vladimir Lênin, Leon Trotsky, Rosa Luxemburgo, Mao Tsé-Tung, Che Guevara e Thomas Sankara por exemplo. De outro, o chamado “marxismo ocidental”²⁰⁸, formado por nomes como Galvano Della-Volpe, Jean-Paul Sartre, Herbert Marcuse, Lucien Goldman, Henri Lefebvre e Louis Althusser. Matriz teórica que, nas palavras do historiador Perry Anderson, teria como “primeira e mais fundamental das suas características [...] o divórcio estrutural [com relação à] prática política”²⁰⁹. Ou para ficar na divisão ainda mais esquemática feita Domenico Losurdo:

A lacuna entre marxistas orientais e marxistas ocidentais se configurava, no fim das contas, como uma contraposição entre marxistas que exerciam o poder e marxistas que estavam na oposição e se concentravam cada vez

²⁰⁷ JACOBY, Russell. **Dialectic of defeat**. New York: Cambridge University Press, 1981, p.1-2.

²⁰⁸ O termo foi cunhado, em 1955, pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty. Cf. MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética**. Tradução de Claudia Berlinder. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

²⁰⁹ ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental; Nas trilhas do materialismo histórico**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2004, p.50.

mais na 'teoria crítica', na "desconstrução", ou melhor, na denúncia do poder e das relações de poder enquanto tais.²¹⁰

Acontece que entre as resoluções da Segunda e Terceira Internacionais e a consolidação da "teoria crítica" pela Escola de Frankfurt pode haver mais pontes do que propriamente um abismo. É óbvio que não se trata aqui de camuflar as evidentes dissonâncias entre um Karl Liebknecht e um Theodor Adorno por exemplo. Mas explorar algumas mediações que podem existir entre uma matriz e outra da tradição de pensamento marxista²¹¹.

E, aqui, a utilização dos termos "matrizes" e "tradição de pensamento" não é nada fortuita. Eles servem mesmo como ferramentas analíticas que viabilizam a construção de nossa hipótese. Dado que, como ensina a historiadora Heloisa Starling,

O uso do conceito de tradição permite entender as maneiras como, ao longo do tempo, no interior de um universo conceitual e linguístico partilhado, foram sendo construídas formas de pensar e agir que respondiam diretamente aos problemas apresentados pelo contexto em que foram engendradas. O conceito de matrizes, por sua vez, oferece os elementos necessários à compreensão de como essas formas de pensamento e ação

²¹⁰ LOSURDO, Domenico. **O marxismo ocidental**: como nasceu, como morreu, como pode renascer. Tradução de Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira. São Paulo: Boitempo, 2018, p.185-186

²¹¹ Sobre a utilização das categorias analíticas de tradição e matrizes de pensamento, cf. VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007; STARLING, Heloisa Maria Murgel, **A liberdade era amável**: a formação da linguagem do republicanismo na América portuguesa (séculos XVII e XVIII). Belo Horizonte: UFMG, 2013. Tese (Titular em História do Brasil); BIGNOTTO, Newton (Org.) **Matrizes do republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013; ARENDT, **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2000.

se desenvolveram em direções específicas e refletiram sua própria temporalidade histórica, na mesma medida em que foram capazes de incorporar e retomar temas e categorias do passado.²¹²

Neste sentido, nossa hipótese é a de que, entre o fim dos anos 1910 e início dos anos 1930, apareceu em cena na Europa central um conjunto de pensadores que, a partir de diferentes abordagens e escolas teóricas, trouxeram elementos comuns para uma original elaboração da teoria marxista. Uma matriz de pensamento nova, portanto, que, diferente daquele “marxismo clássico”, tratava de questões teóricas e filosóficas em vez de propriamente táticas para a ação política direta. Mas que, nem por isso, deixou de lado a temática da “práxis”²¹³ – distanciando-se, portanto, também daquilo que se convencionou chamar de “marxismo ocidental”.

E é assim, nesse lugar *entre*, que podemos listar aqueles que seriam os quatro nomes fundantes dessa matriz de pensamento na Alemanha, a qual daremos o nome de “marxismo disruptivo”. Georg Lukács (1885-1971), Karl Korsch (1886-1961), Walter Benjamin (1892-1940) e, nosso objeto de estudo – que vimos abordando até aqui e que ensejou a busca por essa matriz de pensamento –, Ernst

²¹² STARLING, **A liberdade era amável**, p.3

²¹³ Todos animados pela famosa 11ª Tese sobre Feuerbach: “Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é *transformá-lo*.” (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas* (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007, p.539)

Bloch (1885-1977), “o herético mais produtivo do marxismo contemporâneo” nas palavras do filósofo Oskar Negt.²¹⁴

Antes de nos aprofundarmos um pouco mais em nossa principal hipótese de trabalho, é preciso deixar claro que, muito provavelmente, a matriz de pensamento que pretendemos investigar aqui não se restringe aos nomes indicados. Para ficar em dois exemplos, Antonio Gramsci (1891-1937), na Itália, e José Carlos Mariátegui (1894-1930), no Peru, – que, inclusive, fizeram parte da mesma geração de Lukács, Korsch, Bloch e Benjamin – poderiam ser listados sem maiores problemas. Contudo, optamos pelo critério do convívio e do intercâmbio direto de ideias entre os autores elencados – que, entre outras coisas, também compartilharam a visão de mundo (*Weltanschauung*) das esquerdas alemãs nas primeiras décadas do século XX, sobretudo aquelas de origem judaica.²¹⁵ Se a hipótese da formação dessa nova matriz no seio da tradição marxista de pensamento mostrar-se sustentável, é possível que outras relações e afinidades se viabilizem e se estendam tanto no espaço, quanto no tempo.

De volta a Bloch, Lukács, Korsch e Benjamin, é evidente que a exigência do legado de Marx ou o simples uso de elementos da teoria marxista por si só não tornam iguais estes autores e suas reflexões. O debate sobre o papel político das

²¹⁴ MUNSTER, Arno. **L'utopie concrète d'Ernst Bloch**: une biographie. Paris: Éditions Kimé, 2001, p.16.

²¹⁵ cf. LÖWY, Michael. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa Central. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Perspectiva, 2015.

vanguardas artísticas na Alemanha²¹⁶ dos anos 1920 ou os diferentes tons de vermelho em cada um deles mostram isso muito bem.²¹⁷

Contudo, em que pesem algumas divergências ao longo de suas respectivas obras, um mesmo fio parece costurar qualquer evidência de hiato que pode existir entre eles. É importante lembrar que Korsch conviveu com Lukács, que foi amigo²¹⁸ de Bloch, que, por sua vez, era bem próximo de Benjamin. Mas o certo mesmo é que estes quatro nomes fazem parte de uma geração intelectualmente formada sob a influxo de tradições teóricas diversas – idealismo, romantismo, vitalismo, neokantismo etc. –, e que, ao se mostrarem sensíveis a elementos do materialismo dialético entre os anos 10 e 30 do século XX, revelaram um olhar bastante crítico

²¹⁶ Cf. MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Um capítulo da história da modernidade estética: debates sobre o expressionismo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

²¹⁷ Enquanto Lukács havia se filiado ao Partido Comunista da Hungria (KMP) ainda em 1919 e Korsch ao Partido Comunista da Alemanha (KPD) em 1920, Bloch e Benjamin nunca se envolveram com essa forma de atuação política.

²¹⁸ “[T]ínhamos a mesma opinião sobre todas as coisas”, disse Bloch sobre sua amizade com Lukács nos anos 1910. E continuou: “uma identidade tão grande sobre pontos de vista que fundamos uma ‘reserva nacional’ de nossas diferenças; para que não disséssemos as mesmas coisas (...) Você não precisa me mostrar o manuscrito, escrevia Lukács: não precisamos discuti-lo; sei de antemão que estamos de acordo. Era assim estreito o parentesco, ou mesmo a identidade entre nós, até os anos de 1917-1918.” LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**, p.284. Para Wayne Hudson, este intercâmbio cultivado nos anos 1910 entre os dois jovens pensadores resultou de um “intensa simbiose que teve grandes consequências para ambos” HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst Bloch**. London: Palgrave Macmillan, 1982, p.35. E foi a partir dessa amizade simbiótica que tanto Lukács conheceu Hegel, quanto Bloch se aproximou da tradição marxista de pensamento. Dizia ele que pretendia “repensar o marxismo de alto a baixo”. BLOCH, Ernst. **Kampf, nicht Krieg: politischen Schriften 1917-1919**. Frankfurt am Main: Surkhamp, 1985, p.556.

aos princípios cientificistas assumidos pela Segunda Internacional (1889-1916) – que acabam por reverberar na Terceira (1919-1943) – e a pretensão vulgarizada de alçar o marxismo ao posto absoluto de teoria explicativa do social.²¹⁹

Em flagrante desacordo com a noção mecanicista do desenvolvimento histórico, geralmente apoiada em uma análise da realidade que privilegia sobretudo os aspectos econômicos, estes autores buscaram, em diferentes graus, resgatar o elo escamoteado entre Marx e Hegel²²⁰ e saíram em defesa de uma concepção dialético-crítica da história. Como bem definiu o filósofo André Tosel:

Bloch pertence à linhagem dos hereges da ortodoxia marxista da Terceira Internacional que não se deitaram na cama que o materialismo histórico e dialético de memória stalinista havia preparado para os intelectuais de partido, chamados a sacrificar sua compreensão pela defesa de uma

²¹⁹ Cf. LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995; LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

²²⁰ Com base nessa informação, alguns autores defendem, inclusive, que Georg Lukács e Karl Korsch teriam sido os fundadores de um “marxismo hegeliano”. Apesar de não se restringir à proposta explícita de um “estudo sistemático da dialética de Hegel do ponto de vista materialista”, como sugeriu Lênin em 1922, a leitura do que tenho chamado de “marxismo disruptivo” é tributária do reiterado endosso que esses autores fizeram em relação ao sentido necessariamente dialético da teoria marxista (Cf. LENIN, Vladimir Ilyich Ulianov. Sobre o significado do materialismo militante, 12 de março de 1922. Disponível em: http://www.scientific-socialism.de/LeninMaterialismoMilitanteCap1.htm#_ftn1 (acesso em: 18 nov. 2019) . Para mais informações sobre a concepção de “marxismo hegeliano”, cf. BARTONEK, Anders; BURMAN, Anders (Org.). **Hegelian marxism**: the uses of Hegel’s philosophy in Marxist theory from Georg Lukács to Slavoj Žižek. Stockholm: Elanders, 2018. “Nesta ótica, portanto,” dizia Korsch nas primeiras páginas de *Marxismo e filosofia*, “o socialismo, transitando da utopia à ciência, nasceu da filosofia idealista alemã.” KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Apresentação e tradução de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.33.

revolução rapidamente congelada e desviada para o seu contrário. Ele é irmão (por vezes inimigo) de Lukács, de Benjamin, de Korsch, de Brecht, ele é contemporâneo de Antonio Gramsci, e, como eles, manteve sua fé na ideia comunista, lutando incansavelmente sob dois *fronts*, aquele do confronto permanente com os pontos altos da cultura ocidental, sobretudo alemã (a fenomenologia de Husserl, a ontologia existencial de Heidegger, o neopositivismo, a tradição idealista objetiva de Von Hartmann, de Hegel, Schelling), e o *front* interno, constituído pela crítica “marxista” dos impasses da ortodoxia marxista-leninista (...). Bloch é do mesmo calibre e da época de pensadores que pretenderam revolucionar a teoria tradicional na qual se mantinha a filosofia, para desenvolver uma teoria-práxis verdadeiramente crítica e dialética.²²¹

Mas por que falar em marxismo “disruptivo”? Do latim, *disrupio*, o substantivo feminino “disrupção” carrega o sentido de ruptura, descontinuação. Ao ser adjetivado, torna-se o rompimento em relação a algum ato contínuo, a interrupção de uma cadeia, a suspensão de um funcionamento normal. Por sugerir inovação, o termo virou a coqueluche contemporânea do mundo corporativo. Mas a imagem mais potente vem mesmo do uso que o termo recebe no vocabulário técnico da engenharia elétrica, onde “disrupção” caracteriza a liberação de energia acumulada no momento de restabelecimento da corrente. De repente, uma explosão libera centelhas que indicam uma nova condição e permitem que o fluxo retome seu curso normal na linha de transmissão.²²²

²²¹ MUNSTER, *L’utopie concrète d’Ernst Bloch*, p.10-11.

²²² Cf. EXTERCOETTER, Glaicon; MANOEL, Jonas Albino. **Análise de desempenho de uma linha de transmissão frente a descargas atmosféricas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado de graduação em Engenharia Elétrica da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Eletricista. Tubarão (SC), 2020.

Seja como for, se pensarmos em uma longa tradição de pensamento marxista, composta por diferentes matrizes teóricas, a metáfora da disrupção parece adequada para qualificar um conjunto de pensadores que, entre os anos 1910 e 1930, lograram romper o contínuo do dogmatismo filosófico a partir do acionamento de, pelo menos, dois disjuntores – para continuar com a metáfora elétrica: uma ética da revolta, combinada à dialética da história.

2.1. Bloch e a obscuridade do instante vivido

Para começar, podemos nos apropriar da questão feita por Walter Benjamin aos surrealistas em 1929 e recolocá-la aos próprios autores aqui relacionados: “conseguem eles”, perguntava Benjamin, “fundir experiência da liberdade com (...) experiência revolucionária? Em suma: associar revolta à revolução?”²²³

No livro *Spartakus: simbologia da revolta*, o historiador Furio Jesi desenreda bem essa dicotomia. “O que mais distingue a revolta da revolução”, diz ele,

é uma diversa experiência do tempo. Se, com base no significado corrente das duas palavras, a revolta é um repentino foco insurrecional que pode ser inserido dentro de um desenho estratégico, mas que por si só não implica uma estratégia de longo prazo, e a revolução é, por sua vez, um complexo estratégico de movimentos insurrecionais coordenados e orientados relativamente a longo prazo em direção a objetivos finais. Seria possível dizer que a revolta suspende o tempo histórico e instaura repentinamente um tempo em que isso que se realiza vale por si só, independentemente de

²²³ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura [Obras Escolhidas, volume 1]. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p.32.

suas consequências e de suas relações com o complexo de transitoriedade ou de perenidade no qual consiste a história. A revolução estaria, ao contrário, inteira e deliberadamente no tempo histórico.²²⁴

Quando Jesi assegura, portanto, que “é possível descrever toda revolta como uma suspensão do tempo histórico”²²⁵, sua leitura da insurreição espartaquista de 1918 nos remete ao ímpeto utópico-kairológico manifesto por Ernst Bloch nas páginas de seu primeiro livro, *O Espírito da Utopia* – que, como já vimos, foi publicado naquele mesmo ano na Alemanha.

A partir de uma prosa expressionista que combina elementos da mística judaica com gnosticismo, a matéria principal de Bloch nesta obra é a chamada “obscuridade do instante vivido” (*Dunkel des gelebten Augenblicks*). Um estado afetivo, fechado em si mesmo, que, no entanto, contém a latência que faz mover o mundo. “A coisa em si”, diz Bloch, “é o que ela ainda não é, o que germina no atual obscuro, no desconhecido, no coração dos objetos”.²²⁶ Trata-se de um obscuro que, por sua vez, traz consigo a possibilidade de se dissipar em um momento de mais profundo espanto e esperança; “é assim que a obscuridade do instante vivido”, explica, “desperta por ressonância para o assombro que nos inunda, é assim que

²²⁴ JESI, Furio. **Spartakus**: simbologia da revolta. Tradução de Vinícius Nicastro Honeski. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

²²⁵ JESI, **Spartakus**, p.70.

²²⁶ Do original: “das Ding an sich selber allenthalben dieses ist, das noch nicht ist, das im actualiter Dunklen, Blauen, im Herzen der Objekte treibt.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.253. Cf. BLOCH, Ernst. **L’esprit de l’utopie**. Traduit de l’allemand par Anne-Marie Lang et Catherine Piron-Audard. Paris: Gallimard, 1977, p.244.

sua latência se transforma em visibilidade ‘nascente’, em gozo e na profusão do encontro de Nós mesmos”²²⁷.

O “instante presente”, portanto, seria aquele que contém, ao mesmo tempo, passado e futuro, reminiscência e ainda-não-consciente, memória e utopia. Seu gesto profundo não é mais realizar o processo histórico, mas suspender o seu contínuo para melhor apreendê-lo. Em vista de uma “filosofia da história”, que “rendendo ao passado o seu movimento, excedendo-o utopicamente”, diz Bloch, “oferece novamente ao tempo, a essa forma intuitiva, a essa esfera onde opera a vitalidade ativa, seu lugar central.”²²⁸ Como afirma o filósofo Wayne Hudson:

Bloch localiza a utopia em relação ao presente e ao futuro através de seu operador "ainda não". Utopia é "agora", no sentido de que o conteúdo intensivo que os homens buscam sob o nome de utopia está presente no momento vivido. No lugar da tradicional questão de uma extrapolação abstrata de uma ordem ideal, Bloch faz do problema da utopia o problema de uma relação autêntica com o agora do momento: o problema de uma relação profunda com nossa própria imanência e com a do mundo, no qual a utopia ocorre.²²⁹

²²⁷ Do original: “so erweckt sich das Dunkel des gelebten Augenblicks in der Resonanz des überrieselnden Staunens und bringt seine Latenz sich zur beginnenden "Sichtbarkeit", zum Genuß und Überreichtum der Wir-Betroffenheit.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.254-255.

²²⁸ Do original: “Erst die Geschichtsphilosophie, auch das Gewesene neu bewegend, utopisch überholend, setzt wieder die Zeit, die Anschauungsform, Wirkungssphäre aktiver Lebendigkeit zentral”. BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.252.

²²⁹ HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst Bloch**. London: Palgrave Macmillan, 1982, p.53. Cf. DHILLON, Dharmender Singh. **A reconceptualization of utopia as akairological rupture**. A thesis submitted in candidature for the degree of Doctor of Philosophy. Cardiff University (UK), 2020.

Em 1923, Bloch publicou uma versão atualizada de seu primeiro livro, na qual ofereceu uma reformulação do capítulo “Karl Marx, a morte e o apocalipse: ou os caminhos do mundo capazes de tornar exterior o interior e interior o exterior”. A despeito do tom enigmático do título, a nova seção fazia uso de símbolos e alegorias religiosas – como a utopia escatológica da Nova Jerusalém – para criticar o pretenso realismo cientificista do pensamento socialista de sua época. Uma verdadeira alquimia teórica, que ostentava a “ligação entre gnosticismo e marxismo”²³⁰ e também colocava em cena uma curiosa imagem para descrever o que o conjunto de autores aqui elencados parecem entender – na esteira de Lenin e Rosa Luxemburgo – como “momento oportuno”: “o Messias”, dizia ele, “só pode vir quando todos os convidados estiverem à mesa”²³¹. Como afirma o filósofo do direito Alysson Mascaro:

O marxismo de Bloch sempre se assentou em bases peculiares, dados inclusive os temas que o moviam. A escatologia, a religião, a utopia, não eram, no século XX, questões centrais do pensamento ou da luta política marxista. Por isso, historicamente, a desconfiança no campo soviético ou oficial dos partidos comunistas com as posições blochianas.²³²

Não obstante – muito antes pelo contrário –, a heterodoxia alquímica do pensamento de Bloch trouxe contribuições originais para o desenvolvimento do

²³⁰ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.94.

²³¹ Do original: “Es ist so, wie der Baalschem sagt, daß erst dann der Messias kommen kann, wenn sich alle Gäste an en Tisch gesetzt haben; dieser ist zunächst der Tisch der Arbeit, jenseits der Arbeit, dann aber sogleich der Tisch des Herrn; – die Organisation der Erde besitzt im philadelphischen Reich ihre letzthin ausrichtende Metaphysik.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p.307.

²³² MASCARO, Alysson Leandro. Ernst Bloch hoje. **Revista Dialectus**, Ano 10, n. 21, 2021, p.15.

marxismo. De acordo com o Wayne Hudson, Bloch “tenta combater as *lacunae* da tradição marxista com uma série de desenvolvimentos (...) destinados a levar em conta as falhas da tradição marxista desde a morte de Marx.”²³³ E toda essa série de desenvolvimentos poderia muito bem ser resumida em um único fundamento: “uma nova abordagem para o problema do futuro”²³⁴.

Nessa matéria, Bloch esquivava-se daquela noção mecanicista de futuro descrita pela tradição positivista francesa, que tende a enfatizar a causalidade da prospecção e a possibilidade da predição, sobretudo num contexto de planejamento social. Crítico de todo e qualquer exercício de futurologia, segundo Hudson, Bloch inspira-se em quatro principais eixos em sua proposta de uma concepção renovada de futuro para a tradição marxista:

(1) *a abordagem projetista do futuro* (...) que dá ênfase ao sentido de que os seres humanos projetam-se no futuro e baseiam as suas vidas em imaginações sobre o que ele deve conter; (2) *a abordagem presentista do futuro*, segundo a qual o bom futuro está presente agora (de forma utópica) e deve ser trazido à tona na prática e na seleção de objetivos de longo e curto prazo; (3) *a abordagem recursiva do futuro*, segundo a qual este futuro está latente no passado não realizado; (4) *a abordagem escatológica do futuro*, segundo a qual o futuro ainda não é: um futuro em face das delineações atuais do possível. Bloch funde estas abordagens em uma práxis da antecipação. (Grifos no original)

²³³ HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst Bloch**. p.159.

²³⁴ HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst Bloch**. p.159.

2.2. Korsch e Lukács

materialismo crítico e instante de decisão

Ainda no fatídico ano de 1923, tanto Karl Korsch, quanto Georg Lukács tornaram públicas reflexões que tinham como principal objetivo a reativação das engrenagens do método dialético tributário de Hegel no motor da teoria marxista. Em *Marxismus und Philosophie (Marxismo e Filosofia)*, Korsch teceu uma crítica devastadora ao marxismo vulgar e ao “realismo ingênuo” da Segunda Internacional, defendendo que o único

“método materialista e, pois, científico” (Marx) consiste em retomar o ponto de vista dialético introduzido por Hegel e Marx na análise histórica e que nos serviu, até agora, para o exame do idealismo alemão e da teoria marxista que dele surgiu e aplicá-lo também ao *desenvolvimento posterior* desta teoria até nossos dias.²³⁵

A questão do “método dialético” e do retorno crítico a Hegel – buscando “salvar, enquanto *potência intelectual viva para o presente*, o que há de *metodologicamente fecundo* em seu pensamento”²³⁶ (Grifos no original) – também foram pontos fundamentais para a escrita de um livro com forte tom de manifesto intelectual: *Geschichte und Klassenbewusstsein (História e Consciência de Classes)*. Para Lukács, era forçoso e urgente salvar Hegel da condição de desprezo e desdém pelo seu sistema, partilhados, à época, pelo *mainstream* da tradição marxista.

²³⁵ KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Apresentação e tradução de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.37.

²³⁶ LUKÁCS, Györg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.57.

Se, portanto, Hegel não deve mais ser tratado como um “cachorro morto”, é preciso que a arquitetura morta do sistema historicamente dado seja desmantelada para que as tendências muito atuais do seu pensamento possam voltar a ser eficazes e vivas.²³⁷

Por outro lado, Lukács desenvolve, ainda, um efeito dessa sua proposta de resgatar Hegel do lugar de “cachorro morto”. A fim de se elaborar o conceito de totalidade como processo global de “mediação” entre sujeito e objeto, havia chegado, para ele, o momento de reconsiderar “o problema do presente como problema histórico”²³⁸.

Assim como nos rompantes meio esotéricos de Bloch e na crítica criteriosa de Korsch, as páginas de *História e Consciência de Classes* visavam abalar o preceito da objetividade (*Sachlichkeit*) mecanicista que seguia encravado no pensamento marxista de sua época. Fazia isto em favor de uma concepção renovada – e, do ponto de vista argumentativo, bastante engenhosa – daquilo que havia se convencido chamar de “ortodoxia”. “Essa ortodoxia”, escreveu Lukács, “não é a guardiã de tradições, mas a anunciadora sempre em vigília da relação entre o instante presente e suas tarefas em relação à totalidade do processo histórico”.²³⁹

Ocorre que o ponto arquimediano de toda essa conversa é “o problema do presente como problema histórico”. E, de acordo com o filósofo húngaro – que, a essa altura, já não fazia a menor questão de esconder sua predisposição ao hegelianismo –,

²³⁷ LUKÁCS, **História e consciência de classe**, p.58

²³⁸ LUKÁCS, **História e consciência de classe**, p.322.

²³⁹ LUKÁCS, **História e consciência de classe**, p.104.

O aqui e agora concreto no qual o devir se resolve em processo não é mais um instante contínuo e inatingível, o imediatismo fluente, mas o momento da mediação profunda e mais amplamente ramificada, o momento da decisão, do nascimento do novo. Enquanto o homem orientar seu interesse para o passado *ou* para o futuro de maneira contemplativa e intuitiva, ambos se fixam num ser estranho, e entre o sujeito e objeto instala-se o “espaço nocivo” e intransponível do presente. Somente quando o homem é capaz de compreender o presente como devir, reconhecendo nele aquelas tendências cuja oposição dialética lhe permite *criar* o futuro, é que o presente, o presente como devir, torna-se o *seu* presente. Apenas quem tem a vocação de criar o futuro consegue ver a verdade concreta do presente.²⁴⁰ (Grifos no original)

História e Consciência de Classes caiu como uma bomba teórica sobre os intocáveis dogmas da tradição marxista. Acusado de “subjetivista” e “voluntarista” por intelectuais de vanguarda dos Partidos Comunistas da Hungria (KMP) e da União Soviética (КПСС), não demorou para que Lukács respondesse ao que chamou de “reboquismo” (*Chvotismus*) de seus críticos, mobilizando a categoria do “instante de decisão”.²⁴¹ Averso à concepção fatalista que contagiou alguns teóricos da Socialdemocracia com a ideologia do progresso e a certeza contemplativa da inelutabilidade da Revolução, Lukács localizava no “papel ativo e

²⁴⁰ LUKÁCS, **História e consciência de classe**, p.402-403. Para uma melhor compreensão da relação entre *História e Consciência de Classe* e o contexto histórico de sua publicação. Cf. PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie**: o marxismo na modernidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.78.

²⁴¹ LUKÁCS, Györg. **Reboquismo e dialética**: uma resposta aos críticos de ‘História e consciência de classe’. Tradução de Nélio Schneider, Michael Löwy, Nicolas Tertulian. São Paulo: Boitempo, 2015, p.41.

consciente do fator subjetivo”²⁴² a centralidade da mediação dialética entre instante e processo.²⁴³

À questão “O que é um instante?”, Lukács respondia, portanto, sem meias palavras e escancarava o potencial disruptivo de sua leitura do processo histórico. Trata-se de

Uma situação cuja duração temporal pode ser mais breve ou mais longa, a qual, todavia, se destaca do processo que leva até ela pelo fato de se condensarem nela as tendências essenciais do processo, pelo fato de ser preciso tomar nela uma *decisão* sobre o *rumo futuro do processo*. Ou seja, as tendências atingem uma espécie de ponto culminante e, dependendo de como se *age* na referida situação, o processo toma outro rumo depois daquele “instante”. O desenvolvimento, portanto, não se dá em linha reta ascendente, de modo que, digamos, num desenvolvimento favorável ao proletariado, depois de amanhã a situação *tivesse de* ser melhor do que amanhã etc., mas de modo que num ponto *bem determinado*, a situação pressiona por uma decisão e depois de amanhã talvez já seja *tarde demais* para tomá-la.²⁴⁴ (Grifos no original)

Em uma resenha sobre *História e Consciência de Classe* publicada em 1924, Ernst Bloch afirmou que Lukács foi responsável por colocar em cena a tarefa de “agarrar o agora (*Jetzt*), o *nunc*, em que estamos” para substituir, “[frente] à queda

²⁴² LUKÁCS. **Reboquismo e dialética**, p.19-20.

²⁴³ Ora, a própria concepção que Lenin fazia da “insurreição como uma arte” não tornaria evidente que “o fator subjetivo possui uma *preponderância decisiva*”? (LUKÁCS. **Reboquismo e dialética**, p. 20) Cf. LENIN, Vladimir I.. O marxismo e a insurreição: carta ao Comitê Central do POSDR. In: *Obras escolhidas*. Tomo 2. Lisboa: Edições Avante!; Moscou: Edições Progresso, 1977. P.308-312. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/09/27-1.htm> (acesso em: 01 jun 2019).

²⁴⁴ LUKÁCS. **Reboquismo e dialética**, p.40

puramente mecânica, um retorno dialético ordenado ao sujeito, rumo ao socialismo”. E continuava:

Atualidade (*Aktualität*) e utopia não são contrários, mas ‘o agora’ (*das Jetzt*) é finalmente a única preocupação da utopia, quer seja entendida como a exigência constante para descartar máscaras, ideologias e mitologias transitórias, ou como uma premonição da adequação do processo que reconhece tanto a tendência motriz quanto a realidade genuína oculta no agora.²⁴⁵ (Grifos nossos)

2.3. Benjamin e o tempo de agora

A centralidade conferida por Bloch e Lukács ao “instante presente” ou ao “instante de decisão” no esforço de compreensão do processo dialético da história parecem, pois, fazer eco aos desenvolvimentos realizados por Walter Benjamin em torno das temáticas da atualidade (*Aktualität*) e do “tempo-de-agora” (*Jetztzeit*). Se o impacto causado pela leitura de *O Espírito da Utopia* foi reconhecido por Benjamin ainda em 1919 – a ponto dele preparar o manuscrito de uma resenha que, no fim das contas, nunca foi publicado²⁴⁶ –, sabe-se que um de seus primeiros contatos com o marxismo ocorreu após a leitura de *História e Consciência de Classes*, por indicação de Ernst Bloch ainda nos anos 1920. “A obra filosófica mais coesa da

²⁴⁵ BLOCH, Ernst. “Aktualität und Utopie. Zu Lukács Geschichte und Klassenbewusstsein”. In: **Philosophische Aufsätze zur objektiven Phantasie**. Gesamtausgabe, vol.10. Frankfurt an Main: Surkhamp, 1969, p.620-621.

²⁴⁶ Cf. Carta de Walter Benjamin a Gershom Sholem, de 13 de fevereiro de 1920. Citada em MÜNSTER, Arno. **Figures de l’utopie dans la pensée d’Ernst Bloch**. Paris: Hermann, 2009, p.112-114.

literatura marxista”, escreveu ele sobre o livro de Lukács em uma pequena nota bibliográfica de 1929.²⁴⁷

Há, portanto, em Benjamin um longo processo de elaboração dessa noção kairológica²⁴⁸ do “agora” como elemento fundamental para uma teoria da história. Desde a disposição messiânica expressa no “Fragmento Teológico Político” de 1921 até atingir o conhecido trecho das teses de 1940, no qual a história é definida como “o objeto de uma construção cujo lugar é constituído não como um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*)”²⁴⁹. E se ainda no projeto inacabado das *Passagens* ele se apropriava do autor de *O Espírito da Utopia*, reconhecendo que “o que Bloch percebe como a obscuridade do instante vivido, não é nada mais que o que devemos estabelecer aqui, sobre o plano da história e coletivamente”, entendendo que “existe um saber ainda-não-consciente do ocorrido, cuja promoção tem a estrutura do despertar”²⁵⁰; não seria nenhum exagero reparar algumas reminiscências da concepção lukácsiana do “instante de

²⁴⁷ Citado em BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. Org. Michael Löwy; trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013, p.9.

²⁴⁸ Cf. SMITH, John E. Time, Times and the ‘Right Time’: ‘Chronos’ and ‘Kairos’. **The Monist**, Vol. 53, Issue 1, 1 January 1969; RAMALHO, Walderez. Reinterpreting the “times of crisis” based on the asymmetry between chronos and kairos. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 14, n. 35, p. 115-144, 29 mar. 2021.

²⁴⁹ BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Org. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, (tese XIV) p.118.

²⁵⁰ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira de Willi Bolle; tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, [K 1,2] p.434.

decisão” na tese de número XV, que afirma que a “consciência de destruir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no momento de sua ação”.²⁵¹

2.4. Instantaneísmo

uma nova consciência histórica para o marxismo

Desse modo, podemos sublinhar como principal traço distintivo do “marxismo disruptivo” uma consciência histórica do tempo que se articula em torno da centralidade conferida ao instante.²⁵² Em seu livro *The moment of rupture: historical consciousness in interwar german thought* (*O momento de ruptura: consciência histórica no pensamento alemão do entreguerras*), o historiador Humberto Beck fornece um quadro intelectual que, tanto em termos conceituais, quanto histórico-geográficos, aplica-se muito bem ao exercício que temos proposto aqui. De acordo com ele,

entre 1914 e 1940, em resposta às experiências de descontinuidade abrupta e ruptura social e política, nasceu na Alemanha uma nova forma de consciência histórica do tempo, que se articulava em torno da noção de instantaneidade.²⁵³

²⁵¹ BENJAMIN, **O anjo da história**, (tese XV) p.118.

²⁵² Para uma definição do sentido de “consciência histórica” partilhado por este trabalho, cf. REIS, José Carlos. **História da “consciência histórica” ocidental contemporânea**: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

²⁵³ BECK, Humberto. **The moment of rupture: historical consciousness in interwar german thought**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2019, p.1.

Beck faz uso da noção de “instantaneísmo” para mostrar como três escritores alemães em particular – Ernst Jünger, Ernst Bloch e Walter Benjamin –, apesar de suas consideráveis diferenças em termos de inclinações ético-políticas, empregaram

a instantaneidade como estrutura conceitual para a descrição e interpretação das experiências de ruptura e descontinuidade, tanto pessoais quanto coletivas. Juntos, eles produziram uma constelação de conceitos e figuras de temporalidade súbita que contribuíram para a formação de um “regime de historicidade” instantaneísta distinto – um modo de experimentar o tempo baseado na noção de um presente descontínuo.²⁵⁴

Não seria precisamente este o desenho que temos visto se formar a partir de conceitos e categorias como “obscuridade do instante vivido” (Bloch), “instante de decisão” (Lukács) e “tempo de agora” (Benjamin)? O estudo de história intelectual oferecido por Beck a respeito da proposta percepção de um tempo que se fundamenta sobre a “temporalidade súbita do instante” ou do “momento de ruptura” – justamente durante o crítico período do entreguerras na Alemanha –, fornece uma chave de análise bastante apropriada e fecunda para a leitura que pretendemos desenvolver sobre a formação daquela matriz de pensamento marxista.

Ainda a respeito dessa seara metodológica, o historiador Walderez Ramalho indica uma vereda fértil. Em sua tese de doutorado, defendida recentemente na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), ele propõe a categoria metahistórica de “historicidades kairológicas”. Tendo como pano de fundo a compreensão de um

²⁵⁴ BECK, *The moment of rupture*, p.1.

tempo marcado pelas noções de crise e ruptura, Walderez define a categoria que cunhou como

as modalidades de experiência da história cujo sentido temporal está fundado na noção de *kairós* [gr. καιρός]. Trata-se, em linhas gerais, de um tipo de relação e de manifestação da historicidade da vida que se apresenta na experiência como um *momento* que, segundo o seu próprio conteúdo experiencial, é percebido como *histórico* no instante mesmo de seu acontecer, e não a partir de uma apreensão historiográfica retrospectiva. Esse tipo de experiência está historicamente associado a situações de *crise* e ruptura, quando a história emerge sob a forma de uma “convocação”, isto é, como algo que concerne diretamente o sujeito da situação interpelando-o para uma ação ou decisão urgente e grave. Um instante contraído do tempo que demarca um ponto de virada na história, a qual pode assumir uma nova configuração a depender da resposta que os sujeitos envolvidos na situação fornecerem a tal chamado do tempo.²⁵⁵

Interessa-nos especificamente o sentido kairológico da ruptura que está encravada nas historicidades propostas por Walderez Ramalho. Este potencial disruptivo do *momentum*, que, em meio à crise, clama por uma decisão – seja para o reencadeamento do processo na sua linha de transmissão ou para a inauguração de novos tempos históricos. Convém à nossa hipótese os “*kairos*”, estes estratos de tempo, definidos por Paul Tilich – teólogo existencialista alemão, da mesma geração de Lukács, Bloch e Benjamin – como “as crises na história [...] que criam a oportunidade para, e de fato exigem por, uma decisão existencial pelos sujeitos

²⁵⁵ RAMALHO, Walderez Simões Costa. **Outros tempos, outras histórias: kairós, manifesto, crise.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mariana (MG), 2021.

humanos”, ao se reconhecer a “inescapável responsabilidade pelo momento histórico presente”.²⁵⁶

De volta aos nossos autores, há ainda outra novidade que Lukács, Bloch e Benjamin colocam em cena na formatação do que temos chamado de “marxismo disruptivo”. Enquanto aquele signo da revolta revela o sentido da práxis e parece estruturar uma significativa mudança de perspectiva em relação ao instante (*Augenblick*) como “momento oportuno”, a história passa por uma reelaboração epistemológica e é investida de uma significação ético-política. “A revolução copernicana na visão histórica é a seguinte”, diz Benjamin,

considerava-se como o ponto fixo o “ocorrido” e conferia-se ao presente o esforço de se aproximar, tateante, do conhecimento desse ponto. Agora esta relação deve ser invertida, e o ocorrido, tornar-se a reviravolta dialética, o irromper da consciência desperta. Atribui-se à política o primado sobre a história. Os fatos tornam-se algo que acaba de nos tocar, e fixá-los é tarefa da recordação.²⁵⁷

Se cada instante traz consigo a possibilidade de romper o contínuo da história, o passado passa a ser compreendido muito além daquilo que não é mais. De modo que a promessa emancipatória deixa de se encontrar na novidade do futuro que há de vir, para dar lugar à *atualização* ou *reedição* de um passado que ainda não foi. Esta é a concepção que anima tanto o fragmento [K 2, 3] do livro das *Passagens*, quanto as advertências feitas ao “materialista histórico” ou ao

²⁵⁶ TILLICH, Paul. **The Protestant Era**. Translated by James Luther Adams. Chicago: University of Chicago Press, 1957, p.32.

²⁵⁷ BENJAMIN, **Passagens**, [K 1,2] p.433.

“historiador formado em Marx” nas teses *Sobre o conceito de história*, de 1940.²⁵⁸

“O passado”, registrou Benjamin naquele fragmento,

adquire o caráter de uma atualidade superior graças à imagem como a qual e através da qual é compreendido. Esta perscrutação dialética e a *presentificação das circunstâncias do passado são a prova da verdade da ação presente*. Ou seja: ela acende o pavio do material explosivo que se situa no ocorrido (...). *Abordar desta maneira o ocorrido significa estudá-lo, não como se fez até agora, de maneira histórica, mas de maneira política, com categorias políticas.*²⁵⁹ (Grifos nossos)

Inclusive esta é uma aposta que já havia sido feita por Bloch em 1921. Como já vimos, no livro sobre Thomas Münzer, Bloch defendia uma “História no seu sentido fecundo”, sensível à busca de uma subterrânea “tradição da esperança” e possuidora da potência da “mais autêntica ‘reedição’”, sob a qual os “mortos retornam, como num novo gesto, assim em significativo contexto, portador de novas descobertas.”²⁶⁰

Essa proposta do “giro copernicano da história” acaba nos informando bastante a respeito do próprio momento histórico em que tais noções eram elaboradas. Sobre a virada dos anos 1910 para os 1920, Michael Löwy lembra que “a expectativa da revolução mundial era nesta época (1918-1919) generalizada. Expectativa que não era arbitrária e sim correspondia a uma *possibilidade objetiva* do momento histórico”.²⁶¹ Mas se a Revolução de Outubro de 1917 logrou romper

²⁵⁸ BENJAMIN, **O anjo da história**, (tese VI) p.100.

²⁵⁹ BENJAMIN, **Passagens**, [K 2,3] p.437

²⁶⁰ BLOCH, Ernst. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**. Kurt Wolff Verlag: München, 1921, p.13-19.

²⁶¹ LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**, p.157.

com uma ordem política secular e “se transformou no imaginário desenfreado de um mundo a ser construído no presente”²⁶², o mesmo não ocorreu na Alemanha, que, para muitos, significava a porta de entrada da Revolução Comunista no Ocidente.

É dessa forma que, nos primeiros anos da década de 1920, muitos pensadores do campo das esquerdas vão publicar seus trabalhos sob o enalço do trágico fracasso da Revolução Alemã. O que torna sintomática essa proposta de voltar para a história com os olhos de quem, em vez de confirmar sua marcha inexorável rumo ao *telos* da Revolução, procura antes atualizar possibilidades perdidas de um passado com instantes repletos de *ainda não* (*Noch Nicht*). Portanto, a outra face do que temos chamado de “marxismo disruptivo” – sobretudo na parte que diz respeito a Bloch e Benjamin²⁶³ – tira sua força de uma certa melancolia histórica, a qual, por sua vez, se deixa animar pelo traço luxemburguista do que podemos denominar como uma “dialética da derrota”.²⁶⁴ “Toda a estrada do socialismo – pelo menos no que diz respeito `às lutas revolucionárias”, escreveu Rosa Luxemburgo poucos dias antes de seu assassinato,

se pavimenta de derrotas acachapantes, nada mais. No entanto, (...) [o]nde estaríamos hoje se *não fosse* por essas ‘derrotas’, das quais retiramos experiência histórica, compreensão, poder e idealismo? Hoje (...) nos

²⁶² TRAVERSO, Enzo. **A melancolia de esquerda**: Marxismo, História e Memória. Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Veneza: Editora Âyiné, 2018.

²⁶³ Sobre a diferença da relação de Lukács com a revolução na Hungria, vale lembrar de sua atuação como vice-Comissário do Povo da Educação e da Cultura durante os 133 dias da comuna húngara, em 1919. Cf. LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**, p.162-170.

²⁶⁴ Cf. JACOBY, Russell. **Dialectic of defeat**. New York: Cambridge University Press, 1981.

firmamos sobre fundamentos erguidos ao longo dessas mesmas derrotas; e não somos nada sem elas, pois cada uma contribui para nossa força e nosso entendimento”.²⁶⁵ (Grifos no original)

Ocorre que, na condição de uma matriz heterodoxa de pensamento, o “marxismo disruptivo” não logrou uma sobrevivência. Logo a partir dos anos 1930, cada um dos autores seguiu por caminhos bastante diversos. Como afirma o filósofo Nelson Brissac Peixoto a respeito do que chamou de “marxismo moderno”:

Tamanha volúpia e desvario não seriam, no marxismo, nunca mais reencontrados. Ele aqui falou pela única vez neste século a linguagem de seu tempo. Da pura vontade e da embriaguez. Da audácia e do despreendimento daqueles que, atirando sobre os relógios, queriam fazer parar o tempo da história. (...) As condições sobre as quais formou-se o marxismo moderno haviam deixado de existir.²⁶⁶

Seis anos após a sua filiação ao Partido Comunista da Alemanha (KPD), em 1926 Karl Korsch foi expulso por ordem direta de Moscou – destino que já havia sido selado em 1924, quando, no V Congresso Mundial da Terceira Internacional, ele foi denunciado publicamente por seus “desvios idealistas e neo-hegelianos”. A partir de então, Korsch manteve uma atividade intelectual marcadamente crítica aos princípios da Internacional Comunista e passou a defender o “comunismo de conselhos” como alternativa ao marxismo-leninismo. Contudo, acabou marginalizado no debate teórico.

²⁶⁵ LUXEMBURGO, Rosa. “Order Prevails in Berlin (1919). In: SCOTT, Helen C.; LEBLANC, Paul (Org.). **Socialism and Barbarism**: the selected writings of Rosa Luxemburgo. London: Pluto, 2010, p.267.

²⁶⁶ PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie**: o marxismo na modernidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p.203-204.

Já Georg Lukács – que no mesmo ano da expulsão de Korsch do KPD, passou a celebrar a “reconciliação com a realidade” de Hegel e se alinhou ao realismo político da União Soviética de Stálin²⁶⁷ –, renegou a força teórica de seu *História e Consciência de Classe*, passados 40 anos da primeira edição. Nas suas palavras, tratava-se de um “livro errôneo”, com um “caráter excessivo” e um tom “que correspondia à utopia messiânica própria do comunismo de esquerda da época, mas não à autêntica doutrina de Marx.”²⁶⁸

Por outro lado, Bloch e Benjamin – que, vistos em perspectiva com a disposição realista de Lukács, sempre se mostraram “filosoficamente mais rebeldes”²⁶⁹ – até que chegaram a avançar na exploração de algumas premissas básicas dessa matriz disruptiva, como testemunham tanto a fascinação de Bloch pelo presente – que orbita grande parte d’*O Princípio Esperança*, como vimos no

²⁶⁷ Vale lembrar que Lukács também foi bastante criticado no V Congresso Mundial do Comintern. E, como resposta, redigiu o manuscrito *Reboquismo e Dialética* – que, contudo não foi publicado à época. “Poucos meses depois de escrever *Reboquismo e dialética* – em todo caso, menos de uma ano depois”, escreve Michael Löwy, “Lukács escreveu o ensaio *Moses Hess und die Probleme des idealistischen Dialektik* [Moses Hess e os problemas da dialética idealista] (1926), que representa uma perspectiva filosófica totalmente diferente. Neste texto brilhante, mas sumamente problemático, Lukács celebra a ‘reconciliação com a realidade’, de Hegel, como prova de seu “grandioso realismo” e da sua ‘rejeição de todas as utopias’. Enquanto esse realismo lhe permitiu entender “a dialética objetiva do processo histórico”, o utopismo, o subjetivismo moralistas de Moses Hess e dos hegelianos de esquerda os levaram a um beco sem saída. (...) esse ensaio forneceu a Lukács a justificação filosófica para sua própria ‘reconciliação com a realidade’, isto é, com a União Soviética stalinista, que representava implicitamente ‘a dialética objetiva do processo histórico’.” (LUKÁCS, **Reboquismo e dialética**, p. 21)

²⁶⁸ LUKÁCS, **História e consciência de classe**, p.17.

²⁶⁹ BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**, p.50.

capítulo anterior – quanto a sua distinção dialética entre as correntes “fria” (histórico-analítica) e “quente” (praxeológico-utópica) do marxismo:

(...) somente juntos o frio e o calor da antecipação evitam que o caminho em si e o alvo em si sejam mantidos afastados um do outro de modo não dialético, evitam seu isolamento e reificação. Sendo assim, a análise das condições na totalidade do trecho situacional-histórico atua tanto no desmascaramento da aura metafísica. Exatamente isto é próprio da utilíssima *corrente fria* do marxismo. Ela faz do materialismo marxista não só uma ciência das condições como também, no mesmo fôlego, uma ciência de luta e oposição a todos os entraves e dissimulações ideológicos das condições de última instância, que são sempre de ordem econômica. Por seu turno, da *corrente quente* do marxismo fazem parte a intenção libertadora e a tendência real humano-materialista, materialista-humana, e é em função de seu alvo que todos esses desencantamentos são empreendidos. Daí provém o forte recurso ao ser humano humilhado, escravizado, abandonado, *feito desprezível*, daí provém o recurso ao proletariado como ponto de transbordo para a emancipação.²⁷⁰

²⁷⁰ Do original: “Erst Kälte und Wärme konkreter Antizipation zusammen also bewirken, daß weder Weg an sich noch Ziel an sich undialektisch voneinander abgehalten und so verdinglicht isoliert werden. Wobei die Bedingungsanalyse auf der ganzen geschichtlich-situationhaften Strecke ebenso als Entlarvung der Ideologien wie als Entzauberung des metaphysischen Scheins auftritt; gerade das gehört zum nützlichsten Kältestrom des Marxismus. Dadurch wird der marxistische Materialismus nicht nur zur Bedingungswissenschaft, sondern im gleichen Zug zur Kampf und Oppositionswissenschaft gegen alle ideologischen Hemmungen und Verdeckungen der Bedingungen letzter Instanz, die immer ökonomische sind. Zum Wärmestrom des Marxismus gehören aber die befreiende Intention und materialistisch-humane, human-materialistische Realtendenz, zu deren Ziel all diese Entzauberungen unternommen werden. Von hier der starke Rekurs auf den erniedrigten, geknechteten, verlassenenen, verächtlich gemachten Menschen, von hier der Rekurs auf das Proletariat als die Umschlagstelle zur Emanzipation.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.240-241.

Acontece que, a despeito de toda a pulsante latência para uma renovação teórica, o marxismo disruptivo não vingou na forma de uma matriz de pensamento coesa. Enquanto Bloch acabou relegado à posição de *persona non grata*, um “herege” no ecossistema sacerdotal de boa parte da tradição marxista, Benjamin teve seus trabalhos tragicamente interrompidos na fronteira da França com a Espanha, em Portbou, na madrugada de 26 para 27 de setembro de 1940.²⁷¹

Estas “obras malditas do marxismo no século XX”, como bem definiu José Paulo Netto²⁷², voltaram a despertar algum interesse no contexto dos levantes de 1968.²⁷³ “Assiste-se”, relata Michael Löwy, “a uma explosão do marxismo ‘rechaçado’, a um ressurgimento de livros ‘malditos’, enjeitados, esquecidos ou perdidos do marxismo”.²⁷⁴ Todavia, assim como ocorreu com as próprias greves e revoltas estudantis, seu fôlego não durou mais que o intenso instante de um suspiro. De modo que, na base de uma conduta heterodoxa, o “marxismo disruptivo” tornou-se logo uma tradição esquecida – ou um “tesouro perdido”, para usar a metáfora de Hannah Arendt²⁷⁵ – que permaneceu no subterrâneo, subsistindo no *underground*.

²⁷¹ WITTE, Bernd. **Walter Benjamin**: uma biografia. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p.143.

²⁷² KORSCH, **Marxismo e filosofia**, p.7.

²⁷³ Cf. VARES, Luiz Paulo de Pilla. As ideias de Maio. In: PONGE, Robert (Org.). **1968**: o ano das muitas primaveras. Porto Alegre: FCM, 2018.; CASTORIADIS, Cornelius; LEFORT, Claude; MORIN, Edgar. **Maio de 68: A Brecha** 20 anos depois. Tradução de Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

²⁷⁴ LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**, p.269.

²⁷⁵ Cf. ARENDT, Hannah. **Sobre a revolução**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Mas, como já dizia o próprio Marx, “a crise continua cavando, como a boa velha toupeira que é”²⁷⁶, e suas centelhas voltaram a brilhar na virada do século XX para o XXI. Se é verdade que hoje o termo “marxismo” virou refém de um léxico político completamente vazio, não é menos certo que experimentamos um momento histórico profundamente crítico. Nós, que vivemos há cem anos do momento de crise que motivou as primeiras manifestações do “marxismo disruptivo”, temos a chance de puxar o fio vermelho desse “tesouro perdido”, a partir de qualquer uma de suas premissas – seja pela ética *kairológica* da revolta ou pela dialética histórica da derrota. De forma que ele seja, enfim, compreendido como uma matriz de pensamento constituinte da longa e complexa tradição de pensamento marxista.

²⁷⁶ Citado em MUSTO, Marcello. Karl Marx: o charme indiscreto da incompletude. **Revista Outubro**, n. 19, 1º semestre de 2011, p.58.

3. “CAIR NO AGORA”

Ernst Bloch como historiador do presente

Todos conhecem a sensação de ter esquecido algo em sua vida consciente, algo que foi deixado para trás e não ficou esclarecido.

É por isso que o que estávamos prestes a dizer e acaba de nos escapar muitas vezes parece tão importante.

(“Eben Jetzt”, **Spuren**, 1930)

Em uma das seções do livro *Spuren (Traços)*, de 1930, Ernst Bloch resgata uma antiga história narrada pelos judeus do Leste europeu. Sob o título *Fall ins Jetzt* (“Cair no agora”), a narrativa conduz o leitor/ouvinte a um final “estranhamente decepcionante”. Um desfecho que soa como uma piada (*Witz*) – “um pouco embaraçosa e aborrecida, sem graça” –, mas que propositalmente nos lança em um buraco, uma espécie de alçapão. “O poço é o nosso agora”, escreve Bloch, “no qual todos nós estamos e do qual não nos é dito, como é normalmente o caso”.²⁷⁷

A historietta conta que, numa sinagoga de uma pequena cidade, um grupo de judeus mudam o rumo de uma conversa e começam a discutir sobre um assunto no mínimo inusitado: quais seriam os desejos de cada um caso um anjo aparecesse. O primeiro a falar foi o rabino, que, num tom jocoso, afirmou que já ficaria feliz em se ver livre de sua tosse. O segundo interlocutor disse que gostaria de casar as suas filhas, enquanto um terceiro apontou que, em lugar de filhas, desejaria mesmo era ter um filho para cuidar dos seus negócios. Por fim, o rabino se voltou para um mendigo – “esfarrapado e miserável” – que havia chegado na noite anterior e estava sentado no último banco da sinagoga: “E você, meu caro, que pedido faria? Que Deus lhe ouça, você não parece estar em condições de não

²⁷⁷ Do original: “Ich kenne eine kleine, fast niedere, ostjüdische Geschichte, an der freilich der Schluß merkwürdig enttäuscht. Ihr Ende soll offenbar ein Witz sein, ein recht verlegener und matter, unlustiger, jedoch eben einer, der nur die Grube zuschaukeln soll, in die man gefallen ist. Die Grube ist unser Jetzt, in dem alle sind und von dem nicht wegerzählt wird, wie sonst meistens; die kleine Falltür ist also herzusetzen.” BLOCH, Ernst. **Spuren** (1910-1929). Werkausgabe Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985, p.98.

desejar nada.”²⁷⁸ O mendigo disse que gostaria de ser um grande rei, com um grande reino. E emendou:

Em cada uma das minhas cidades eu teria um palácio e na mais bela delas a minha residência, feita de ônix, sândalo e mármore. Ali eu me sentaria no meu trono, temido pelos meus inimigos e amado pelo meu povo, como o rei Salomão.²⁷⁹

Acontece que, logo após a referência ao personagem bíblico, de repente a descrição do mendigo muda de registro. E os verbos que seguiam o relato em uma forma subjuntiva e condicional passam a ser flexionados no presente do indicativo. “Mas na guerra *eu não tenho* a sorte de Salomão”, disse o mendigo.

O inimigo invade minhas terras, meus exércitos são derrotados e todas as cidades e florestas são incendiadas. O inimigo está às portas da minha residência, eu ouço o tumulto das ruas e, sozinho, me sento na sala do trono, com minha coroa, meu cetro, o manto e o arminho, abandonado por todos os meus dignitários, e ouço o povo clamar pelo meu sangue. Então, eu tiro a minha camisa, lanço fora todas as minhas pompas reais e pulo da janela para o pátio. Atravessando o tumulto da cidade, o campo aberto, eu corro, corro por minha terra incendiada para salvar a minha vida. Durante dez dias,

²⁷⁸ Do original: “Da unterhielten sich die Juden, im Bethaus der kleinen Stadt, was man sich wünschte, wenn ein Engel käme. Der Rabbi sagte, er wäre schon froh, wenn er seinen Husten los wäre. Und ich wünschte mir, sagte ein Zweiter, ich hätte meine Töchter verheiratet. Und ich wollte, rief ein Dritter, ich hätte überhaupt keine Töchter, sondern einen Sohn, der mein Geschäft übernimmt. Zuletzt wandte sich der Rabbi an einen Bettler, der gestern abend zugelaufen war und nun zerlumpt und kümmerlich auf der hinteren Bank saß. ‘Was möchtest du dir denn wünschen, Lieber? Gott sei es geklagt, du siehst nicht aus, wie wenn du ohne Wunsch sein könntest’.” BLOCH, Ernst. **Spuren**, p.98.

²⁷⁹ Do original: “‘Ich wollte’, sagte der Bettler, ‘ich wäre ein großer König und hätte ein großes Land. In jeder Stadt hätte ich einen Palast, und in der allerschönsten meine Residenz, aus Onyx, Sandel und Marmor. Da säße ich auf dem Thron, wäre gefürchtet von meinen Feinden, geliebt von meinem Volk, wie der König Salomo’.” BLOCH, Ernst. **Spuren**, p.98.

caminho até a fronteira onde já ninguém me conhece, e, então, me deparo com outras pessoas que nada sabem e nada querem de mim; estou à salvo e, *desde ontem à noite, me encontro sentado aqui.*²⁸⁰ (Grifos no original)

Após um longo e desconcertante silêncio, o rabino reagiu desconfiado: “Devo dizer que você é um homem estranho. Por que deseja tudo isso se perderia tudo novamente? O que ficaria, então, da sua riqueza e glória?” Ainda sentado e sem a menor cerimônia, o mendigo respondeu: “Rabino, uma coisa pelo menos eu teria, uma camisa”²⁸¹. O clima de apreensão e desconfiança se dissipou com o gracejo; todos riram e presentearam o “homem estranho” com uma camisa.

Em seu comentário sobre a história, Bloch destaca a sutileza da mudança repentina na conjugação verbal durante a narrativa. “Este desconcertante agora como fim”, escreve,

²⁸⁰ Do original: “Aber im Krieg habe ich nicht Salomos Glück; der Feind bricht ein, meine Heere werden geschlagen und alle Städte und Wälder gehen in Brand auf. Der Feind steht schon vor meiner Residenz, ich höre das Getümmel auf den Straßen und sitze im Thronsaal ganz allein, mit Krone, Szepter, Purpur und Hermelin, verlassen von allen meinen Würdeträgern und höre, wie das Volk nach meinem Blut schreit. Da ziehe ich mich aus bis aufs Hemd und werfe alle Pracht von mir, springe durchs Fenster hinab in den Hof. Komme hindurch durch die Stadt, das Getümmel, das freie Feld und laufe, laufe durch mein verbranntes Land, um mein Leben. Zehn Tage lang bis zur Grenze, wo mich niemand mehr kennt, und komme hinüber, zu andern Menschen, die nichts von mir wissen, nichts von mir wollen, bin gerettet und *seit gestern abend sitze ich hier.*” BLOCH, Ernst. **Spuren**, p.99.

²⁸¹ Do original: Lange Pause und ein Chok dazu, der Bettler war aufgesprungen, der Rabbi sah ihn an. ‘Ich muß schon sagen’, sprach der Rabbi langsam, ‘ich muß schon sagen, du bist ein merkwürdiger Mensch. Wozu wünschst du dir denn alles, wenn du alles wieder verlierst. Was hättest du dann von deinem Reichtum und deiner Herrlichkeit?’ – ‘Rabbi’, sprach der Bettler und setzte sich wieder, ‘ich hätte schon etwas, ein Hemd.’ Nun lachten die Juden und schüttelten die Köpfe und schenkten dem König das Hemd, mit einem Witz war der Chok zugedeckt. BLOCH, Ernst. **Spuren**, p.99.

ou o fim do agora no trecho: “desde ontem à noite, me encontro sentado aqui”, a irrupção do ser aqui em pleno sonho. Por meio de uma transição complexa comunicada linguisticamente, na qual o mendigo começa narrando a partir da forma desejosa, passa subitamente do presente histórico ao presente efetivo. O ouvinte é tomado por um estremeamento ao aterrissar ali, onde ele se encontra.²⁸²

Mais do que uma blague ou mero retalho na colcha surrealista de *Spuren*, “*Fall ins Jetzt*” pode muito bem nos revelar o sentido por trás da disposição de Ernst Bloch para uma busca por rastros, sejam eles de presentes passados – como narrado no livro sobre Thomas Münzer – ou de passados presentes – como na análise de conjuntura apresentada em *Herança desta época*. Pois como bem resumiu Carlos Eduardo Jordão Machado, “é justamente a capacidade de ler um vestígio que se manifesta na estranha forma do que é narrado que retorna ao presente real – uma ‘queda no agora’.”²⁸³

É, portanto, esta conduta de um leitor de traços que nos permite compreender Bloch na condição de “historiador do presente”. Como um detetive

²⁸² Do original: “Dieses merkwürdige Jetzt als Ende oder Ende des Jetzt in dem Wort: Seit gestern abend sitze ich hier, dieser Durchbruch des Hierseins mitten aus dem Traum heraus. Sprachlich vermittelt durch den vertrackten Übergang, den der erzählende Bettler aus der Wunschform, mit der er beginnt, über das historische plötzlich zum wirklichen Präsens nimmt. Den Hörer überläuft es etwas, wenn er landet, wo er ist; kein Sohn übernimmt dies Geschäft.” BLOCH, Ernst. **Spuren**, p.99.

²⁸³ MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. Ernst Bloch e “o sonho de alguma coisa”. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). **Pensamento alemão no século XX: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 176.

dos romances de Edgar Allan Poe²⁸⁴, Arthur Conan Doyle²⁸⁵ e Leonardo Padura²⁸⁶, Bloch aguça os sentidos, coleciona pistas, descreve evidências e fareja indícios que aparecem e desaparecem na representação inacabada da experiência, na manifestação lacunar dos sinais de passagem. E faz isso à cata de fragmentos de futuro, faíscas utópicas, centelhas bruxuleantes de esperança. Como bem definiu Laura Boella:

Spuren não é apenas o título de um livro publicado em 1930, mas também um motivo básico da filosofia de esperança de Bloch. O significado dos traços reside no fato de que eles estabelecem uma conexão entre o tema da imperfeição estrutural do real, sua dimensão de escuridão do momento vivido e da expectativa, e uma forma específica de pensar que difere das abstrações e generalizações das teorias ou ideologias convencionais. O pensar por traços [*Spurendenken*] implica um uso incomum das faculdades emocionais, cognitivas e perceptivas que, em si mesmo, é uma maneira de sintonizar com o fermento utópico – o lampejo de faíscas que povoam o vazio.²⁸⁷

Acontece que, feito Dupin, Holmes e Mario Conde, nessa viagem temporal proporcionada pela leitura de rastros e vestígios, Bloch jamais renuncia a um

²⁸⁴ Cf. POE, Edgar Allan. **Auguste Dupin**: o primeiro detetive. Tradução de Fátima Pinho e Oscar Nestarez. Barueri (SP): Novo Século, 2019.

²⁸⁵ Cf. DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes**: obra completa. Tradução de Louisa Ibañez, Branca de Villa-Flor, Edna Jansen de Mello, Áurea Brito Wissenberg, Arnaldo Viriato Medeiros, Flávio Mello e Silva, Luiz Orlando C. Lemos, Adailton J. Chiaradia e Myriam Ribeiro Güth. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

²⁸⁶ Cf. PADURA, Leonardo. **Estações Havana**. Tradução de Paulina Wacht, Ari Roitman, Rosa Freire D'Aguiar e Ivone Benedetti. 4 vol. São Paulo: Boitempo, 2016.

²⁸⁷ BOELLA, Laura. *Spuren*. In: DIETSCHY, Beat; ZEILINGER, Doris; ZIMMERMANN, Rainer E. (Hrsg.) **Bloch-Wörterbuch**: Leitbegriffe der Philosophie Ernst Blochs. Berlin: De Gruyter, 2012, p.260-261.

detalhe fundamental: o retorno ao ponto de partida, onde tudo começa. A necessidade – e a vontade –, portanto, de “cair no agora”. Pois, assim como aponta a narrativa do mendigo de *“Fall ins Jetzt”*, por mais que na prosa blochiana os tempos verbais sejam apresentados de modo a indicar realidades que foram, poderiam ter sido ou ainda podem ser, eles sempre terminam por manifestar aquilo que *é/está*. Em Bloch, “não mais” e “ainda não” confluem, de mãos dadas, para o “já é”. Não é por acaso que variações de uma mesma sentença – com verbos flexionados sempre no presente do indicativo – costumam abrir as suas obras: *Ich bin. Wir sind* [“Eu sou, nós somos”].²⁸⁸ A frase final do mendigo na sinagoga – “e, desde ontem, me encontro sentado aqui” – expressa de maneira despretensiosa e direta aquela “vontade última de estar verdadeiramente no presente”²⁸⁹, declarada em sua obra magna, *O Princípio Esperança*.

3.1. Traço, evidência e história do presente uma via tucidideana?

O historiador François Hartog lembra que, entre as várias acepções do termo “evidência” na história da historiografia, há uma que foi adotada pela língua inglesa – *evidence* – com o mesmo sentido de sinal, marca, prova e testemunho. Trata-se de uma concepção de natureza jurídica, que associa história a justiça e está

²⁸⁸ BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**. Zweite Fassung, Gesamtausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964, p.11.

²⁸⁹ Do original: “Der letzte Wille ist der, wahrhaft gegenwärtig zu sein.” BLOCH, Ernst. **Das Prinzip Hoffnung**, p.15.

envolvida na busca pelo verdadeiro. Seu grande arquétipo seria o relato oferecido por Tucídides em sua *História da Guerra do Peloponeso*²⁹⁰. “Uma leitura dos primeiros capítulos de Tucídides”, afirma Hartog, “é suficiente para fazer tal demonstração: não prescindindo, de modo algum, de indícios e provas, ele define a história como pesquisa e investigação, busca da verdade”²⁹¹.

É claro que Tucídides mobiliza estes rastros e sinais – *semeion, tekmerion* – como pontos de luz no caminho rumo a uma pretendida elucidação final da “causa mais verdadeira” – *alehtestate prophasis*.²⁹² Neste sentido, é preciso dizer que provavelmente não haveria nada mais distante da concepção que Bloch faz de “traços”. Contudo, algo parece aproximar o historiador ateniense do século V a.C. do filósofo alemão do breve século XX: “o olhar está no centro da história, e a história se faz no presente.”²⁹³ De acordo com Hartog, “Tucídides fazia a história do presente, dirigindo-se (...) para o futuro”²⁹⁴. Podemos dizer que Bloch faz uma história do presente – ou dos presentes – *em busca do futuro*.

Ainda sobre a relação entre o narrador ateniense e a defesa de uma história do presente, o historiador François Dosse adiciona a informação de que

²⁹⁰ TUCIDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário a Gama Kury; prefácio de Hélio Jaguaribe. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2001.

²⁹¹ HARTOG, François. **Evidência na história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.13.

²⁹² HARTOG, François. **Evidência na história**, p. 81.

²⁹³ HARTOG, François. **Evidência na história**, p. 80.

²⁹⁴ HARTOG, François. **Evidência na história**, p. 69.

segundo Tucídides, que ouvia os relatos da guerra do Peloponeso, não há outra história que a do tempo presente (...). “O autor se pôs a trabalhar desde os primeiros sintomas da guerra”, escreveu Tucídides antes de se lançar na narrativa da guerra. Cortando assim da história qualquer pretensão de restaurar aquilo que precede o presente, Tucídides reduz a operação historiográfica a uma restituição do único tempo presente.²⁹⁵

Ora, mas em que consistiria essa história do tempo presente? No caso do historiador ateniense, a história do presente buscaria suplantar aquela concepção do *histor* de Heródoto de Halicarnasso, que se propõe a registrar e salvar do esquecimento “as notáveis e singulares façanhas realizadas, respectivamente, por gregos e bárbaros”²⁹⁶. Trata-se, sim, de uma investigação de cariz antropológico – que tem como princípio evitar a parcialidade de Homero em seu poema épico de 15 mil versos sobre a guerra de Tróia²⁹⁷ –, mas que também não enxerga qualquer embaraço em fundamentar sua prosa naquilo sobre o qual se ouviu falar.

Eis aí o grande nó que haveria no modelo proposto por Heródoto. E, a fim de desatá-lo, Tucídides se esforçou para mostrar que o primado epistemológico da narrativa histórica estaria assentado sobre um lugar acima de todos os outros: o da *testemunha ocular*. Para muito além da *História* contada por Heródoto, o contrato de verdade do registro histórico – a *alethestate prophasis* – decorreria da necessidade de que, quem anota, cataloga e narra os eventos, tenha *presenciado* e visto o que se passou com os próprios olhos.

²⁹⁵ DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, v.4, n.1., UDESC, Florianópolis, jan-jun. 2012, p.7-8.

²⁹⁶ HERODOTO. **Historia**. Libro I, Clío. Traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992, p.85.

²⁹⁷ Cf. HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

Voltando a Ernst Bloch, podemos notar uma conduta semelhante à de Tucídides. É certo que o pensador alemão não chegou a se envolver em uma discussão propriamente epistemológica a respeito do conhecimento histórico. Muito menos sobre uma concepção de verdade histórica. Por outro lado, fez história, refletiu sobre a história, examinou a persistência não contemporânea de passados presentes e ofereceu uma enciclopédia histórica de futuros passados. Já vimos como estas tópicas aparecem respectivamente nos livros *Thomas Münzer: teólogo da revolução* (1921), *Traços* (1930), *Herança desta época* (1934) e nos três volumes de *O Princípio Esperança* (1954-1959).

Ocorre que Bloch apresenta ainda outra marca neste seu compromisso com a escrita da história: o registro do acontecimento a quente, no momento mesmo em que ele se passa e é vivido. Trata-se de uma atitude bem próxima daquilo que denominaremos aqui como a “via tucidideana”. Procedimento que, no traço de Ernst Bloch, recebe contornos jornalísticos e respira ares de crônica política. Um gênero que, como observa a historiadora Heloisa Starling, “é difícil de executar”.

São textos curtos feitos sob pressão para publicação diária que apresentam um ponto de vista narrativo e uma interpretação crítica cujo sentido o próprio leitor vai conferir. (...) Providenciam registro e alinhavo para o entendimento da rede de ações e escolhas que se processaram em determinada conjuntura, além de abrir um panorama sobre os sentidos dos acontecimentos em determinado momento da história.²⁹⁸

Registro e alinhavo para determinada conjuntura; panorama sobre os acontecimentos de determinado momento da história. Estão aí os principais pontos

²⁹⁸ STARLING, Heloisa Murgel. A democracia morre no fim deste enredo. **Quatro Cinco Um**, ano 6, n. 55, março de 2022.

que podem nos ajudar a compreender Ernst Bloch como um historiador do presente. Só que não apenas no sentido do mero registro. Pois, como veremos a seguir, é possível perceber uma filosofia da história bastante peculiar neste modo de contar o momento vivido.

Trata-se de um olhar que, como bem afirma Lucien Pelletier, “preocupa-se em apreender o valor do acontecimento singular, não como simples exemplo de um todo, mas no que há de único nele, no que introduz algo qualitativamente novo no tempo.”²⁹⁹ Não para situar cada singularidade nos limites de uma totalidade em processo, como pretendia a filosofia da história de corte hegeliano. Mas justamente para mostrar o caráter dinâmico, contingente e inesperado da realidade. Um momento que, longe de se reduzir ao sentido de causa e efeito, subitamente irrompe, de modo inesperado, para seguir uma entre as várias possibilidades de trilhas que se apresentam, a cada instante, no curso da história.

“Acontecimento”, portanto, é a categoria que nos ajuda a compreender a “viaticidade” seguida por Ernst Bloch em sua atuação como historiador e intérprete do presente, conforme a premissa de uma filosofia utópico-kairológica da história. E, como ensina o filósofo Slavoj Žižek, é preciso ter em mente que “em sua forma mais elementar, um acontecimento não é algo que ocorre dentro do mundo, mas *uma mudança no próprio arcabouço pelo qual percebemos o mundo e nos envolvemos nele.*”³⁰⁰ (Grifos no original) A seguir, veremos como, em determinados

²⁹⁹ PELLETIER, Lucien. Présentation. In: BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**: écrits pacifistes radicaux. Édité et traduit par Lucien Pelletier. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 2018, p.8.

³⁰⁰ ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento**: viagem filosófica através de um conceito. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p.16.

momentos, o olhar de Bloch sobre o seu próprio presente foi atravessado por esta aceção do conceito de acontecimento.

3.2. Nas páginas do *Freie Zeitung*

crônica dos últimos dias de guerra em defesa da democracia

Falar de contornos jornalísticos no caso de Bloch não se trata de exagero retórico. Alguns dos primeiros exemplos desse jeito de escrever, registrar e analisar a história podem ser vistos exatamente nas suas contribuições para o jornal *Freie Zeitung*, nos últimos anos da década de 1910. O contexto mais amplo é de final da Primeira Guerra Mundial. Bloch se encontrava exilado na Suíça desde 1917. Ali, aos trinta e um anos de idade, aproximou-se de círculos republicanos e democrático-socialistas de oposição à monarquia do kaiser Guilherme II. E é bem provável que, em terras helvéticas, não existisse centro mais importante para a difusão da propaganda antimonárquica em língua alemã do que um jornal quinzenal, fundado em abril de 1917, na cidade de Berna, por um ex-cônsul alemão chamado Hans Schlieben. Nas palavras de Arno Münster, o jornal *Freie Zeitung* era

uma espécie de plataforma cultural e política dos adversários da Alemanha monárquica, dominada por simpatizantes da Entente franco-americano-britânica e composta majoritariamente de democratas francófilos e germanófilos.³⁰¹

³⁰¹ MÜNSTER, Arno. **L'utopie concrète d'Ernst Bloch**: une biographie. Paris: Éditions Kimé, 2001, p.105.

Unabhängiges Organ für Demokratische Politische (Orgão independente para a política democrática), o subtítulo destacado em tipografia gótica dava o tom logo no cabeçalho da primeira página. A equipe de articulistas era atravessada por tendências políticas das mais diversas. Mas, em que pese a atribuição da liberdade de expressão como princípio, o certo mesmo é que havia uma linha editorial muito bem determinada. “Em oposição ao autoritarismo das potências centrais”, afirma Lucien Pelletier sobre os autores do jornal,

eles reivindicavam para estes países uma verdadeira democracia inspirada nos ideais da Revolução Francesa e no período revolucionário alemão de 1848. Contra o discurso oficial do Estado alemão que alegava o caráter defensivo da entrada na guerra, estavam convencidos de que a responsabilidade pelo começo da guerra cabia exclusivamente a seus líderes políticos e militares. Eles pleiteavam uma renovação moral da Alemanha, que passaria não apenas pela abolição da instituição imperial (tanto da Alemanha, quanto da Áustria-Hungria), mas também por um arrependimento do povo que, em seu conjunto, havia consentido em vários níveis com os crimes cometidos pelos seus dirigentes.³⁰²

O consenso político no *Freie Zeitung* era mais republicano e democrático do que propriamente socialista e revolucionário, e a inspiração de seus colaboradores vinha das Revoluções Norte-Americana e Francesa. Além do mais, como afirmou o próprio Bloch em uma entrevista dada em 1976 a Martin Korol, havia um esforço para “renovar a tradição de oposição burguesa do ano de 1848 contra a Prússia e a Áustria”.³⁰³ Portanto, o denominador comum que aglutinava todos aqueles que

³⁰² PELLETIER, Lucien. Présentation. In: BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.2-3.

³⁰³ KOROL, Martin. **Deutsches Präexil in der Schweiz 1916-1918**: Hugo Balls Dadaismus und Ernst Blochs Opposition von außen gegen die deutsche Politik in der Schweiz während des Ersten Weltkrieges. Bremen, Tartu: Selbstverl, 1999, p.17.

escreviam para o jornal era a “oposição à Prússia e à ideologia agressiva prussiana”³⁰⁴ – o que, de acordo com Münster, “teve como consequência inevitável a dissolução do grupo e do jornal somente alguns meses depois da derrota militar da Alemanha e a vitória militar da Entente, em novembro de 1918 (dissolução que só ocorre em 1919).”³⁰⁵

Ao lado do anarquista e fundador do movimento dadaísta Hugo Ball, bem como do “latente bakuninista”³⁰⁶ Herman Hesse, Ernst Bloch era uma das poucas vozes da esquerda socialista no grupo de jornalistas – que, quando não estava na redação, se encontrava no sugestivo Café Voltaire, em Zurique. Mas, nem por isso, o jovem pensador alemão deixava de seguir a linha editorial do periódico. Muito pelo contrário. Se, nas páginas do *Freie Zeitung*, Bloch compartilhava de uma postura profundamente crítica aos bolcheviques³⁰⁷, ele também não economizava

³⁰⁴ KOROL, Martin. **Deutsches Präexil in der Schweiz 1916-1918**, p.18.

³⁰⁵ MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p. 106.

³⁰⁶ Definição feita por Ernst Bloch em: KOROL, Martin. **Deutsches Präexil in der Schweiz 1916-1918**, p.19.

³⁰⁷ Sobre este assunto, Arno Münster não tem muitas dúvidas ao afirmar que “um artigo de Ernst Bloch publicado em 27 de fevereiro de 1918, sob o pseudônimo Ferdinand Aberle e intitulado “Lenin, der rote Zar” (Lênin, o Czar vermelho), pode aqui ser citado como testemunho por excelência da atitude bastante crítica do filósofo alemão, em um primeiro momento, com relação aos bolcheviques – que será característica também da sua atitude política geral, durante os anos 1918 e 1919; pois, nesse artigo, Bloch formula de maneira bastante clara e quase categórica, primeiramente, suas reservas contra a política dos ‘maximalistas revolucionários’ (bolcheviques) e o modo como eles trataram a Constituinte russa; e, em segundo lugar, contra a maneira com que a direção (bolchevique) da insurreição havia ‘transformado sua vontade de potência em uma ditadura que, por escolha de seu meios, compromete o princípio ou o torna esquecido, assim que um regime autocrático se instala.’ Essa crítica blochiana visa diretamente os métodos utilizados, entre

na tinta para expressar sua admiração pela democracia norte-americana – ou o que chamou de “*minimum* democrático da América”³⁰⁸ – e a liderança do presidente Woodrow Wilson na condução dos acordos pelo fim da guerra.³⁰⁹ Em um artigo de 12 de outubro de 1918, Bloch – que um ano antes da sua morte, em 1976, ainda se dizia convencido da sinceridade das ideias de Wilson – chegou mesmo a afirmar que a “única tarefa, a única orientação do *Freie Zeitung* sempre foi pleitear pelas ideias de Wilson, pela vitória definitiva do pacifismo e da democracia.”³¹⁰

Sua última contribuição para o jornal, publicada em 21 de dezembro de 1918, foi justamente uma carta aberta ao presidente norte-americano, que, na ocasião, estava em Paris preparando as negociações de paz que resultaram na assinatura do Tratado de Versalhes meses depois. Nas palavras de Lucien Pelletier, o texto

outros, pelos ‘Guardas Vermelhos’ e o emprego, mais ou menos arbitrário, da violência ao longo do ano de 1918.” MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p. 111-112.

³⁰⁸ Cf. BLOCH, Ernst. Vademecum für heutige Demokraten. In: **Kampf, nicht Krieg: Politische Schriften, 1917-1919**. Frankfurt: Suhrkamp, 1985

³⁰⁹ Como lembra Pelletier, a “*New Diplomacy* de Wilson procurou substituir acordos secretos entre chefes de Estado por democracia, respeitando a vontade popular livremente expressa. Mais tarde, em janeiro de 1918, Wilson elaborou este programa, propondo nomeadamente uma Liga das Nações como um fórum de arbitragem entre as nações. Bloch não podia deixar de apoiar estas ideias: mesmo antes de se juntar ao *Freie Zeitung*, ele afirmou que a intervenção americana mudou a natureza da guerra, que ao invés de um combate mortal entre ambições imperiais, tornou-se, graças a Wilson, uma luta pelo direito de garantir a liberdade dos povos.” PELLETIER, Lucien. Présentation. In: BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.9.

³¹⁰ Do original: “Die einzige Aufgabe, die einzige Ausrichtung der Freien Zeitung war immer, für die Ideen Wilsons, für den endgültigen Sieg von Pazifismus und Demokratie zu plädieren.” BLOCH, Ernst. **Kampf, nicht Krieg: Politische Schriften, 1917-1919**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985, p. 357.

de Bloch “é um documento surpreendente”, já que “a estatura concedida ao presidente americano é função de uma filosofia da história muito particular”³¹¹ – em um tom que, aliás, lembra muito aquele que aparecerá três anos depois nas páginas do livro sobre Thomas Münzer. “Você não apenas travou uma luta contra a guerra”, registrou Bloch em sua carta aberta ao presidente Wilson,

mas opôs violência a uma violência que de outra forma não poderia ser expulsa. Com suas armas agora depositas está a luz que se levantou; o amor, a convicção, a pureza, o nascimento da democracia ética. Tudo com o que o melhor dos homens tem lutado desde os dias de Atenas, desde os dias dos rebeldes, dos hereges cristãos e dos puritanos, desde que os direitos do homem foram proclamados contra toda autocracia, contra todos os atavismos no império animal do despotismo (...) Nós o saudamos e reverenciamos, bom espírito de humanidade; o que há de mais puro em nós sai ao seu encontro; sobre as cabanas da sua liberdade, sozinha está a estrela que deve iluminar nosso caminho.³¹²

A metáfora da luz é particularmente importante porque nos mostra como Bloch elabora seu pensamento a partir de uma filosofia da história que destaca a criação de valores – como, por exemplo, uma sociedade democrática – nos termos de uma

³¹¹ PELLETIER, Lucien. Présentation. In: BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.9.

³¹² Do original: “Du haben nicht nur einen Kampf gegen den Krieg geführt, sondern Sie haben sich gegen die Gewalt gestellt, die sonst nicht vertrieben werden könnte. Mit euren Waffen, die ihr jetzt niedergelegt habt, ist das Licht aufgestiegen: Liebe, Überzeugung, Reinheit, die Geburt der ethischen Demokratie. Alles, womit die besten Menschen seit den Tagen Athens gekämpft haben, seit den Tagen der Rebellen, der christlichen Ketzer und der Puritaner, seit die Rechte des Menschen gegen alle Autokratie, gegen alle Atavismen im Tierreich des Despotismus verkündet wurden (...) Wir grüßen und verehren dich, guter Geist der Menschlichkeit; das Reinste in uns kommt dir entgegen; über den Hütten deiner Freiheit ist allein der Stern, der unseren Weg erleuchten wird.” BLOCH, Ernst. **Kampf, nicht Krieg**, p.431.

faísca que se acende em meio à escuridão do instante vivido. Eis aí a imagem da “pequena centelha”, que é retomada de Mestre Eckhart para figurar a manifestação aqui e agora do ainda-não-consciente. De acordo com Pelletier, Ernst Bloch

é da opinião de que a experiência da obscuridade do instante vivido, pelo seu caráter negativo, constitui esta faísca que aponta para o seu oposto, o momento pleno, os *nunc stans* de Santo Agostinho; certos seres têm a capacidade de criar valores que antecipam essa plenitude, o *deus absconditus*, com o qual coincidiria o *homo absconditus* ou o que em nós ainda não se manifesta. Esses valores *a priori* podem ser compartilhados por uma época, ou seja, se impõem a ela como normas e exigências de uma nova moral.³¹³

Neste sentido, é preciso destacar que, apesar de Bloch reconhecer a grandeza da tradição liberal na guerra contra as potências autocráticas, ele considera o liberalismo como o “*minimum* democrático” para a constituição da nova moral socialista. “É preciso que os pontos de vista de Wilson penetrem no país obscuro”, afirmou; “é preciso que a democracia cristã de Wilson torne-se a divisa graças à qual poderá se constituir o etos de um socialismo renovado.”³¹⁴

Como já vimos no primeiro capítulo, o “socialismo renovado” defendido por Bloch ia na contramão dos princípios estabelecidos pela Segunda Internacional. Mas, naquele contexto de final dos anos 1910, o sinal de alerta também estava aceso para os ventos que sopravam da Rússia. Claro, não pelo fato de a revolução naquele país ter significado o fim de uma ordem autocrática secular – até porque o *Freie Zeitung* em peso apoiou a mesma disposição política na revolução que varreu

³¹³ PELLETIER, Lucien. Présentation. In: BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.8.

³¹⁴ “Do original: “Wilsons Ansichten müssen in das dunkle Land eindringen; Wilsons christliche Demokratie muss zum Motto werden, dank dessen sich das Ethos eines erneuerten Sozialismus konstituieren kann.” BLOCH, Ernst. **Kampf, nicht Krieg**, p.409.

a Alemanha em novembro de 1918. Mas pela razão de que Bloch mantinha sérias reservas à leitura proposta por Lênin e Trotsky na conferência de Zimmerwald em 1915, segundo a qual a Grande Guerra seria essencialmente um confronto entre estados imperialistas. Para o jovem filósofo alemão, o cinismo de tal conduta – que ele chamava de “zimmerwaldismo” – borrava toda e qualquer distinção entre os países da Entente e as Potências Centrais e, de quebra, evitava a questão da prevalência do autoritarismo militar na Alemanha, dissolvendo a culpa e a responsabilidade particulares deste país no conflito – postura com a qual nem mesmo o Partido Social-Democrata Independente, criado em 1917 como instrumento de oposição à capitulação do Partido Socialdemocrata (SPD) aos esforços de guerra, teria conseguido romper. “Quanto à questão da culpabilidade”, escreveu Bloch em defesa de uma “ideia socialista ententófila”,

o zimmerwaldismo lhe nega de saída qualquer relevância pela única razão de que, segundo as concepções fortemente coletivistas *a priori* do marxismo, vê em toda parte apenas determinismos do expansionismo capitalista e considera como uma simples ocasião, um simples elemento desencadeante, o real e atestado fósforo que incendiou o rasteiro de pólvora. Tudo isso deve, portanto, ser entendido e “julgado”, segundo Zimmerwald, não em um nível pessoal, mas no contexto mais amplo da lógica objetiva, imanente à economia e à história.³¹⁵

O apelo por um “socialismo renovado” apontava, portanto, para a construção de um ethos revolucionário democrático que rompesse a órbita da “rotina de Zimmerwald”, como expresso no título de um artigo de 6 de novembro de 1918. Bloch censurava os representantes do marxismo de sua época pelo cacoete estritamente economicista de leitura do real e pela tendência de reduzir e

³¹⁵ BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.108.

explicação de tudo ao determinismo da luta de classes – postura que teria irresponsavelmente desprezado boas oportunidades de luta contra o autoritarismo prussiano. Além do mais, o desdém por fatores culturais, morais e subjetivos no quadro geral das análises e diagnósticos propostos pela “vanguarda revolucionária” poderia muito bem terminar empurrando a própria Revolução Russa para a roda viva de um novo autoritarismo. “Sem uma democracia que (...) se estenda à vida dos indivíduos”, declarou Bloch em tom de advertência sobre o “*minimum democrático*”,

o socialismo nada mais é do que um novo prussianismo. É 1789 e 1789 apenas, não o feudalismo, não um Estado divino, que terá como consequência o socialismo, um socialismo autêntico, com um Marx mil vezes corrigido; e a nova liberdade econômica a ser conquistada, isto é a liberdade em relação ao econômico, conservará de boa vontade os grandes ideais da democracia burguesa; longe de quebrá-los, de conspurcá-los, de fazê-los perecer em uma ditadura social bolchevique, ela os elevará à categoria de ideias plenos da democracia social.³¹⁶

Há, portanto, nestes escritos do primeiro exílio de Bloch (1917-1919) um senso de urgência que, de uma forma ou de outra, vai reaparecer em toda a sua obra. Um traço que mostra muito bem aquela conduta de um historiador do

³¹⁶ Do original: “Ohne eine Demokratie, die sich (...) auf das Leben der Einzelnen erstreckt, ist der Sozialismus nichts anderes als ein neues Preußentum. 1789 und nur 1789, nicht der Feudalismus, nicht ein Gottesstaat, wird zum Sozialismus führen, zu einem echten Sozialismus, mit einem tausendfach korrigierten Marx; und die neu zu gewinnende wirtschaftliche Freiheit, die Freiheit in Bezug auf das Ökonomische, wird die großen Ideale der bürgerlichen Demokratie bereitwillig bewahren; weit davon entfernt, sie zu brechen, sie zu beschmutzen, sie in einer bolschewistischen Sozialdiktatur untergehen zu lassen, wird sie sie in die Kategorie der vollen Ideen der sozialen Demokratie erheben.” BLOCH, Ernst. **Kampf, nicht Krieg**, p.390.

presente, que, ao mesmo tempo em que oferece registro e alinhavo para determinada conjuntura, lança mão de uma filosofia da história que busca captar, no panorama sobre os acontecimentos, o sentido e a latência das possibilidades que se apresentam no horizonte de determinado momento. E que, respaldado pelo que a história indica, tem consciência da relevância das escolhas e decisões que precisam ser tomadas no *hic et nunc*, o aqui e agora de sua própria existência. “O que nem Münzer nem as Guerras Camponesas, nem a Revolução Inglesa nem a Revolução Francesa, nem os combatentes de [18]48 nem a Revolução Russa conseguiram”, concluiu Bloch no último parágrafo de um artigo escrito em junho de 1918,

os exércitos do mundo devem agora perceber em relação à Alemanha. Enfim, a liberdade explode o feudalismo em sua última e mais perigosa cidadela, a cidadela da Prússia; e abrem-se caminhos que não são os da Grande Prússia, nem mesmo aqueles de um simples socialismo de Estado. A partir daqui e agora começa um novo capítulo da história. Mas pode ser que, no final, nosso país, a Alemanha, se sinta obrigado, sozinho entre todos os povos, como inimigo de todo o mundo e de todas as potências do futuro, a meditar sobre a noite que reina dentro de seus muros e a interpor, no caminho que conduz à era da paz e da liberdade, a barricada de uma reação atroz e da mais profunda perversão.³¹⁷

Um ano após essas palavras serem publicadas nas páginas do *Freie Zeitung*, no dia 28 de junho de 1919, potências aliadas se reuniram no pomposo Palácio de Versalhes, na França, para assinar o tratado de paz que selou oficialmente o fim da guerra. Um “compromisso infeliz” nas palavras do diplomata

³¹⁷ BLOCH, Ernst. **La lutte, pas la guerre**, p.32.

britânico Harold Nicholson³¹⁸; “uma paz punitiva” para o historiador Eric Hobsbawm.³¹⁹ A partir daquele momento, “sozinha entre todos os povos”, uma parcela cada vez mais significativa de alemães passou a se perceber como “inimiga de todo o mundo e de todas das potências”. Abriram-se, assim, as portas para a noite que reinava dentro dos muros da Alemanha. E tempos não-contemporâneos rebentaram das barricadas da reação.³²⁰

3.3. No intenso agora

1968 sob escrutínio de uma filosofia utópico-kairológica

Passados cinquenta anos desde o seu primeiro exílio na Suíça, um outro exemplo da conduta de Bloch como historiador e intérprete do presente nos oferece sinal de testemunho. O ano é 1968. Novamente, o pensador alemão encontra-se exilado. Só que, desta vez, dentro de seu próprio país. Bloch está na Alemanha Ocidental desde 1961, quando as perseguições políticas na banda oriental da

³¹⁸ NICHOLSON, Harold. **Diaries and Letters (1930-39)**, cit. em: DRINKWATER, Derek: **Sir Harold Nicolson and International Relations: The Practitioner as Theorist**. Oxford (UK): Oxford University Press, 2005, p. 139.

³¹⁹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 41.

³²⁰ No capítulo 2, vimos como Bloch mobilizou o conceito de “não-contemporaneidade dos tempos” (*Ungleichzeitigkeit*) para propor uma espécie de radiografia social da ascensão do partido nazista nos últimos anos da República de Weimar. Desnecessário repetir a análise para afirmar que se trata de mais um exemplo manifesto daquilo que temos compreendido como a sua atuação enquanto historiador e intérprete do presente.

Deutsche Demokratische Republik (República Democrática Alemã) atingiram um ponto sem retorno e o Muro de Berlim começou a ser construído para segregar “o setor americano da cidade”. Contudo, apesar de garantido o direito da liberdade de expressão, Moritz Mutter e Falko Schmieder sustentam que “politicamente, a República Federal nos anos de [Konrad] Adenauer não era uma terra menos estranha para Bloch do que havia sido a República Democrática Alemã (RDA).”³²¹

Seja como for, nesta que será a última experiência de toda uma vida em exílio – Suíça, depois França, depois Hungria, depois Tchecoslováquia, depois Estados Unidos, por fim República Federal da Alemanha –, Ernst Bloch atua como professor visitante na Universidade de Tübingen. E, do alto de seus oitenta e dois anos de idade, torna-se grande entusiasta e uma das principais referências teóricas das manifestações promovidas naquele ano em Berlim e Frankfurt pela *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (União dos Estudantes Socialistas Alemães).³²² O estudante de sociologia da Universidade Livre de Berlim e principal liderança das revoltas estudantis Rudi Dutschke – que, em seus discursos, não perdia a chance de disparar citações de Marx, Rosa Luxemburgo, Marcuse e Bloch

³²¹ MUTTER, Moritz; SCHMIEDER, Falko. Return into exile: first letter to and from Ernst Bloch. In: KETTLER, David; DETLEF, Garz (Ed.). **First letters after exile by Thomas Mann, Hannah Arendt, Ernst Bloch, and others**. London: Anthem Press, 2021, p.96.

³²² A *Sozialistischer Deutscher Studentenbund* (SDS) foi uma organização estudantil fundada em 1946 no interior do Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD); mas que, em 1965, foi excluída por “desviacionismo de esquerda”. A partir de então, na condição de um coletivo autônomo de esquerda, transformou-se no principal agente de oposição extraparlamentar na Alemanha Ocidental, até ser dissolvido em 1970. Cf. FICHTER, Tilman P.; LÖNNENDONKER, Siegwand. **Geschichte des SDS: der Sozialistische Deutsche Studentenbund, 1946-1970**. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2017.

–, chegou a definir o filósofo da esperança como “a alma filosófica de um novo caminho para o socialismo”³²³. Nas palavras de Arno Münster, os

protestos da juventude contra a guerra americana no Vietnã e contra as leis de emergência na Alemanha, bem como a revolta dos estudantes de Berlim e Frankfurt, logo despertariam também as velhas energias revolucionárias de Ernst Bloch.³²⁴

E foi mais ou menos por aí mesmo. Assim como ocorreu em Berkeley, Cidade do México, Rio de Janeiro, Dakar e Cidade do Cabo, o abalo sísmico provocado pelo Maio de 1968 em Paris também foi sentido nas ruas da Alemanha ocidental. Só que, *no intenso agora* daquele turbilhão de eventos, foi de uma capital do leste europeu sob o jugo do “socialismo realmente existente” de Leonid Brejnev que reverberou o acontecimento-gatilho que mais uma vez acionou a atuação de Bloch como historiador e intérprete do presente.³²⁵

Os tempos eram definitivamente outros. No entanto, meio século após a escrita daqueles artigos pacifistas no *Freie Zeitung* – e depois de testemunhar o nascimento e a morte da República de Weimar, a consolidação da União Soviética, a ascensão e queda de Hitler, as contradições do stalinismo, o arranjo totalitário e uma nova guerra mundial –, a repressão à chamada “Primavera de Praga” em 1968 foi a janela histórica que Bloch descortinou com sua filosofia utópico-kairológica para sair novamente em defesa de um “socialismo renovado”.

³²³ DUTSCHKE, Rudi. **Mein langer Marsch**: Reden, Schriften und Tagebücher aus zwanzig Jahren. Herausgegeben von Gretchen Dutschke-Klotz, Helmut Gollwitzer und Jürgen Miermeister. Hamburg: Howohlt Verlag, 1980, p. 157.

³²⁴ MÜNSTER, Arno. **L’utopie concrète d’Ernst Bloch**, p. 312.

³²⁵ Cf. SALLES, João Moreira. **No intenso agora**. Documentário. 127 min. Videofilmes: Rio de Janeiro, 2017.

Em 20 de agosto de 1968, duzentos mil soldados e dois mil tanques já haviam cruzado as fronteiras da Tchecoslováquia. Ocorre que, exatamente naquele dia, alguns paraquedistas receberam a missão especial de tomar a capital. A operação foi iniciada às 20h30 no aeroporto da cidade e durou menos de dez horas. Tempo suficiente para que, no dia seguinte, 21 de agosto de 1968, Praga amanhecesse ocupada por pelo menos 165 mil soldados. As forças, que durante a madrugada causaram a morte de 72 cidadãos tchecoslovacos, eram formadas por efetivos soviéticos do Exército Vermelho e de outros três países integrantes do Pacto de Varsóvia – Bulgária, Polônia e Hungria.³²⁶ O comando partira do Kremlin e o objetivo estava alinhado com a política de intervenção da chamada Doutrina Brejnev: conter o avanço das reformas propostas por Alexander Dubček, Primeiro Secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia (KSČ), eleito em janeiro daquele ano. O anúncio de um programa para a construção de um “socialismo com face humana”, com garantia de liberdades civis e descentralização da economia, soava como um sinal liberalizante demais para ouvidos *apparatchiks* moldados em tempos de Guerra Fria.³²⁷

Seja como for, a operação militar que havia sido planejada em Moscou para acontecer de forma rápida e eficiente, gerou uma onda de protestos e reações dentro e fora da Tchecoslováquia. Enquanto manifestantes impediam o avanço dos tanques pelas ruas de Praga – tanto por meio do confronto físico, quanto por uma

³²⁶ Cf. BISCHOF, Günter; KARNER, Stefan; RUGGENTHALER, Peter (ed.). Introduction and historical context. In: **The Prague Spring and the Warsaw Pact Invasion of Czechoslovakia in 1968**. Plymouth (UK): Lexington Books, 2010.

³²⁷ Cf. FEJTŐ, François. La tragédie tchécoslovaque et ses prolongements. In: **Histoire des démocraties populaires: après Staline**. (1953-1968). Paris: Éditions du Seuil, 1969.

engenhosa e bem coordenada rede clandestina de informação via rádio –, a repercussão dos eventos rompia a cortina de ferro e era divulgada pela imprensa ocidental.

E foi assim, com o ouvido colado no rádio em sua casa na cidade de Tübingen, que Ernst Bloch recebeu as notícias ainda meio desencontradas sobre aquele triste 21 de agosto. A primeira experiência de um governo socialista de corte democrático e humanista em um país-satélite da União Soviética – a esperança do modelo histórico de uma “utopia concreta”³²⁸ – era brutalmente oprimida por aquela que se autodenominava a “pátria do socialismo”. E justamente com o apoio da Hungria, que, não passados dez anos, em 1956, protagonizara 18 dias de insurreição contra o aparato autoritário do stalinismo.³²⁹

Assim como em 1918, a manifestação pública mais contundente de Bloch sobre os acontecimentos em Praga apareceu nas páginas de um conhecido jornal de Hamburgo, fundado em 1946 e chamado *Die Zeit*. Sob o título “Stálin – não-superado [unüberwunden]”, o filósofo apelidado pelos alunos como “mago de Tübingen” publicou um artigo no dia 8 de setembro de 1968. “Os horríveis acontecimentos em Praga jamais serão esquecidos”³³⁰, escreveu ele, após

³²⁸ Cf. TURNER, Stephen. The Prague Spring and the Illusion of Transformational Politics: In Memory of Fred Eidlin. **Sociologický Časopis / Czech Sociological Review**, vol. 54, no. 3, 2018, pp. 464-470.

³²⁹ Cf. SZABO, Ladislao; SEGRILLO, Angelo; AQUINO, Maria Aparecida de; AUBERT, Gustavo. **Hungria 1956: e o muro começa a cair**. São Paulo: Contexto, 2006.

³³⁰ Do original: “Das grauenvolle Prager Geschehen wird nie vergessen werden.” BLOCH, Ernst. “Stalin – unüberwunden.” **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

resgatar a antiga crítica ao autocratismo prussiano e destacar, como epígrafe, uma frase proferida por Frederico Guilherme IV durante os levantes de 1848 que varreram a Europa, segundo a qual “somente soldados ajudam contra democratas”³³¹. Nas palavras de Bloch,

Stálin não era uma pessoa, ele é uma entidade não superada. Até o momento, esteve confinado principalmente à vida interna da Rússia, mas agora está se enfurecendo de forma mais penetrante e brutal do que nunca nessa nova colônia russa chamada Tchecoslováquia. Vai se acumulando mentira sobre mentira. A alegada salvação do marxismo é proclamada por aqueles mesmos que, guarnecidos com tanques e derramamento de sangue, na verdade estão operando como seus piores inimigos (...) diante dos olhos horrorizados das esquerdas em todo o mundo.³³²

Seguindo a mesma linha de raciocínio apresentada por Rudi Dutschke, Bloch acreditava que o atroz imperialismo soviético exibido na invasão de Praga naquele dia 21 de agosto de 1968 em nada devia à guerra operada pelos Estados Unidos no Vietnã. “Beneficiam-se disso apenas os matadores da Guerra Fria, que lentamente estão perdendo sua ressonância”, escreveu, “assim como seus colegas da invasão russa no outro extremo do mundo, no Vietnã.”³³³

³³¹ Do original: “Gegen Demokraten helfen nur Soldaten”. BLOCH. Ernst. “Stalin – unüberwunden.” **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

³³² Do original: “Stalin war keine Person, er ist eine unüberwindbare Einrichtung. Sie war bisher hauptsächlich aufs innere Leben in Rußland beschränkt, jetzt aber wütet sie penetranter und totaler als je in der neuen russischen Kolonie Tschechoslowakei. Lüge über Lüge kommt hinzu. Angebliche Rettung des Marxismus wird von denen ausgebrüllt, mit Panzern und Blutvergießen garniert, die in Wahrheit als seine schlimmsten Feinde und Diskreditierer vor den entsetzten Augen der Linken in der ganzen Welt tätig sind.” BLOCH, Ernst. “Stalin – unüberwunden.” **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

³³³ Do original: “Gewinn davon haben einzig die langsam resonanzloser gewordenen Matadoren des Kalten Krieges und die Kollegen des russischen Überfalls am anderen Ende

Por fim, Bloch sugeria uma nova perspectiva para a herança da Revolução de Outubro. Um olhar que fosse capaz de indicar a contramão do czarismo stalinista incrustado na burocracia soviética e de sustentar a força da utopia concreta representada pela Tchecoslováquia de Dubček. Tudo isto tendo em vista o horizonte de um “socialismo renovado”, democrático e humanista.

É importante enfatizar que a evolução tchecoslovaca em direção à liberdade e à democracia socialistas, apoiada com entusiasmo por todo o povo, começou e permanece como um assunto puramente interno ao socialismo. A intelectualidade da Tchecoslováquia agiu de maneira exemplar durante os protestos daqueles que sofrem. No momento, a *intelligentsia* tem a mão russa em seu pescoço, mas o bom senso continua a clamar. *O conteúdo da Revolução de Outubro não era o czarismo*. Com o mesmo direito, isso seria dirigido contra a atual presença russa em Praga (...). Admiração pelo bravo povo socialista da Tchecoslováquia, o futuro pertence a eles.³³⁴ (grifos nossos)

Em meio ao intenso agora daquele ano de 1968, Bloch bem que deve ter enxergado a esperança por uma fresta nos acontecimentos da República Socialista da Tchecoslováquia. Pois se, por um lado, é verdade que eles escancararam, de

der Welt in Vietnam.” BLOCH, Ernst. “Stalin – unüberwunden.” **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

³³⁴ Do original: “Wichtig ist nach wie vor zu betonen, daß die innertschechisch-slowakische, vom ganzen Volk begeistert wie begeisternd getragene Evolution zur sozialistischen Freiheit und Demokratie rein innerhalb des Sozialismus anging, blieb und bleibt. Die tschechoslowakische Intelligenzia wirkte auf vorbildliche Weise aufklärend im Protest derer, die eine gemeinsame Not leiden. Zur Zeit hat die Intelligenzia die russische Hand an der Gurgel, doch Vernunft schreit weiter. Zarismus war nicht der Inhalt der Oktober-Revolution. Diese hätte sich vielmehr genauso gegen das heutige Rußland in Prag gerichtet (...). Bewunderung dem tapferen sozialistischen tschechoslowakischen Volk, die Zukunft gehört ihm.” BLOCH, Ernst. “Stalin – unüberwunden.” **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

uma vez por todas, o processo de degradação pelo qual passava a União Soviética – “o que os russos fizeram em Praga foi o oposto absoluto do marxismo; foi o contrário do que significava a Revolução de Outubro”, como afirmou certa vez³³⁵–; por outro, eles também ostentaram um princípio básico daquela fenomenologia utópico-kairológica que está assentada sobre a premissa do “ainda não” (*Noch Nicht*). Trata-se da suspeita carregada de esperança e do impulso decisivo da utopia que jamais prescinde da observação de que “algo está faltando” (*Etwas Fehlt*).³³⁶

Ao se deixar “cair no agora”, foi da condição de historiador e intérprete do presente que, uma vez mais, Bloch ofereceu a crônica de um importante ponto de virada em outro amplo processo na história do breve século XX. 1968 definitivamente não terminou naquele ano. E a “pátria do socialismo” nunca mais foi a mesma.

³³⁵ TRAUB, Rainer; WIESER, Harald (Hrsg.). **Gespräche mit Ernst Bloch**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975, p.127-128.

³³⁶ BLOCH, Ernst; ADORNO, Theodor; KRÜGER, Horst. *Etwas fehlt: ein Gespräch zwischen Ernst Bloch und Theodor W. Adorno über die Widersprüche der utopischen Sehnsucht*. In: **Tendenz-Latenz-Utopie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1978.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa encruzilhada de tempos

Para falar à época é preciso saber ouvi-la.

(Marc Augé, 2011)

O que um alemão do século XX tem a nos dizer hoje? Mais do que justa, a pergunta permite ir além e pensar sobre o momento em que vivemos. Quais os pontos de contato entre os “tempos sombrios” vividos por Ernst Bloch e o nosso próprio tempo?

2022 é o ano que marca uma encruzilhada de tempos históricos no Brasil. Do passado, chegam datas e eventos importantes na constituição da memória nacional: 200 anos da Independência, 100 anos da Semana de Arte Moderna, 100 anos de fundação do Partido Comunista Brasileiro, 35 anos de instalação da Assembleia Nacional Constituinte de 1987, 10 anos da Lei de Cotas – Lei 12.771, de 2012. Por outro lado, vivemos um momento que exige a tomada de decisões fundamentais para os rumos do país. Um ponto para onde confluem os diferentes tipos de crise que temos atravessado na última década. 2022 é, portanto, um ano crítico, de tempo sob pressão³³⁷, carregado de possibilidades latentes e “historicidades kairológicas”.³³⁸ Ao que tudo indica um novo momento de virada em nossa história recente. No entanto, para onde foi o futuro?

³³⁷ Para o historiador Reinhart Koselleck, a ideia de crise “aponta para a pressão do tempo, por assim dizer, que constitui a compreensão do sentido do conceito”. Cf. KOSELLECK, Reinhart. Some Questions Regarding the Conceptual History of “Crisis”. In: **The practice of conceptual history: timing history, spacing concepts**. Stanford: Stanford University Press, 2002, p. 236-247, p. 238),

³³⁸ RAMALHO, Walderez Simões Costa. **Outros tempos, outras histórias: kairós, manifesto, crise**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mariana (MG), 2021.

A questão feita há mais de dez anos pelo antropólogo Marc Augé se mantém embaraçosamente atual.³³⁹ Acontece que ela recebe contornos mais agudos nesta mal entrada terceira década do século XXI. Pois se é verdade que, de um lado, ainda parece existir a hegemonia de um presente que satura o desejo de imaginar o futuro – a emergência do “novo tempo do mundo”³⁴⁰ elevada à enésima potência pelo advento da pandemia de Covid-19³⁴¹ –; de outro, o passado já não é mais escanteado para o depósito da obsolescência, mas continuamente reivindicado pelo afeto imediatista da nostalgia.³⁴²

Diante de um presente que deixa de ser pensado em sentido histórico, o historiador Timothy Snyder alerta para o risco de saltarmos da falta de imaginação do futuro, proporcionada pela “política da inevitabilidade”, para a consolidação da completa ausência de horizontes, resultante da “política da eternidade”.³⁴³ O

³³⁹ Cf. AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

³⁴⁰ Cf. ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo:** e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.

³⁴¹ Cf. PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MARQUES, Mayra de Souza; ARAUJO, Valdei Lopes. **Almanaque da Covid-19:** 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake um vírus real. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

³⁴² Basta reparar nos usos públicos cada vez mais recorrentes da expressão “*again*” ou “de novo”. Cf. BOYM, Svetlana. O mal-estar da nostalgia. Tradução de Marcelo Santos de Abreu e André de Lemos Freixo. **História da historiografia.** n.23, Ouro Preto, abril, 2017; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil, país do passado. In: STARLING, Heloisa Murgel; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição:** a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

³⁴³ SNYDER, Timothy. **Na contramão da liberdade:** a guinada autoritária nas democracias contemporâneas. Tradução de Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

autoproclamado “fim da História” que culmina, enfim, no arrasamento de qualquer resquício de consciência histórica. De Francis Fukuyama a Donald Trump. E, para Snyder, as grades de contenção para este salto só podem ser erguidas por uma via. “A história”, diz ele,

é – e deve ser – pensamento político, no sentido de ser capaz de abrir uma brecha entre a inevitabilidade e a eternidade, impedindo-nos de flutuar de uma para a outra, ajudando-nos a ver o momento em que podemos provocar mudanças.³⁴⁴

“O futuro não é mais o que era.”³⁴⁵ Nos “tempos estranhos” vividos no Brasil de hoje³⁴⁶, a conhecida máxima de Paul Valéry se estende aos demais estratos temporais. Nem futuro, nem presente, nem passado parecem ser exatamente o que eram. No entanto, continuam por aí, em intensa disputa. Entre o franqueamento público de discursos reacionários, surtos atualistas de infodemia e o assassinato da imaginação pelo império do metaverso, resta a sensação de um tempo em processo de apoptose. E, como já bem advertia Antonio Gramsci, é precisamente neste interregno crítico entre o velho que está morrendo e o novo que não pode nascer que “uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece”.³⁴⁷

³⁴⁴ SNYDER, Timothy. **Na contramão da liberdade**. p.23.

³⁴⁵ Do original: “L'avenir est comme le reste: il n'est plus ce qu'il était”. VALÉRY, Paul. **Œuvres**, tome II (Pléiade). Paris: Gallimard, 1960, p. 1690.

³⁴⁶ STARLING, Heloisa Murgel. Brasil, país do passado. In: **Linguagem da destruição**, p.74.

³⁴⁷ GRAMSCI, Antonio. **Selection from the Prison Notebooks**. Translated by Quintin Hoare and Geoffrey Nowell Smith. New York: International Publishers, 1971, p.275-276. Cf. FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: a encruzilhada da esquerda brasileira**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

Há quase cem anos, em 1923, Ernst Bloch publicava uma nova versão de seu primeiro livro, *Geist der Utopie (O Espírito da Utopia)*. Sob o título “Intenção” (*Absicht*), o texto começava com uma nota que dava o tom daquele que se tornaria um dos principais motivos de toda a sua obra. “Eu sou, nós somos”, escreveu. “É o bastante. Agora temos que começar. A vida foi entregue em nossas mãos.”³⁴⁸ Aí está contido o veio da ética utópico-kairológica presente na filosofia da história blochiana – e que buscamos mostrar ao longo deste trabalho.

Os tempos não eram menos estranhos na recém proclamada República de Weimar – e estavam carregados com o ar pesado da transição. Em uma Alemanha devastada pela guerra, ventos revolucionários sopravam do Leste. Enquanto isso, o ovo da serpente eclodia numa cervejaria de Munique. Nesta encruzilhada de tempos, Bloch girava a chave da questão e indicava a necessidade de se voltar para o aqui e agora, com o propósito (*Absicht*) de escrutinar o “instante vivido” – este que “há muito se tornou vazio” e “cambaleia insensatamente para frente e para trás”.³⁴⁹ E, assim, surgiu a proposta de um novo espírito utópico. Sabemos bem quais foram as escolhas feitas pela Alemanha nos anos seguintes. Não obstante, como certa vez afirmou o pensador Terry Eagleton, “a verdadeira esperança é mais necessária quando a situação é extrema”.³⁵⁰

³⁴⁸ Do original: “Ich bin. Wir sind. Das ist genug. Nun haben wir zu beginnen. In unsere Häden ist das Leben gegeben.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**. Zweite Fassung, Gesamtausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964, p. 11.

³⁴⁹ Do original: “Für sich selber ist es längst schon leer geworden. Es taumelt sinnlos hin und her, aber wir stehen fest, und so wollen wir ihm seine Faust und seine Ziele warden.” BLOCH, Ernst. **Geist der Utopie**, p. 11.

³⁵⁰ E emendou: “um estado que o otimismo geralmente não reconhece”. EAGLETON, Terry. **Hope without Optimism**. Virginia (USA): Yale University Press, 2015, p.5.

Caindo no agora. Brasil, junho de 2022.

Enquanto essa tese é concluída, o país vive um tempo sob pressão e caminha para um importante momento de decisão. Em alguns meses, deve ocorrer a mais importante eleição presidencial desde a promulgação da Constituição de 1988. Nesta encruzilhada, um integrante da mais alta corte do judiciário brasileiro – então presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) – não economiza nas cores benjaminianas do alarme de incêndio³⁵¹: “É convocatório o tempo do agora”, diz o ministro Edson Fachin. “É preciso reafirmar nossa esperança. (...) É que essa sociedade não convive com a ideia de retrocesso democrático. Nenhum recuo nesses valores pode ser admitido.”³⁵²

Dessa vez não contamos com o olhar retrospectivo de historiadores e historiadoras. Estamos no meio do turbilhão de acontecimentos, no intenso agora. Com algumas expectativas, mas sem muita condição de saber qual será o desfecho. Voltar a falar, a sério, de utopia e investigar traços do princípio esperança num presente que se mostra degradado não parecem más ideias. Entre as ruínas do século passado, brilha uma centelha.

³⁵¹ “Antes que a centelha chegue à dinamite, é preciso que o pavio que queima seja cortado.” BENJAMIN, Walter. Alarme de incêndio. In: **Rua de mão única** [Obras escolhidas, volume 2]. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 45.

³⁵² “‘Mentes autoritárias’ espalham desinformação, diz [Edson] Fachin”. **Poder 360**. Quinta-feira, 16 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/mentes-autoritarias-espalham-desinformacao-diz-fachin/> (Acesso em: 16 jun 2022).

BIBLIOGRAFIA

Obras de Ernst Bloch consultadas

[organizadas por ano de edição]

BLOCH, Ernst. **Kritische Erörterungen über Rickert und das Problem der modernen Erkenntnistheorie** Inaugural-Dissertation Veefasst und der Hohen" Philosophischen Fakultät der Kgl.Bayer.Julius-Maximilians – Universität Würzburg Zur Erlangung Der Doktorwürde Vorgelegt. Ludwigshafen Am Rhein, 7 Juli 1908.

_____. **Geist der Utopie**. München und Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1918.

_____. **Thomas Münzer als Theologe der Revolution**. München: Kurt Wolff Verlag, 1921.

_____. Kritik einer Prozesskritik (Hypnose, Mescaline und die Wirklichkeit). **Die Neue Weltbühne**, n. 10, Praga, 1937.

_____. **Avicenna und die Aristotelische Linke**. Berlin: Rütten & Loening, 1952.

_____. **Erbschaft dieser Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1962.

_____. **Geist der Utopie**. Zweite Fassung, Gesamtausgabe Band 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1964.

_____. O homem como possibilidade. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. **Tempo Brasileiro**, ano IV, n.8, Rio de Janeiro, 1966.

_____. Stalin – unüberwunden. **Die Zeit**, nr. 36, 6 September 1968.

_____. Aktualität und Utopie. Zu Lukács Geschichte und Klassenbewusstsein. In: **Philosophische Aufsätze zur objektiven Phantasie**. Gesamtausgabe, vol.10. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969.

_____. Differenzierungen im Begriff Fortschritt. In: Gesamtausgabe: **Tübinger Einleitung in die Philosophie**. v.XIII. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1970.

_____. **Thomas Münzer**: teólogo da revolução. Rio de Janeiro (GB): Edições Tempo Brasileiro, 1973.

TRAUB, Rainer; WIESER, Harald (Hrsg.). **Gespräche mit Ernst Bloch**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975.

_____. **L'esprit de l'utopie**. Traduit de l'allemand par Anne-Marie Lang et Catherine Piron-Audard. Paris: Gallimard, 1977.

_____. **Héritage de ce temps**. Traduit de l'allemand par Jean Lacoste. Paris: Payot, 1978.

_____. **Tendenz-Latenz-Utopie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1978.

_____. **Sujeto-objeto**: el pensamiento de Hegel. Traducción de Wenceslao Roces. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1983.

_____. **Spuren** (1910-1929). Werkausgabe Band 1. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

_____. **Kampf, nicht Krieg**: politischen Schriften 1917-1919. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.

_____. **Erbschaft dieser Zeit**. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1985.

_____. **Das Prinzip Hoffnung**. 3 Bände, Gesamtausgabe in 16 Bänden. Werkausgabe mit einem Ergänzungsband, Band 5 (suhrkamp taschenbuch wissenschaft). Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985.

_____. **Briefe**: 1903-1975. Frankfurt: Suhrkamp, 1985.

_____. **Zwischenwelten in der Philosophiegeschichte**. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1985.

_____. **Traces**. Traduit de l'allemand par Hans Hildenbrand et Pierre Quillet. Paris: Gallimard, 1998.

_____. **O princípio esperança**. Tradução de Nélío Schneider. 3 vol. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

_____. **Études critiques sur Rickert et le problème de la théorie moderne de la connaissance**. Traduction, introduction e notes par Lucien Pelletier. Paris: Éditions de la Maison de Sciences de l'Homme, 2010.

_____. **Rêve diurne, station début et utopie concrete**: Ernst Bloch en dialogue. Entretiens avec José Marchand en 1974. Traduit, présenté et annoté par Arno Münster. Paris: Éditions Lignes, 2016.

_____. **La lutte, pas la guerre**: écrits pacifistes radicaux. Édité et traduit par Lucien Pelletier. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 2018.

Referências bibliográficas

ABENSOUR, Miguel; ARANTES, Urias (Org.). **O novo espírito utópico**. Tradução de Claudio Stieltjes, Lucy R. de Moura, Lygia Watanabe, Urias Arantes. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.

ALBORNOZ, Suzana. **Ética e utopia**: ensaio sobre Ernst Bloch. Porto Alegre: Movimento; Santa Cruz do Sul (RS): Editora da UNISC, 2006.

_____. **Violência ou não-violência: um estudo em torno de Ernst Bloch**. Santa Cruz do Sul (RS): Edunisc, 2000.

ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental; Nas trilhas do materialismo histórico**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2004, p.50.

ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSAWM, Eric [et.al.] (Org.) **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. Vol.2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo**: e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Traduzido por Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Pensar sem corrimão**: Compreender (1953-1975). Edição e apresentação de Jerome Kohn. Tradução de Beatriz Andreiuolo, Daniela Cerdeira, Pedro Duarte, Virginia Starling. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012.

BARTONEK, Anders; BURMAN, Anders (Org.). **Hegelian marxism**: the uses of Hegel's philosophy in Marxist theory from Georg Lukács to Slavoj Žižek. Stockholm: Elanders, 2018.

BAYNES, Norman H. (Org.) **The speeches of Adolf Hitler**: April 1922 – August 1939. English translation of representative passages arranged under subjects and edited by Norman H. Baynes. Volume 1. New York: Howard Fertig, 1969.

BAUMAN, Zygmunt. **Retrotopia**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BECK, Humberto. **The moment of rupture**: historical consciousness in interwar german thought. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura [Obras Escolhidas, volume 1]. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Rua de mão única** [Obras escolhidas, volume 2]. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Passagens**. Edição alemã de Rolf Tiedemann; organização da edição brasileira de Willi Bolle; tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **O anjo da história**. Org. e trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **Origem do drama trágico alemão**. Edição e tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. **O capitalismo como religião**. Org. Michael Löwy; trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BIGNOTTO, Newton (Org.) **Matrizes do republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BISCHOF, Günter; KARNER, Stefan; RUGGENTHALER, Peter (ed.). Introduction and historical context. In: **The Prague Spring and the Warsaw Pact Invasion of Czechoslovakia in 1968**. Plymouth (UK): Lexington Books, 2010.

BLOCH, Jan Robert. How can we understand the bends in the upright gait? **New German Critique**, n. 45, 1988, p. 32.

BLOCH, Karola. **Aus meinem Leben**. Stuttgart: Neske, 1990.

BOCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Tradução de Raul Polillo. 2 vol. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOCHENSKI, J. M. **Soviet Russian Dialectical Materialism [Diamat]**. Translated from the German by Nicolas Sollohub. Dordrecht (Holland): D. Reidel Publishing Company, 1963.

BOLDYREV, Ivan. **Ernst Bloch and his contemporaries**: locating utopian messianism. London: Bloomsbury Academic, 2015.

BOURETZ, Pierre. **Testemunhas do futuro**: filosofia e messianismo. Tradução de J. Guinsburg, Fany Kon, Vera Lúcia Felício. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BOYM, Svetlana. O mal-estar da nostalgia. Tradução de Marcelo Santos de Abreu e André de Lemos Freixo. **História da historiografia**, n.23, Ouro Preto, abril, 2017.

BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco**: uma mensagem de paz para o mundo atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. **Ocidente sem utopias**. Tradução de Íris Fátima da Silva Uribe, Luis Uribe Miranda, Flávio Quintale. Belo Horizonte; Veneza: Âyiné, 2017.

CÂMARA, Dom Helder. "Escolas Superiores de Paz". Palestra proferida por Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife (Brasil), ao lhe ser conferido o doutorado "honoris causa", na Universidade Paris I (Pantheon-Sorbonne: Ciências Econômicas, Humanas, Jurídicas e Políticas), a 7 de março de 1975. Acervo CEPE (Companhia Editora de Pernambuco), Instituto Dom Hélder Câmara (IDHeC), Recife, PE, Brasil

CAMILLI, Coralie. **Le temps et la loi**. Paris: PUF, 2013.

CARVALHO, Bernardo. **O último gozo do mundo**: uma fábula. Companhia das Letras, 2021.

CASTORIADIS, Cornelius; LEFORT, Claude; MORIN, Edgar. **Maio de 68: A Brecha** 20 anos depois. Tradução de Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

COMBE, Sonia. **Une société sous surveillance**: les intellectuels et la Stasi. Paris: Albin Michel, 1999, p.63.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DEFOE, Daniel. **Diário do ano da peste**. Tradução de Henrique Guerra. Barueri (SP): Novo Século Editora, 2021.

DHILLON, Dharmender Singh. **A reconceptualization of utopia as akairological rupture**. A thesis submitted in candidature for the degree of Doctor of Philosophy. Cardiff University (UK), 2020.

DIETSCHY, Beat; ZEILINGER, Doris; ZIMMERMANN, Rainer E. (Hrsg.) **Bloch-Wörterbuch**: Leitbegriffe der Philosophie Ernst Blochs. Berlin: De Gruyter, 2012.

DONNE, John. "To Mr. Thomas Woodward ('Pregnant again')". **The complete poems of John Donne**. Edinburgh Gate (UK): Pearson Education Limited, 2010.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, v.4, n.1., UDESC, Florianópolis, jan-jun. 2012.

DOYLE, Arthur Conan. **Sherlock Holmes**: obra completa. Tradução de Louisa Ibañez, Branca de Villa-Flor, Edna Jansen de Mello, Áurea Brito Wissenberg, Arnaldo Viriato Medeiros, Flávio Mello e Silva, Luiz Orlando C. Lemos, Adailton J. Chiaradia e Myriam Ribeiro Güth. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

DUBOIS, Claude [et.al.]. **Nouveau Petit Larousse**. Paris: Librairie Larousse, 1968.

DUDEK, Wanilton. "Red fascists": anti-Nazi German under suspicion of the FBI. **História, Debates e Tendências**, vol.19, n.4, Passo Fundo, Rio Grande do Sul, dez. 2019.

DUTSCHKE, Rudi. **Mein langer Marsch**: Reden, Schriften und Tagebücher aus zwanzig Jahren. Herausgegeben von Gretchen Dutschke-Klotz, Helmut Gollwitzer und Jürgen Miermeister. Hamburg: Howohlt Verlag, 1980.

EAGLETON, Terry. **Hope without Optimism**. Virginia (USA): Yale University Press, 2015.

EINLENBERGER, Wolfram. **Tempos de mágicos**: a grande década da filosofia, 1919-1929. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2019.

ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha**. Tradução de B. A. Montenegro. Rio de Janeiro: Vitória, 1946.

ERNST, Anna-Sabine; KLINGER, Gerwin. Socialist Socrates: Ernst Bloch in the GDR. **Radical Philosophy**, n.84, July/August, 1997, pp.6-21.

EXTERCOETTER, Glaicon; MANOEL, Jonas Albino. **Análise de desempenho de uma linha de transmissão frente a descargas atmosféricas**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao colegiado de graduação em Engenharia Elétrica da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Eletricista. Tubarão (SC), 2020.

FEJTÖ, François. La tragédie tchécoslovaque et ses prolongements. In: **Histoire des démocraties populaires**: après Staline. (1953-1968). Paris: Éditions du Seuil, 1969.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FICHTER, Tilman P.; LÖNNENDONKER, Siegward. **Geschichte des SDS**: der Sozialistische Deutsche Studentenbund, 1946-1970. Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2017.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria** (1893-1895). Tradução de Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRÖLICH, Paul. **Rosa Luxemburgo**: pensamento e ação. Tradução de Nélio Schneider e Érica Ziegler. São Paulo: Boitempo, 2019.

FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. New York: The Free Press, 1992.

FURTER, Pierre. **Dialética da Esperança**: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALLO, Max. **Une femme rebelle**: vie et mort de Rosa Luxembourg. Paris: Éditions Fayard, 2000.

GAY, Peter. **A cultura de Weimar**. Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GEOGHEHAN, Vincent. **Ernst Bloch**. London: Routledge, 1996.

GILBERT, Martin & GOTT, Richard. **The appeasers**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1963.

GRAMSCI, Antonio. **Selection from the Prison Notebooks**. Translated by Quintin Hoare and Geoffrey Nowell Smith. New York: International Publishers, 1971.

GUIMARÃES, Juarez. **Democracia e marxismo**: crítica à razão liberal. São Paulo: Xamã, 1999.

HABERMAS, Jürgen. Un Schelling marxiste. In: **Profils philosophiques et politiques**. Traduit de l'allemand par Françoise Dastur, Jean-René Ladmiral et Marc B. de Launay. Paris: Gallimard, 1974.

_____. **Autonomy and Solidarity**. London: Verso, 1986

HARMAN, Chris. **The lost revolution**: Germany 1918-1923. Chicago: Haymarket Book, 2008.

HARTOG, François. **Régimes d'historicité**: présentisme et experience du temps. Paris: Éditions du Seil, 2003.

_____. **Evidência na história**: o que os historiadores veem. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira com a colaboração de Jaime A. Clasen. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HERODOTO. **Historia**. Libro I, Clío. Traducción y notas de Carlos Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **O novo século: entrevista a Antonio Polito**. Tradução de Cláudio Marcondes . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

HUDSON, Wayne. **The Marxist Philosophy of Ernst Bloch**. London: Palgrave Macmillan, 1982.

JACOBY, Russell. **Dialectic of defeat**. New York: Cambridge University Press, 1981.

_____. **Imagem imperfeita: pensamento utópico para uma época antiutópica**. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JAMESON, Fredric. **Marxism and form: 20th century dialectical theories of literature**. Princeton: Princeton University, 1971.

_____. **O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. **Arqueologias do futuro: o desejo chamado utopia e outras ficções científicas**. Tradução de Carlos Pissardo. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

JAY, Martin. **The dialectical imagination: a history of Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950**. Berkeley: University of California Press, 1973.

JEDRZEJEWSKI, Franck. Deleuze et la géométrie riemannienne: une topologie des multiplicités, In: JI, Lizhen; PAPADOPOULOS, Athanase; YAMADA, Sumio. (Org.) **From Riemann to Differential Geometry and Relativity**. New York: Springer International Publishing, 2017.

JEFFRIES, Stuart. **Grande Hotel Abismo**: a Escola de Frankfurt e seus personagens. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

JESI, Furio. **Spartakus**: simbologia da revolta. Tradução de Vinícius Nicastro Honeski. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

JURADO, Carlos. Caballero. **The german Freikorps**: 1918-1923. Oxford: Osprey Publishing, 2001.

KABAKOFF, Jakob (Org.). **Master of Hope**: selected writings of Naftali Herz Imber. New York: Herzi Press, 1985.

KAUTSKY, Karl. **Vorläufer des neueren Sozialismus**. Stuttgart: Nabu Press, 2011.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KOROL, Martin. **Deutsches Präexil in der Schweiz 1916-1918**: Hugo Balls Dadaismus und Ernst Blochs Opposition von außen gegen die deutsche Politik in der Schweiz während des Ersten Weltkrieges. Bremen, Tartu: Selbstverl, 1999.

KORSCH, Karl. **Marxismo e filosofia**. Apresentação e tradução de José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Parreira. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KROCHMALNIK, Daniel. Ernst Bloch Exkurs über di Juden. **Bloch-Almanach**, vol. 12, 1993.

KRUSCHEV, Nikita. On the Cult of Personality and Its Consequences. Khrushchev's Secret Speech delivered at the Twentieth Party Congress of the Communist Party of the Soviet Union, February 25, 1956. **History and Public**

Policy Program Digital Archive, From the Congressional Record: Proceedings and Debates of the 84th Congress, 2nd Session (May 22, 1956-June 11, 1956), C11, Part 7 (June 4, 1956), pp. 9389-9403.

LAERTE. **Manual do Minotauro**. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2021.

LEIBNIZ, Gottfried. **Discours de métaphysique: Essais de théodicée: Monadologie**. Présentation par Roger-Pol Droit. Traduit par Christiane Frémont e Jacques Brunschwig. Paris: Flammarion, 2008.

LENIN, Vladimir I. Sobre o significado do materialismo militante, 12 de março de 1922. Disponível em: http://www.scientific-socialism.de/LeninMaterialismoMilitanteCap1.htm#_ftn1 (acesso em: 25 jul. 2021)

_____. O marxismo e a insurreição: carta ao Comitê Central do POSDR. In: *Obras escolhidas*. Tomo 2. Lisboa: Edições Avante!; Moscou: Edições Progresso, 1977. P.308-312. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/09/27-1.htm> (acesso em: 25 jul. 2021).

LOPES, Frederico Alves; ARANHA, Antônia Vitória Soares. Pedagogia da utopia: um diálogo entre Paulo Freire e Ernst Bloch. **Movimento: Revista de Educação**. Ano 4, n.7, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017.

LOSURDO, Domenico. **O marxismo ocidental**: como nasceu, como morreu, como pode renascer. Tradução de Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira. São Paulo: Boitempo, 2018.

LOUREIRO, Isabel. **A revolução alemã**: 1919-1923, São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LÖWY, Michael. **Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários**. Tradução de Heloisa Helena A. Mello, Agostinho Ferreira Martins e Gildo Marçal Brandão. São Paulo: LECH Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

_____.; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contramão da modernidade. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin e Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. **Judeus heterodoxos**: messianismo, romantismo e utopia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. **Redenção e utopia**: o judaísmo libertário na Europa Central. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. **O cometa incandescente**: romantismo, surrealismo, subversão. São Paulo: 100/cabeças, 2020.

LUKÁCS, Györg. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Reboquismo e dialética**: uma resposta aos críticos de ‘História e consciência de classe’. Tradução de Nélio Schneider, Michael Löwy, Nicolas Tertulian. São Paulo: Boitempo, 2015.

LUXEMBURGO, Rosa. Order Prevails in Berlin (1919). In: SCOTT, Helen C.; LEBLANC, Paul (Org.). **Socialism and Barbarism**: the selected writings of Rosa Luxemburgo. London: Pluto, 2010.

LYOTARD, Jean-François. Puissance des traces ou contribution de Bloch à une histoire païenne. In : RAULET, Gérard. **Utopie-marxisme selon Ernst Bloch**. Paris : Payot, 1976.

_____. **La condition postmoderne**: rapport sur le savoir. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

MACHADO, Carlos Eduardo Jordão. *Um capítulo da história da modernidade estética*: debates sobre o expressionismo. São Paulo: Ed. Unesp, 2016.

_____. Ernst Bloch e “o sonho de alguma coisa”. In: ALMEIDA, Jorge de; BADER, Wolfgang (Org.). **Pensamento alemão no século XX**: grandes protagonistas e recepção das obras no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 175.

MACIEL, Marta Maria Aragão. Ernst Bloch e Walter Benjamin: reflexões acerca das afinidades eletivas. **Problemata**: Revista Internacional de Filosofia. Vol. 10., n.4, 2019, p.339-359.

MARQUES, Danilo Araujo. **No fio da navalha**: historicidade, pós-modernidade e fim da História. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

_____. Em busca do futuro perdido: Ernst Bloch, a história e a subterrânea “tradição da esperança”. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 10, n. 25, 26 mar. 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MASCARO, Alysson Leandro. **Utopia e direito**: Ernst Bloch e a ontologia jurídica da utopia. São Paulo: Quartier Latin, 2008.

_____. Ernst Bloch hoje. **Revista Dialectus**, Ano 10, n. 21, 2021.

MATOS, Olgária C. F. **Os arcanos do inteiramente outro**: a Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **O iluminismo visionário**: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MATRIX. Direção de Lana e Lily Wachowsky. Los Angeles: Village Roadshow; Silver Pictures, 1999 (136 min).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **As aventuras da dialética.** Tradução de Claudia Berlinder. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança.** São Paulo: Editora Teológica, 2004.

MÜNSTER, Arno. Un défenseur de l'utopie. **Le Monde**, vendredi, 7 mars 1975.

_____. **Ernst Bloch: messianisme et utopie**, Paris: PUF, 1989.

_____.; LÔWY, Michael; TERTULIAN, Nicolas (Org.) **Verdinglichung un Utopie: Ernst Bloch und Georg Lukács zum 100: Geburtstag.** Frankfurt: Sandler-Verlag, 1987; Cf. **Ernst Bloch un Georg Lukács: Dokumente zum 100: Geburtstag.** Budapest: MTA Filozofiai Intezet, Lukács-Archivum, 1984.

_____.; RECH, Hildemar Luiz. Entrevista com o prof. Arno Münster sobre o marxismo, educação e o conceito de utopia concreta em Ernst Bloch. (Entrevista: Prof. Dr. Arno Münster; Entrevista concedida ao Prof.Dr. Hildemar Luiz Rech). **Revista Labor**, v.1, n.1, Fortaleza, Ceará, 2008.

_____. **Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta.** São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. **Utopia, messianismo e apocalipse nas primeiras obras de Ernst Bloch.** Tradução de Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

_____. **L'utopie concrète d'Ernst Bloch: une biographie.** Paris: Éditions Kimé, 2001.

_____. **Principe Espérance ou Principe responsabilité: H. Jonas, G. Anders, E. Bloch.** Lormont: Le Bord de l'eau, 2011.

_____. **Figures de l'utopie dans la pensée d'Ernst Bloch.** Paris: Hermann, 2009.

_____. **Espérance, Rêve, Utopie dans la pensée d'Ernst Bloch**. Paris: Éditions L'Harmattan, 2015.

_____(Org.). **Ernst Bloch: du rêve à l'utopie, entretiens philosophiques**. Paris: Éditions Hermann, 2016.

_____(Org.). **Rêve diurne, station debout et utopie concrète: Ernst Bloch en dialogue**. Paris: Éditions Lignes, 2016.

MUSTO, Marcello. Karl Marx: o charme indiscreto da incompletude. **Revista Outubro**, n. 19, 1º semestre de 2011, p.58.

MUTTER, Moritz; SCHMIEDER, Falko. Return into exile: first letter to and from Ernst Bloch. In: KETTLER, David; DETLEF, Garz (Ed.). **First letters after exile by Thomas Mann, Hannah Arendt, Ernst Bloch, and others**. London: Anthem Press, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, vol.1. São Paulo: Selo Negro, 2008, p.31.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 2003.

NICHOLSON, Harold. **Diaries and Letters (1930-39)**, cit. em: DRINKWATER, Derek: **Sir Harold Nicolson and International Relations: The Practitioner as Theorist**. Oxford (UK): Oxford University Press, 2005.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NOIRIEL, Gérard. **Les fils maudits de la République**. Paris: Éditions Fayard, 2005.

NOVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições SESC-SP, 2013.

_____. **Mutações**: o novo espírito utópico. São Paulo: Edições SESC SP, 2016.

OCHOA, Maria Clotilde Rivera. **Estudio de la revista "Freies Deutschland"**, organo de difusion del movimiento "Alemania libre" en Mexico: 1941 – 1946. Inst. de Investigaciones Interculturales Germano-Mexicanas, 1995.

OLIVEIRA, Caroline Terra de; RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Interloquções teóricas entre Paulo freire e Ernst Bloch: diálogos acerca do Princípio e da Pedagogia da Esperança. **Educação: Teoria e Prática**. vol. 24, n. 46, Unesp, São Paulo, 2014.

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam. Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin. **Fragmentos**. nº 18, Florianópolis: jan/jun, 2000.

PADURA, Leonardo. **Estações Havana**. Tradução de Paulina Wacht, Ari Roitman, Rosa Freire D'Aguiar e Ivone Benedetti. 4 vol. São Paulo: Boitempo, 2016.

PALMIER, Jean-Michel. La traversée du siècle d'Ernst Bloch (II): l'après-guerre de Marcuse à Sartre. **Les Nouvelles Littéraires**, vol.54, nº 2531, 1976.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **A sedução da barbárie**: o marxismo na modernidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

PEGORARO, Olinto A. **Sentidos da história**: eterno retorno, destino, acaso, desígnio inteligente, progresso sem fim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

PELLETIER, Lucien. Bloch a la rencontre de la phénoménologie. **Bloch-Almanach**, vol.28, 2009.

_____. Pourquoi Bloch a-t-il fait sa thèse sur Rickert ? In: VIDAL, Francesca (Org.), **Bloch-Jahrbuch 2011** : Utopien von Zivilgesellschaft, Mössingen-Talheim, Talheimer Verlag, 2011.

_____. Les sources de la philosophie de l'histoire d'Ernst Bloch. **Revue Internationale de Philosophie**, nº 289, mars 2019.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; MARQUES, Mayra de Souza; ARAUJO, Valdei Lopes. **Almanaque da Covid-19**: 150 dias para não esquecer ou a história do encontro entre um presidente fake um vírus real. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Hélder Câmara**: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2010.

POCOCK, John. G. A. "Historia de las ideas, un estado del arte". *Prismas revista de historia intelectual*. n. 5, 2001.

POE, Edgar Allan. **Auguste Dupin**: o primeiro detetive. Tradução de Fátima Pinho e Oscar Nestarez. Barueri (SP): Novo Século, 2019.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **Outros tempos, outras histórias**: kairós, manifesto, crise. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mariana (MG), 2021.

_____. Reinterpreting the "times of crisis" based on the asymmetry between chronos and kairos. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, v. 14, n. 35, p. 115-144, 29 mar. 2021.

RAULET, Gérard (org.). **Utopie-marxisme selon Ernst Bloch**: un système de l'inconstructible. Payot: Paris, 1976.

REIS, José Carlos. **História da "consciência histórica" ocidental contemporânea**: Hegel, Nietzsche, Ricoeur. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RICOEUR, Paul. A realidade do passado histórico; O entrecruzamento da história e da ficção. In: **Tempo e narrativa**: tomo III. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

_____. **A ideologia e a utopia**. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SALLES, João Moreira. **No intenso agora**. Documentário. 127 min. Videofilmes: Rio de Janeiro, 2017.

SKINNER, Quentin. “Significado y comprensión em la historia de las ideas”. *Prismas Revista de historia intelectual*. n. 4, 2000.

SMITH, John E. Time, Times and the ‘Right Time’: ‘Chronos’ and ‘Kairos’. **The Monist**, Vol. 53, Issue 1, 1 January 1969.

SNYDER, Timothy. **On Tyranny**: twenty lessons from the Twentieth Century. New York: Tim Duggan Books, 2017.

STARLING, Heloisa Murgel, **A liberdade era amável**: a formação da linguagem do republicanismo na América portuguesa (séculos XVII e XVIII). Belo Horizonte: UFMG, 2013. Tese (Titular em História do Brasil).

_____. A democracia morre no fim deste enredo. **Quatro Cinco Um**, ano 6, n. 55, março de 2022.

_____.; LAGO, Miguel; BIGNOTTO, Newton. **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SZABO, Ladislao; SEGRILLO, Angelo; AQUINO, Maria Aparecida de; AUBERT, Gustavo. **Hungria 1956**: e o muro começa a cair. São Paulo: Contexto, 2006.

TILLICH, Paul. **The Protestant Era**. Translated by James Luther Adams. Chicago: University of Chicago Press, 1957.

TRAVERSO, Enzo. **A melancolia de esquerda**: Marxismo, História e Memória. Tradução de André Bezamat. Belo Horizonte: Veneza: Editora Âyiné, 2018.

TURNER, Stephen. The Prague Spring and the Illusion of Transformational Politics: In Memory of Fred Eidlin. **Sociologický Časopis / Czech Sociological Review**, vol. 54, no. 3, 2018, pp. 464-470.

VAGUE, Tom. *Televisionaires: the Red Army Faction Story, 1963-1993*. San Francisco: AK Press, 1994.

VALÉRY, Paul. **Œuvres** (Pléiade), tome II. Paris: Gallimard, 1960.

VARES, Luiz Paulo de Pilla. As ideias de Maio. In: PONGE, Robert (Org.). **1968: o ano das muitas primaveras**. Porto Alegre: FCM, 2018.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e na cultura pós-moderna. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VELLOSO, Rita. **Urbano-constelação**. Belo Horizonte: Cosmópolis, 2022.

VILELA, Daniel Marques. **Utopias esquecidas**: origens da Teologia da Libertação. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

WEBER, Marianne. **Max Weber**: a biography. Translated and edited by Harry Zohn. New Brunswick: Transaction Books, 1988.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin**: uma biografia. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ZIMMER, Jörg. Progresso e recordação em Ernst Bloch e Walter Benjamin. In: MACHADO, Carlos Eduardo Jordão; MACHADO Jr., Rubens; VEDA, Miguel (Org.). **Walter Benjamin: experiência histórica e imagens dialéticas**. Tradução de Marlene Holzhausen, Carlos Eduardo J. Machado, Artur S. Bez, Fábio R. Uchôa e Rafael M. Zanatto. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real**. Tradução de Paulo Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. **Vivendo no fim dos tempos**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo, Boitempo: 2012.

_____.; THOMPSON, Peter. The privatization of hope: Ernst Bloch and the future of utopia. Durham, NC: Duke Universtiy Press, 2013.

_____. **Acontecimento**: viagem filosófica através de um conceito. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.